

PURITANOS OU VENDILHÕES? EIS A GRAVE QUESTÃO!

APONTAMENTOS PALPITANTES
SOB A PERSPECTIVA ESPÍRITA

Jorge Hessen

2014

Data da publicação: 05 de julho de 2011

CAPA: Irmãos W.
REVISÃO: Irmãos W.
PUBLICAÇÃO: www.autoresespiritasclassicos.com
São Paulo/Capital
Brasil

Dedicatórias

Conhecem-se os legítimos idealistas pelas coesas opiniões que enunciam e Jorge Hessen representa um aguerrido escritor espírita da atualidade. Através dos seus estudos e pesquisas tem o contribuído para a divulgação dos mandamentos do Cristo sob a perspectiva espírita, confortando os homens que ignoram a verdadeira finalidade da presente reencarnação.

(Irmãos W.)

Explicação preliminar

Jorge Hessen, escritor espírita, analisa temas da atualidade tendo como objetivo a difusão da Doutrina Espírita, destacando na medida do possível os ditames da reencarnação e da imortalidade da alma.

Seus artigos sugerem melhor entendimento da vida imortal e devem ser apreciados por pessoas que não se contentam com superficialidade da vida regida pela tirania do materialismo.

*

> "Obrigação principal do espírita é zelar pelo seu tesouro: a Doutrina Espírita. Mas, para isso, ele deve estudá-la, conhecê-la bem, pois, do contrário, como haverá de zelar por ela? O Espiritismo não é apenas uma eclosão mediúnica, não é somente manifestações de espíritos. É a Doutrina do Consolador, do Espírito da Verdade, do Paráclito, prometida e enviada pelo Cristo para nos orientar"
>
> (Herculano Pires)

*

Fontes da consulta
A Luz na Mente » Revista on line de Artigos Espíritas
http://jorgehessen.net/

E.mail de contacto do autor
jorgehessen@gmail.com

Índice

Apresentação do autor

Jorge Luiz Hessen nasceu no antigo Estado da Guanabara, atual Rio Janeiro, no dia 18 de agosto de 1951. Vive a vida inerente àqueles que vieram ao mundo a fim de despertar para um projeto mais alto, acima dos prazeres da Terra. Teve uma infância pobre, de pais separados, com mais dois irmãos. Na juventude teve seu primeiro contato com fatos da mediunidade através de uma incorporação de seu irmão mais novo. Ficou impressionado, pois sabia que o irmão seria incapaz de dissimular um fenômeno de tal magnitude. Aquele episódio o levaria, mais tarde, a chegar às portas dos princípios codificados por Allan Kardec.

Aos 20 anos de idade ingressou, por concurso, no serviço público, onde até hoje permanece. Foi durante 5 anos diretor do INMETRO no Estado de Mato Grosso. Executou serviços profissionais junto à Universidade de Brasília, durante 4 anos, na condição de coordenador de provas práticas de concursos públicos realizados pelo CESP.

Consorciou-se com Maria Eleusa aos 26 anos de idade. É pai de quatro filhos, sendo uma das filhas (a mais velha) portadora de lesão cerebral. Na maturidade da vida teve oportunidade de fazer cursos superiores. Possui a Licenciatura de História e Geografia pelo UniCEUB (Centro Universitário de Brasília).

Sua vida espírita nesses mais de 30 anos de Doutrina perfez conteúdos de muitas faculdades. Participou da fundação de alguns centros espíritas em Brasília e Cuiabá-MT, onde teve publicado, em 1991, o livro "Praeiro - Peregrino da Terra do Pantanal". Começou seu trabalho de divulgação ainda jovem em todo DF. Engajou como articulista espírita, tornando-se sólido esse fato em Cuiabá, quando publicava "Luz na Mente", um periódico que veio satisfazer o seu ideal na Divulgação Espírita.

Foi redator e diretor do Jornal "União da Federação Espírita"

do DF. Vinculado a vários órgãos divulgadores da Doutrina Espírita, a exemplo de "Reformador" da FEB, "O Espírita" do DF, "O Médium" de Juiz de Fora/MG e palestrante nos mais diferentes lugares de DF, tem a oportunidade de levar a mensagem espírita às cidades próximas de Brasília, como Anápolis, Cidade Ocidental e outras.

Sua diretriz inabalável continua sendo o compromisso de fidelidade a Jesus e a Kardec.

Maria Eleusa de Castro (esposa de Jorge Hessen)

Prefácio

A Moral Mediúnica não se impõe de maneira coercitiva ou ao tilintar das moedas, esclarece Herculano Pires.(1) Só existe realmente uma maneira de se conseguir passaporte para o "Céu": a prática da caridade cristã humilde, silenciosa e secreta, sem alardes e intenções mercenárias. Esse é um dos princípios mais exigentes da Moral Mediúnica, que substitui o sacerdócio remunerado pelo mediunato gratuito. Portanto, o Médium não pode vender o que não é dele, não pode extorquir dinheiro do próximo.

A gratuidade estabelecida por Kardec na prática espírita tornou-se o princípio básico da ética doutrinária, fundamentada nos Evangelhos. O médium, o orador, o doutrinador, todos os que dão assistência espiritual individualmente, em sentido religioso nada podem cobrar.

Obviamente longe do campo espiritual e religioso não existe o princípio da gratuidade. Mas na prática espírita deve prevalecer o dar de graça o que de graça recebemos. A finalidade desse princípio é evitar a institucionalização religiosa do Espiritismo em forma de igreja, evitar o comércio religioso, a simonia das igrejas. Porque um orador pago ou um médium pago expõe-se à tentação de transformar a doutrina em meio de vida. Dessa tentação pode nascer a profissionalização religiosa, que acabaria subordinando a própria doutrina aos interesses financeiros.

Onde entra o lucro e o interesse pessoal, desaparece a abnegação e com ela a mais alta virtude espírita que é a doação de si mesmo em favor da causa humanitária. Não se trata de um princípio religioso, mas de uma medida ética em defesa da pureza da prática espírita. O homem sofre a hipnose da moeda, o dinheiro o alucina e o transforma em desonesto. São poucos os que resistem a esse poder do dinheiro, que na verdade não está no dinheiro mas na alma gananciosa e

vaidosa. Há casos espantosos de instituições que se enriqueceram e esqueceram as suas próprias finalidades, transformando-se em verdadeiras casas comerciais, onde o interesse financeiro se sobrepõe aos interesses sagrados da doutrina.

Felizmente a maioria dos médiuns têm resistido a essas tentações e triunfado dignamente. Obviamente não se pode manter um hospital, uma creche, um orfanato espírita, sem a contratação de profissionais de várias categorias, espíritas ou não, que darão a sua força de trabalho devidamente remunerada. Mesmo nesses casos há gestos de abnegação de espíritas que se dedicam à execução de serviços gratuitos, muitas vezes recebendo o salário e devolvendo-o no todo ou em parte aos cofres da instituição como doação. Não estão obrigados a isso, mas o fazem na intenção de melhor colaborar com as instituições, convictos da sua importância e necessidade.

São Paulo, 05 de julho de 2011

Irmãos W e Jorge Hessen

Referência:

(1) Pires J. Herculano. MEDIUNIDADE - (Vida e Comunicação) - Conceituação da Mediunidade e Análise Geral dos seus Problemas Atuais, Cap. 9, São Paulo: EDICEL, 1984.



Puritanos ou vendilhões? Eis a grave questão!

Assistimos pelo youtube uma entrevista de um médium espírita e ficamos estupidificados com as suas declarações. Primeiro, pela maneira presunçosa de como foram tratados os confrades que se posicionam contra a INDUSTRIALIZAÇÃO DE EVENTOS "ESPÍRITAS"; depois, pela forma desdenhosa de como se referiu aos espíritas de baixo salários e os desempregados (pobres), dizendo que na instituição que dirige são realizadas semanal e "gratuitamente" 4 (quatro) reuniões públicas doutrinárias, 8 (oito) reuniões mediúnicas, 8 (oito) módulos de estudos espíritas, além de outros trabalhos de grande relevância doutrinária. Todavia, muitos espíritas simplesinho (pobres) não participam, porque não querem. Contudo, referindo-se ao evento que será realizado no hotel luxuoso sob sua coordenação, afirmou que quem não pode pagar também não pode frequentar. Sabe por quê? Porque os eventos são negociados através de "pacotes fechados" entre a instituição que dirige e os hotéis promotores. O médium esqueceu-se de que a lídima divulgação não exclui pessoas, não impõe condições, não faz peditórios, justamente para fugirmos dos equívocos cometidos por outras religiões e credos.

Martinho Lutero dizia que "não são as boas obras que tornam o homem bom, o homem bom é que faz as boas obras." (1) O sistema elitista e o assistencialismo cego assemelham-se à dança em torno do bezerro dourado a que se entregou o povo hebreu, quando a caminho do paraíso prometido.

Durante a entrevista, o médium procurou relativizar a advertência de Jesus – "dai de graça o que de graça

recebeste". Para ele, o que importa é dar um ar de grandiosidade à divulgação espírita, como se a importância da mensagem espírita estivesse atrelada às exterioridades, a títulos, aos locais elegantes onde ela é pronunciada.

A mediunidade com Jesus não se relativiza. O "dai de graça ao que de graça recebemos" não pode ser deformado. O Espiritismo é a disseminação da palavra de consolo tal como Jesus nos ensinou, tal como Ele pregava, tal como Kardec esperava, tal como Chico Xavier exemplificou, para todos e ao alcance de todos. O entrevistado enfatizou a palavra "colaboração" para justificar o pagamento das taxas de ingresso, alegando que, se o interessado declarar que é pobre, não é restringido o seu acesso por causa do fator financeiro. Sabemos que isso não é verdade! Ou pelo menos é meia verdade. (Ora! Será que um espírita desempregado precisará apresentar atestado de pobreza?).

E, para justificar seus arrazoados na entrevista, sempre em intransigente defesa do comércio dos eventos "espíritas", classificou de puritanos (?!...) os que discordam da cobrança de taxas para os eventos destinados à divulgação do Espiritismo. Mas, os "puritanos", não podemos nos intimidar com os sofismas das sombras. Devemos caminhar de olhos voltados para as coisas do firmamento, e mãos operosas na Terra, lembrando que menos pesa na consciência o epíteto de puritanos do que de vendilhões das coisas santas!

O Cristianismo primitivo, pela simplicidade dos primeiros núcleos cristãos, foi conquistando integralmente a sociedade de sua época, mas, com o passar dos séculos, desgastou-se doutrinariamente. Conspurcou-se por imposição dos interesses políticos, institucionais e principalmente financeiros (industrialização da cruz).

É bastante preocupante e gravíssimo o ideal dos festivais de ofertas de pacotes para tour doutrinários. Para quem desconhece o fato, informamos (de graça) que há encontros

“espíritas” realizados em instalações de luxuosos hotéis 5 estrelas ao “irrisório” preço de R$. 1.600,00 (em média). Se colocarmos na ponta do lápis a arrecadação final, considerando a participação de 300 pessoas (por baixo), chegaremos ao montante de quase meio milhão de reais. Isso apenas para um evento de três dias.

Fomos instados a procurar pela Internet outros eventos “espíritas” para 2011. Encontramos congressos, seminários, fóruns, cursos espíritas, simpósios de profissionais “espíritas” etc, todos eles com fichas de inscrição caracterizadas por ENTRADAS NÃO GRATUITAS.

É evidente que essas práticas, em nome de Kardec, têm fragilizado as bases da Doutrina dos Espíritos, provocando rachaduras no edifício doutrinário. Há desmesurada distância entre aqueles simples bancos e cadeiras de madeira do Grupo Espírita da Prece de Uberaba e os soberbos hotéis que servem de tablado para espetáculos de oradores que, absortos em suas insânias dinásticas, veiculam temas decorados apoiados nas suas memórias privilegiadas.

Na imprudência, disfarçada por envernizada prática assistencialista, pregam "Espiritismo" com rebuscadíssimos verbos e palavras, e ainda contam as moedas douradas arrecadadas, de mãos unidas com "Mamon". As extravagantes taxas cobradas nesses eventos evidenciam uma grave metástase doutrinária, com fulminantes consequências para o futuro do Espiritismo na Pátria do Evangelho.

Nem é necessário fazermos um esforço descomunal para identificar o abismo existente entre o "Espiritismo" e o "movimento espírita". É lamentável que o movimento doutrinário atual esteja navegando nas mesmas águas que transferiram o cristianismo primitivo das casas de simples pescadores, lavadeiras, operários, para a suntuosidade dos hotéis, centros de convenções e outros grandes edifícios religiosos.

Os defensores da não gratuidade dos eventos espíritas escudam-se na alegação de que há confrades que frequentam o centro espírita anos a fio e nem perguntam como contribuir com a conta de luz ou com os gastos com o papel higiênico e ficam esperando receber sem nada retribuir. Proclamam o argumento de que a comunidade espírita é o segundo maior PIB entre os religiosos (de acordo com o IBGE), perdendo apenas para os judeus, e os espíritas não gostam de colocar a mão no próprio bolso para a obra espírita. Será esse o real motivo para a cobrança dos eventos doutrinários?

Infelizmente, o Espiritismo das origens, tal como Chico pregava, parece não mais fazer sentido, mormente para os mais afamados representantes do movimento. Assistimos ao sepultamento da simplicidade da Terceira Revelação no jazigo dourado da espetacularização da oratória, dos aplausos provindos da massa entusiasta e inconsciente, das ovações delirantes, dos elogios soberbos e extravagantes. Por essas e outras razões disse o Mestre: "ouça quem tem ouvidos de ouvir e veja quem tem olhos de ver".(2)

Chico Xavier advertia há 30 anos "é preciso fugir da tendência à 'elitização' no seio do movimento espírita (...) o Espiritismo veio para o povo. É indispensável que o estudemos junto com as massas mais humildes, social e intelectualmente falando, e delas nos aproximemos (...). Se não nos precavermos, daqui a pouco estaremos em nossas Casas Espíritas, apenas, falando e explicando o Evangelho de Cristo às pessoas laureadas por títulos acadêmicos ou intelectuais (...)." (3)

Quando escrevemos o artigo "INDUSTRIALIZAÇÃO DE EVENTOS ESPÍRITAS "GRANDIOSOS", o ex-reitor da Universidade Federal de Juiz de Fora, e escritor espírita, José Passini, afirmou: "Seu artigo, Jorge Hessen, deveria ser eternizado em placa de bronze e distribuído às instituições espíritas. Você acertou em cheio no monstro que

desgraçadamente cresce em nosso meio."(4) Talvez a espiritualidade, consciente dos despropósitos dos eventos pagos esteja de alguma forma nos alertando para um tempo de profundas mudanças. Que seja assim!

Referências bibliográficas:

(1) http://pensador.uol.com.br/frase/NTg0MzY0/.acesso em 11/05/2011.

(2) Lucas 8:8.

(3) Entrevista concedida ao Dr. Jarbas Leone Varanda e publicada no jornal uberabense O Triângulo Espírita, de 20 de março de 1977, e publicada no Livro intitulado Encontro no Tempo, org. Hércio M.C. Arantes, Editora IDE/SP/1979.

(4)http://jorgehessenestudandoespiritismo.blogspot.com/.../jose-passini-apoia-nossos-argumentos.html, acesso em 11-05-2011.



Cobrança de taxas e elitização do espiritismo

Industrialização de eventos espíritas "grandiosos”

Allan Kardec escreveu na RE de novembro de 1858, que "jamais devemos dar satisfação aos amantes de escândalos. Entretanto, há polêmica e polêmica. Há uma ante a qual jamais recuaremos — é a discussão séria dos princípios que professamos." É isto o que chamamos polêmica útil, pois o será sempre que ocorrer entre gente séria, que se respeita bastante para não perder as conveniências. Podemos pensar de modo diverso sem diminuirmos a estima recíproca.

Que os dirigentes espíritas, sobretudo os comprometidos com órgãos “unificadores”, compreendam e sintam que o Espiritismo veio para o povo e com ele dialogar, conforme lembrava Chico Xavier. Devemos primar pela simplicidade doutrinária e evitar tudo aquilo que lembre castas, discriminações, evidências individuais, privilégios injustificáveis, imunidades, prioridades, industrialização dos eventos doutrinários.

Os eventos devem ser realizados, gratuitamente, para que todos, sem exceção, tenham acesso a eles. Os Congressos, Encontros, Simpósios, etc., precisam ser estruturados com vistas a uma programação aberta a todos e de interesse do Espiritismo, e não para servirem de ribalta aos intelectuais com titulação acadêmica, como um "passaporte" para traduzirem "melhor" os conceitos kardecianos. Não há como “compreender o Espiritismo sem Jesus e sem Kardec para todos, com todos e ao alcance de todos, a fim de que o projeto da Terceira Revelação alcance os fins a que se propõe.” (1)

"A presença do elitismo nas atividades doutrinárias (...) vai expondo-nos a dogmatização dos conceitos espíritas na forma do Espiritismo para pobres, para ricos, para intelectuais, para incultos." (2) Infelizmente, alguns se perdem nos labirintos das promoções de shows de elitismo nos chamados "Congressos". Patrocinam eventos para espíritas endinheirados, e, sem qualquer inquietação espiritual, sem quaisquer escrúpulos, cobram altas taxas dos interessados, momento em que a ideia tão almejada de "unificação" se perde no tempo. Conhecemos Federativa que chega a desembolsar R$. 90.000,00 (noventa mil reais); isso mesmo! 90 mil, para promover evento destinado a 3, 4, 5.000 (cinco mil) pessoas. A pergunta que não quer calar é: será que o Espiritismo necessita desses eventos "grandiosos"? Cobrar taxa em eventos espíritas é incorrer nos mesmíssimos e seculares erros da Igreja, que, ainda, hoje, cobra todo tipo de serviço que presta à sociedade. É a elitização da cultura doutrinária.

Sobre isso, Divaldo Franco elucida na Revista O Espírita, edição de 1992, o seguinte: "é lentamente que os vícios penetram nos organismos individuais e coletivos da sociedade. A cobrança desta e daquela natureza, repetindo velhos erros das religiões ortodoxas do passado, caracteriza-se ambição injustificável, induzindo-nos a erros que se podem agravar e de difícil erradicação futura. Temos responsabilidade com a Casa Espírita, deveres para com ela, para com o próximo e, entre esses deveres, o da divulgação ressalta como uma das mais belas expressões da caridade que podemos fazer ao Espiritismo, conforme conceitua Emmanuel, através da mediunidade abençoada de Chico Xavier. Nos eventos essencialmente espíritas, deveremos nós, os militantes na doutrina, assumir as responsabilidades, evitando criar constrangimentos naqueles que, de uma ou de outra maneira, necessitem de beneficiar-se para, em assimilando a doutrina, libertarem-se do jogo das paixões, encontrando a verdade. O

dar de graça, conforme de graça nos chega, é determinação evangélica que não pode ser esquecida, e qualquer tentativa de elitização da cultura doutrinária, a detrimento da generalização do ensino a todas as criaturas, é um desvio intolerável em nosso comportamento espírita." (3)

As Federativas Espíritas devem envidar todos os esforços para que não haja a necessidade de qualquer cobrança de taxa de inscrição dos participantes de Congressos, exceto em casos extremos (o que não é desejável obviamente), procurando fazer frente aos custos do evento. Para esse mister devem buscar viabilizar, previamente, os recursos financeiros através de cotização espontânea de confrades bem aquinhoados. Realizar promoções, doutrinariamente, recomendáveis para angariar fundos. Os dirigentes devem preservar o Espiritismo contra os programas marginais, atraentes e, aparentemente, fraternistas, que nos desviam da rota legítima para as falsas veredas em que fulguram nomes pomposos e siglas variadas.

A Doutrina Espírita é o convite à liberdade de pensamento, tem movimento próprio, por isso, urge deixar fluir naturalmente, seguindo-lhe a direção que repousa, invariavelmente, nas mãos do Cristo. Chico Xavier já advertia, em 1977, que "É preciso fugir da tendência à 'elitização' no seio do movimento espírita (...) o Espiritismo veio para o povo. É indispensável que o estudemos junto com as massas mais humildes, social e intelectualmente falando, e deles nos aproximarmos (...). Se não nos precavermos, daqui a pouco, estaremos em nossas Casas Espíritas, apenas, falando e explicando o Evangelho de Cristo às pessoas laureadas por títulos acadêmicos ou intelectuais (...)." (4)

Não reprovamos os Congressos, Simpósios, Seminários, encontros necessários à divulgação e à troca de experiências, mas, a Doutrina Espírita não pode se trancar nas salas de convenções luxuosas, não se enclausurar nos anfiteatros acadêmicos e nem se escravizar a grupos fechados. À

semelhança do Cristianismo, dos tempos apostólicos, o Espiritismo é dos Centros Espíritas simples, localizados nos morros, nas favelas, nos subúrbios, nas periferias e cidades satélites de Brasília; e não nos venham com a retórica vazia de que estamos propondo, neste artigo, alguma coisa que lembre um tipo de "elitismo às avessas". Graças a Deus (!), há muitos Centros Espíritas bem dirigidos em vários municípios do País. Por causa desses Núcleos Espíritas e médiuns humildes, o Espiritismo haverá de se manter simples e coerente, no Brasil e, quiçá, no Mundo, conforme os Benfeitores do Senhor o entregaram a Allan Kardec. Assim, esperamos!

Referências bibliográficas:

(1) Cf. Entrevista concedida ao Dr. Jarbas Leone Varanda e publicada no jornal uberabense O Triângulo Espírita, de 20 de março de 1977, e publicada no Livro intitulado Encontro no Tempo, org. Hércio M.C. Arantes, Editora IDE/SP/1979

(2) Editorial da Revista O Espírita, ano 11 numero 57 - jan/mar/90.

(3) Revista O Espírita/DF, ano 1992- Página "Tribuna Espírita" – Divaldo Responde pág. 16

(4) Entrevista concedida ao Dr. Jarbas Leone Varanda e publicada no jornal uberabense O Triângulo Espírita, de 20 de março de 1977, e publicada no Livro intitulado Encontro no Tempo, org. Hércio M.C. Arantes, Editora IDE/SP/1979.



Taxas em eventos espíritas ou alfândega da fé "raciocinada"(!?)

Considerações sobre cobrança de taxas em eventos espíritas (*)

No mês de fevereiro de 1994, o Conselho Federativo Estadual da Federação Espírita do Paraná esteve reunido em Curitiba. Na ocasião, dentre os variados assuntos tratados, veio à baila a questão da cobrança de taxa de inscrição em eventos espíritas, prática que vai se tornando comum no Brasil. O Conselho paranaense, então, após catalogar os tipos de promoções doutrinárias mais comuns no Estado, quais sejam, segundo seu entendimento: conferências, seminários e encontros de estudo, considerou que há situações em que determinada promoção pede uma infra-estrutura diferenciada para acolher os participantes, como, por exemplo, estadia, alimentação, apostilas, aluguéis de recintos, o que, por conseguinte, amplia as exigências, inclusive financeiras.

Diante disso, entendeu por bem o colegiado em delinear a seguinte normativa, que deverá funcionar como regra aos órgãos integrantes do sistema federativo (FEP, seus departamentos e as Uniões Regionais Espíritas), e como sugestão de procedimentos aos Centros Espíritas:

1. Patrocinar, apoiar ou promover eventos fundamentalmente espíritas.

2. Os órgãos ou entidades promotoras do evento devem envidar todos os esforços para que não haja a necessidade de eventual cobrança de taxa de inscrição dos participantes, procurando fazer frente aos custos do evento, notadamente

para com aqueles que digam respeito diretamente com a parte doutrinária, propriamente dita. Para tanto, planejar a sua realização na data e no intervalo de tempo certo, dentro das reais necessidades do Movimento Espírita local, desconsiderando as pretensões de realizações sem objetivos bem definidos de difusão ou intempestivas. Estruturar o programa primando pela simplicidade, minimizando os custos, sem perder de vista a sua qualidade, dando-lhe local (cidade e auditório), carga horária e infra-estrutura adequada, porém, somente de acordo com o essencial. Buscar viabilizar previamente os recursos financeiros através de cotização espontânea de confrades. Em não sendo suficiente, e para não onerar demasiadamente alguns poucos, realizar promoções doutrinariamente recomendáveis para angariar fundos, com a participação, preliminarmente, da comunidade espírita, e depois, em ainda persistindo a necessidade, da comunidade não-espírita.

3. Quando o evento pretendido efetivamente exija uma infra-estrutura, sem a qual esse fique impraticável, e, por conseguinte, as disponibilidades para cobertura do seu custo essencial ainda apresentem-se insuficientes, mesmo após praticado todo disposto no item anterior, somente aí, então, lançar mão da fixação de valor a ser cobrado a título de inscrição, tendo como parâmetro máximo a verba faltante, tão-somente, e dando a possibilidade de opção por parte daqueles que desejem ou não usufruir de determinados itens da infra-estrutura, como refeição e alojamento, por exemplo, e jamais fazer dela um instrumento impeditivo de, quem quer que seja, participar do evento doutrinário, propriamente entendido (a palestra, o seminário, etc.).

4. Trabalhar o entendimento dos confrades anfitriões de que, em nome da fraternidade cristã, devem propiciar a hospedagem domiciliar dos participantes do evento, dentro das suas possibilidades, especialmente dos que exijam atendimento

diferenciado, tais como acompanhados com filhos pequenos; aqueles em idade mais avançada e/ou com dificuldades de saúde, sob dietas alimentares ou medicamentosas especiais; as senhoras grávidas; os que se pressupõem passarem por dificuldades financeiras, etc.

5. Em se tratando de órgão federativo, não promover evento doutrinário com renda em favor de uma determinada instituição social, primeiro porque tal tipo de evento não deve se prestar a isto e, segundo, lembrar que todas as demais organizações também fazem parte do Movimento Espírita e a Federação não pode agir discricionariamente, já que são todas merecedoras por igual. Promover, se assim entendido por bem, eventos próprios para tal fim, de iniciativa e responsabilidade da Instituição, desde que doutrinariamente embasados. Considerar que os fins não justificam os meios.

Clareando ainda mais o documento, deve-se entender, para os fins que ele se propõe:

* Patrocínio: Custeio de um evento para fins de divulgação doutrinária.

* Apoio: Auxílio financeiro e/ou de outra natureza para determinado evento doutrinário.

* Promoção: Propaganda direta ou indireta de eventos doutrinários.

Com tais medidas, sem a pretensão de se ter esgotado o assunto, a Federação Espírita do Paraná espera que a divulgação doutrinária se dê cada vez em maior profusão, sempre em lídimas bases, das quais, as ações administrativas também fazem parte.

Anexo 03

Os fins não justificam os meios

Existe o conceito equivocado de que os fins justificam os meios,

principalmente no que diz respeito à captação de recursos financeiros para manterem-se as várias atividades das Instituições Espíritas.

Com base nesse ponto de vista, centros, grupos ou órgãos espíritas têm lançado mão dos mais variados expedientes para conseguir uma receita financeira que atenda suas necessidades.

Enquanto muitos procedem com bom senso e equilíbrio, estruturando tarefas de acordo com as possibilidades do Centro Espírita, sabendo que os vizinhos e o público em geral não têm compromisso assumido com as nossas tarefas de benemerência, razão pela qual entendem que a manutenção destas diz respeito à própria Instituição, outros, no entanto, extrapolam todo e qualquer limite de senso crítico, contrariando até preceitos legais, como o caso de rifas, bingos, tômbolas e similares; ou, vencido algum empecilho legal, resta o desaconselhamento moral dessas práticas.

Também há aqueles que acabam transformando os recintos das Instituições num verdadeiro mercado, com ininterrupto apelo de comercialização de variados produtos.

Outros, ainda, mais "criativos", não titubeiam em apelar ao público em geral, promovendo, não a sã alegria, mas: Semana da Cerveja, Carnaval da Fraternidade, etc. Tudo em nome do Espiritismo e em "prol" do Movimento Espírita.

Torna-se imperioso insistir no mesmo ponto: a finalidade do Movimento Espírita. Movimento Espírita é o resultado do labor dos homens e Espiritismo é a Doutrina dos Espíritos dirigida aos homens. Logo, o Movimento Espírita deve estar para a divulgação da Doutrina Espírita, como a Codificação está para Allan Kardec. Ou seja, a finalidade precípua é difundir a mensagem espírita, laborando com base na Codificação e segundo os seus princípios.

Tanto é assim que, em nossas organizações, estatutariamente está disciplinado que o objetivo da Instituição é "estudo e prática da Doutrina Espírita, organizada por Allan

Kardec."

Sem estudo não haverá prática condizente. Para que o adepto do Espiritismo se integre realmente no espírito da Doutrina, exige-se-lhe aprofundamento intelectual e comportamento moral e social adequados.

Urge estudar a Codificação Espírita, comentá-la, difundi-la e vivenciá-la.

Assim, é necessário critério, zelo e vigilância, para não se proceder equivocadamente.

Djalma Montenegro de Farias, Espírito, bem sintetiza a questão: "O dinheiro que tanto faz falta para a materialização da Caridade, em nosso meio, representa algo, mas não é tudo, porque, se verdadeiramente fosse essencial, as Instituições que guardam importâncias vultosas nas Casas Bancárias dos principais países do mundo, estariam realizando prática abençoada do Evangelho pregado pelo Itinerante Galileu. Cuidemos zelosamente da propaganda do Espiritismo, vivendo os postulados da fé, honrando o Templo Espírita e iluminando as almas que o buscam esfaimadas de pão espiritual, para não incidirmos no velho erro de que os objetivos nobres de socorro justificam os meios pouco elevados que têm sido utilizados".

Por isso, honrar o Espiritismo, consoante o mesmo autor espiritual "é preservá-lo contra os programas marginais, atraentes e aparentemente fraternistas, mas que nos desviam da rota legítima para as falsas veredas em que fulguram nomes pomposos e siglas variadas".

(*)ANEXOS 02 E 03 CONTIDO NAS DIRETRIZES DOUTRINÁRIAS DA FEDERAÇÃO ESPIRITA DO PARANÁ, Publicado na íntegra no item 48/2009 do site http://jorgehessen.net



Um diálogo aberto sobre cobrança de taxas de eventos "espíritas"

Jonas:

Prezado irmão Jorge

Gostaria de parabenizá-lo pelo tema industrialização de eventos. Ressaltar as oportuníssimas orientações promovidas pela Federação Espírita do Paraná é apenas dignificar o nosso movimento, isento dos apelos falaciosos do momento. Lembrar que neste ano em que se comemora o centenário do querido Chico Xavier há um movimento frenético de muitas casas espíritas para estarem presentes nessa homenagem ao inesquecível médium. Como se o querido Chico aprovasse semelhante fato. Esquecendo-se de seu exemplo que nunca cansou de nos conclamar a todos para um espiritismo simples, com Jesus. Por isso nunca deixou de estar debaixo de um abacateiro, lado a lado com os desprovidos dos bens materiais nos deixando a lição inolvidável de que sem abraçarmos a causa simples e os simples da sociedade não chegaremos a lugar algum. Portanto escrever sobre cobranças de taxas em pleno frisson do nosso movimento é de fato estimular a ira de muitos espíritas que estão na cúpula de casas de nossa doutrina julgando-se benfeitores da humanidade por suas falas mansas e sorrisos largos, cheio de chavões de conteúdos caridosos. Se o Espiritismo é para todos que de fato em seu caminho não encontre nenhuma cobrança imposta e legitimada de taxas. E se Vinde a mim todos de corações simples é preciso aparar arestas e revolver o caminho de tal maneira que o solo

de nossas edificações doutrinárias sejam sedimentados em um crescimento capaz de sobrepor a qualquer vendaval mesmo que este tenha o poder de sedução capaz de envolver os bens intencionados cujo objetivo seja discutir de forma pomposa as orientações maiores de nossa Causa e nisso Jesus sabia das dissimulações humanas registrando que o comportamento do coração deveria estar destituído de qualquer natureza humana para melhor vivenciar a comunhão com o alto. Não podemos apoiar essas determinações em que os meios justificam os fins, porque por trás dos bastidores há a presença dos espetáculos, dos currículos acadêmicos envernizados pela vaidade perniciosa, enfim há presença da erva daninha espiritual em que nada acrescenta. Querido amigo que o Senhor da Vida possa continuar fortalecer sua vida, seu trabalho para que proporcione sempre as inspirações que incomodam, mas que não passam em vão. Abraços profundo do amigo e irmão de ideal

Jonas

Jorge Hessen:

Prezado Jonas

Sua afabilidade para conosco e seu apoio ao nosso trabalho cristão, servem-nos de grande estímulo.

Embora não o conheça pessoalmente, identifico-o como um vanguardeiro discípulo de Jesus, nosso Mestre maior.

Muito embora eu tenha total certeza de que nossa proposta de reflexão sobre o tema nada servirá de obstáculo a que se promovam cada vez mais tais eventos pagos, os quais são (na minha concepção doutrinária) um insulto à fraternidade, à lei do amor e da caridade, nenhuma ofensa, dirigida a mim, direta ou indiretamente por parte dos que têm opinião diferente da minha, ser-nos-á motivo de desequilíbrio interior, pois temos

consciência plena de que estamos (eu e as diretrizes da Federação Espírita do Paraná) no caminho seguro e, mesmo porque, se tais confrades conseguem convencer as mentes de espíritas incautos, pelas aparências, não podem enganar a Deus. Ao ensinamento de Jesus que diz: “Quando fizerdes um festim, convidai para ele os pobres, os estropiados, os coxos e os cegos; e estareis felizes, porque não terão meios para vo-lo retribuir; porque isso vos será retribuído na ressurreição (reencarnação) dos justos”, respeitosamente, concluímos: convidai, principalmente, os espíritas CRISTÃOS assalariados que sobrevivem às custas de parcos recursos financeiros para manterem uma casinha popular alugada, os espíritas CRISTÃOS iletrados, os espíritas CRISTÃOS desempregados, os espíritas CRISTÃOS que passam por todas os tipos de provações materiais.

Quantos há, ainda no mundo e, até mesmo, no movimento espírita (o que é uma lástima) que, ao rejeitar as nossas observações justas, faz repelir, raivosamente, as mais sensatas advertências? Se, nos momentos de surtos de ódio manifesto, tais irmãos pudessem, por um instante sequer, olhar-se ao espelho, veriam refletida a imagem da pobre vítima que lhes compromete a vida por um longo curso de anos. Devemos apiedar-nos deles! Lastimamos, muito!

Enfim, meu amigo, sigamos confiantes, apoiados nos ensinamentos do Nosso Senhor Jesus Cristo, dando gratuitamente o que Dele recebemos gratuitamente, ou seja, Amor.

Não nos importemos com os que se fazem quais "escribas e fariseus" em nossa Era, pois, que, um dia, forçosamente, deixarão de ser quais são e seguirão os trajetos de Jesus, como muitos estamos nos esforçando para fazê-lo.

Mais uma vez, obrigado pelo apoio de sempre. Em você, Jonas, identificamos uma certeza cristalina: Não estamos sozinhos nesse afã de um Espiritismo mais simples, consoante

Chico Xavier vivenciou.

Aviso-lhe que estou enviando, por cópia, este nosso diálogo para os mesmos que, como eu mesmo, receberam as contundentes e pouco fraternais críticas aos argumentos que publicamos sobre os festivais de eventos ESPÍRITAS industrializados para a elite.

Atenciosamente,

Jorge Hessen



Violação do direito autoral??? Empréstimo de livro pelo centro espírita é violação do "direito autoral"?

Em época de Internet é natural o emprego dos recursos virtuais para pesquisas e estudos. Em face disso, a divulgação das ideias espíritas através dos livros para download não pode ficar condicionada à questão dos "direitos autorais". À semelhança das bibliotecas dos centros espíritas que emprestam livros doutrinários, há sites espíritas com função de bibliotecas virtuais, sem finalidade de lucro financeiro, disponibilizando para download os livros espíritas gratuitos.

Infelizmente esses portais têm esbarrado com a avareza dos negociantes de livros, que sob o jargão da suposta destinação dos lucros financeiros para obras filantrópicas, elevam a bandeira do famoso "direito autoral", promovendo ameaças ridículas e antidoutrinárias através de intimidações extrajudiciais. (Pasmem!)

O movimento espírita transformou-se num negócio lucrativo, em que o comércio de livros doutrinários, CDs, DVDs (de palestras) reflete a cobiça de vendilhões compulsivos. Existem até atacadistas e distribuidores dos livros espíritas, que passam por vários atravessadores até chegarem às mãos de quem verdadeiramente procura o conhecimento, e por motivo do elevado preço muitas vezes não os pode adquirir. Será que tal sovinice alcançará os Centros Espíritas? Será que algum dia, em nome dos "direitos autorais", as editoras impetrarão mandados extrajudiciais proibindo os empréstimos de livros dos Autores espirituais, contidos nas bibliotecas dos Centros Espíritas?

É evidente que a divulgação da Doutrina Espírita deve ser

feita em total acatamento às leis do País. Contudo, urge ponderar que a Lei sobre os "Direitos Autorais" foi promulgada em 1998, ou seja, está desatualizada.(1) Destaque-se também que na época da publicação da Lei, a amplitude do mundo cibernético não era satisfatoriamente conhecida.

É urgente reconhecer que o mundo virtual tem sido admirável veículo de disseminação dos conteúdos revelados pelo mundo espiritual. Além disso, tem facilitado a democratização da apropriação do conhecimento espírita e a inserção social dos espíritas assalariados. Portanto é inaceitável a proibição das reproduções de livros espíritas pela Internet para fins específicos de pesquisa. A Terceira Revelação não pode demorar-se à mercê dos avarentos e nem dos truanescos interesses do mundo material.

Sem ferir os princípios da ética e do respeito aos "direitos" das editoras, cremos que tais comerciantes de livros deveriam estimular e apoiar os divulgadores dos portais (bibliotecas espíritas virtuais) para o exercício do pleno direito da divulgação gratuita dos princípios doutrinários. Até porque, inevitavelmente diversas obras já foram e continuarão sendo digitalizadas e publicadas pelas redes sociais, e se encontram atualmente dispersas e disponíveis através da rede mundial de computadores, sendo inexecutável o controle jurídico desse cenário.

Em que pese existirem muitos espíritas excluídos do ambiente virtual, sobretudo aqueles mais pobres, que não possuem computador / internet, e os menos afeitos às tecnologias novas, a Doutrina dos Espíritos tem um colossal papel social e em tempo de Internet é um absurdo a exclusão das leituras virtuais gratuitas para um enorme número de espíritas que não podem comprar livros psicografados caros.

Chico Xavier teria se locupletado se se atrevesse a vender os direitos autorais dos mais de 400 livros que psicografou. Porém, cônscio de que os livros não lhe pertenciam, já que

procediam de autores espirituais, cedeu de boa fé todos os direitos autorais para algumas privilegiadas editoras que atualmente vendem e (re)vendem, editam e (re)editam as obras psicografadas. O médium de Uberaba doou os direitos autorais convicto de que suas psicografias jamais seriam minas de dinheiro. Em boa lógica! As obras cedidas não podem ser convertidas em lavras de ouro para garimpeiros cobiçosos.

Os Espíritos e o médium de Uberaba ansiavam que todas as pessoas indistintamente pudessem ter acesso aos livros cedidos; porém, a voracidade pelo lucro através da monopolização editorial e a majoração de preço das obras psicografadas tem excluído os menos favorecidos da compra dos livros. É inconcebível e inaceitável surgirem no amanhã editoras espíritas cujos donos venham locupletar-se através do comércio das obras psicografadas (presenteadas de mãos beijadas pelo cândido Chico), visando supostamente a divulgação doutrinária e os "serviços de filantropia". A publicação da literatura espírita, mormente as psicografadas, dispensa as incubações de pré-edições com "provocantes" capas luxuosas e conteúdos velhos, com categoria gráfica requintada, impressão "esplendorosa", forjando-se aspectos visuais de material inédito, como se fosse uma mensagem saída do forno, mirando com essa estratégia majorar o preço. Onde está o limite dessa exploração comercial? E tem mais: cremos que os legítimos livros espíritas, se comercializados, devem ter preços populares, e sempre que possível, distribuídos gratuitamente aos centros espíritas pobres, ou pelo menos cedidos a preços iguais ao custo de sua confecção. Isso é divulgação espírita para todos, com todos e ao alcance de todos, tão desejada por Chico Xavier.

Cremos que o Espiritismo não assenta com interesses comerciais, e a publicação das mensagens do mundo espiritual não pode ser objeto de lucro financeiro, apenas moral. Isso não faz o menor sentido, já que na espiritualidade não precisamos

desse artifício do mundo material, que tanto corrompe o homem encarnado. Entendemos que é uma improbidade falar em direitos autorais quando se trata de uma obra espírita psicografada. O seu autor dispensa este recurso, pois não precisa dele. Seu objetivo são a elevação e a educação, fatores essenciais à nossa evolução, e não há como colocar preço nisso.

Uma instituição espírita, por mais briosa que seja, por mais filantrópica consistam as suas atividades, seu interesse não pode sobrepor aos objetivos doutrinários da divulgação correta e honesta do Espiritismo, sobretudo através da Internet, que pode proporcionar consolação aos corações e mentes atormentados. Entendemos que a Associação de Editoras Espíritas deveria apoiar a divulgação do Livro Espírita por todas as bibliotecas espíritas virtuais idôneas da Internet, até porque se o Apóstolo de Uberaba fosse encarnado atualmente, criaria um site para divulgar e disponibilizar seus livros a todos os leitores, sem necessitar de qualquer editora para desfrutar de lucros financeiros com o produto da sua psicografia.

Referência:

Lei 9.610, de 19 de fevereiro de 1998



Dilúvio de livros "espíritas" delirantes

Como (re)agir diante dos livros antidoutrinários, supostamente "mediúnicos", que invadem as instituições espíritas, colonizando turbas de ingênuos adeptos? Há pseudomédiuns, sem qualquer compromisso com o Espiritismo, que agem quais livres atiradores, e paradoxalmente "suas obras são vendidas nos Centros Espíritas, porque vendem muito, mas o tempo que se consome lendo seus livros é um desvio do tempo de aprendizagem da Doutrina Espírita." (1)

Possivelmente seja perda de tempo acercar-nos desse cansativo tema. Todavia, acreditamos que sob o pálio do velho adágio "cautela e canja de galinha não fazem mal a ninguém", a questão pode ser abordada de forma menos complicada. Antes, porém, reafirmamos tudo o que já registramos muitas vezes na imprensa: os livros insalubres não devem ser comercializados nas livrarias de uma instituição espírita! Nem mesmo em nome da surrada cantilena "liberdade de expressão". "Não faz nenhum sentido as instituições continuarem comprando essa literatura [infausta]. Deveriam fazer a barreira de obstrução mesmo sem brigar com ninguém, até porque somos espíritas e é urgente saber o que é um livro genuinamente espírita." (2)

Raul Teixeira explana o seguinte: "quanto mais descomprometido com a Doutrina Espírita é o 'livrinho' ou o 'romancinho', mais o povo gosta. Somos responsáveis por essa chuva de lodo sobre a nossa literatura espírita que dá lucros exorbitantes. Muitos clubes do livro [com honrosas ressalvas] não respeitam a Doutrina Espírita e normalmente colocam mensalmente um livrinho "baratinho" para cobrar mais caro e

terem altos lucros sobre os seus assinantes." (3) Atualmente são vendidos a rodo esses destroços literários. "É preciso frear a entrada dessas obras nas instituições. Que os editores vendam onde quiserem, menos no centro espírita. É muito importante os espíritas assumirem posição. Nunca será falta de caridade denunciar o mal. Falta de caridade é nossa omissão ante a disseminação do mal através dos livros. Não podemos entrar na falácia de que o mal é querer o bem." (4). Há obstinados gênios das trevas divulgando "pérolas azuis" do tipo "o mundo espiritual é uma cópia do mundo físico e não o contrário"; "a mulher desencarnada sofre fluxos menstruais"; "os Espíritos vão ao banheiro e dão descarga", "instrutor espiritual conta piadas pornográficas", "mentor descreve com minúcias as curvas sensuais de jovem desencarnada", "mentor endossa o aborto de anencéfalos". É chocante! Nessa invasão "mediúnica" enunciam "que existem relacionamentos sexuais para promoção de 'reencarnação' no Além". Ah!, por falar em reencarnação, tais livros revelam as várias "reencarnações" de Allan Kardec, culminando por encontrar o mestre de Lyon imerso num corpo (re)nascido em Pedro Leopoldo. Seria patético se não fosse burlesco, ou o avesso?! Seria cômico se não fosse trágico.

Garante tal literatura que "as pretas e pretos velhos, caboclos e correlatos, são entronizados como mentores de instituições espíritas." Óbvio que as tradições das práticas mediúnicas africanas e ameríndias não padecem de discriminação entre os espíritas estudiosos, nem avaliamos os Espíritos de índios e negros, de todo, involuídos, todavia, ignorantes. Sim! Porque se fossem mais conscientes ou se não fossem ignorantes, não algemariam a mente em atavismos de personagens do pretérito. Estamos diante de delírio e de extrema fascinação no movimento espírita doutrinário. Os dirigentes não utilizam de forma criteriosa as barreiras para seleção doutrinária dos livros expostos ao público! Afirma

Divaldo Franco que "o pudor em torno do Índex Expurgatorius da Igreja Romana tem levado muitos líderes a uma tolerância conivente [contemporização]."(5) As instituições espíritas [inclusive algumas federativas], "por interesse puramente comercial, vendem quaisquer livros "psicografados", de autoajuda, de esoterismo, de outras doutrinas, quando deveriam preocupar-se em divulgar as obras do Espiritismo, tendo um critério de lógica."(6)

Temos observado que sob o lábaro da "liberdade cultural" há os que pugnam pelo não expurgo dos livros antidoutrinários nas prateleiras das nossas bibliotecas espíritas, desde que haja na página inicial dessas obras (avaliadas como lesivas ao programa da Codificação), sumários de análise e sugestão para a leitura de obras com contextos adversos. Interessante esse método, sem dúvida, mas cremos que o ingresso dos espíritas (menos precavidos), deve ser irrestrito tão somente nas bibliotecas que se balizem exclusivamente nas obras doutrinariamente irrefutáveis.

Logicamente, sem obrigação de pelejar com os desfavoráveis a restrições, podemos aceitar a catalogação dos atuais "entulhos-literários" e destiná-los a espaços de leitura apenas frequentados por espíritas conscienciosos e pesquisadores honestos, capazes de analisar com lucidez os conteúdos das obras. Somos partidários do ideário de "que as instituições espíritas deveriam ter uma comissão para analisar e avaliar a qualidade do livro e divulgá-los ou não, porquanto as pessoas incautas ou desconhecedoras do Espiritismo fascinam-se com ideias verdadeiramente absurdas. (7) Destarte, é importantíssimo "montar a barreira natural do exame [dos livros] consoante recomenda Kardec, até porque não se trata de reconstrução do arrepiante Índex Librorum Prohibitorum.." (8)

Se a biblioteca for acessível a qualquer pessoa, é urgente toda precaução, pois quanto maior nível de ignorância do ledor,

importância máxima dará a "segurança" oferecida pela instituição ao livro a que ele tem livre acesso para leitura. Infelizmente, para os calouros e/ou incautos, o que é oferecido pelo centro espírita é interpretado como válido, fidedigno e doutrinariamente correto. Eis aí o "deus-nos-acuda" instalado! Cremos que "mesmo sem atracar com ninguém é imperioso defender o território [instituição espírita], porque quem compra [ou toma emprestada] uma obra de má qualidade no centro, sai declarando que aquela obra é espírita, pois foi adquirida no centro. Se um centro espírita comercializa uma obra de má qualidade é porque esse centro também é de má qualidade." (9)

Sobre as bibliotecas espíritas, concordamos que as mesmas devem ser locais "intocáveis". Porém, não há como comparar a liberalidade de uma biblioteca mundana (descompromissada com a Terceira Revelação) com uma biblioteca espírita. Nada mais desigual! Os desígnios são completamente diferentes. A primeira prima por arquivar, conservar e oferecer informações para desenvolvimento da cultura ordinária. A biblioteca espírita, entretanto, deve ser ambiente intocável, e muito mais do que isso, deve ser um templo abençoado para abrigar as obras ajuizadas e consagradas universalmente pelos Benfeitores Espirituais. A primeira propõe aclarar o intelecto, mas a segunda necessita alumiar a mente e potencializar o coração do homem.

Não podemos permitir que as instituições espíritas sejam transformadas em picadeiros, inobstante seja a "comédia o inverso da tragédia"(10), porém, na retaguarda do malfeitor campeia o bufão (protagonista do circo), e "os falsos devotos têm por acólitos seres ineptos, que só agem por imitação: à maneira dos espelhos, refletem a fisionomia de seus vizinhos. Tomam-se a sério, enganam-se a si próprios; a timidez os faz zombar daquilo em que não acreditam, exaltam o que duvidam, comungam com ostentação e acendem às escondidas pequenas

velas, às quais atribuem muito mais virtude do que a transformação moral."(11)

Os espíritas desleais são os verdadeiros descrentes da equidade, da esperança, da Natureza e de Deus; recusam o bom senso e afiançam o fanatismo. A desencarnação, porém, os arrastará encharcados de águas de cheiro e cobertos de ouropéis, que hoje os disfarçam entre os homens. Pelo exposto, é inadmissível ficarmos temerosos de sermos classificados de anacrônicos, conservadores ou até mesmo clericais. Depende de todos nós melhorar a qualidade das práticas doutrinárias e cada qual deve fazer a sua parte. É importante sermos inexoráveis para blindar ininterruptamente a Doutrina Espírita contra os títeres das trevas (conhecidos como falsos profetas da atualidade), que tapeiam quais concessionários das Trevas. Contra eles devemos nos insurgir, a fim de expor o Espiritismo como Doutrina ajuizada, sublime e incorruptível.

Referências bibliográficas:

(1) Divaldo Franco
http://orebate-jorgehessen.blogspot.com.br/2013/02/opiniao-do-divaldo-franco-sobre.html , acessado em 24/02/2013
(2) Raul Teixeira
http://tanialeimigespiritismo.blogspot.com.br/search?updated-min=2013-01-01T00:00:00-08:00&updated-max=2014-01-01T00:00:00-08:00&max-results=4 , acessado em 23/02/2013
(3) idem
(4) idem
(5) Divaldo P. Franco
http://orebate-jorgehessen.blogspot.com.br/2013/02/opiniao-do-divaldo-franco-sobre.html , acessado em 24/02/2013
(6) idem
(7) idem

(8) Raul Teixeira
http://tanialeimig-espiritismo.blogspot.com.br/search?updated-min=2013-01-01T00:00:00-08:00&updated-max=2014-01-01T00:00:00-08:00&max-results=4 , acessado em 23/02/2013
(9) idem
(10) Kardec, Allan. Revista Espírita/outubro de 1863, mensagem ditada pelo Espírito Delphine de Girardin, disponível em http://www.sistemas.febnet.org.br/site/indiceGeralDeRevistas/verArtigo.php?CodArtigo=575&Palavra=B%EDblia acessado em 25/02/2013
(11) idem



Algumas explicações espíritas para uma leitora do blog

Sem uma religião definida, embora crente em Deus, uma leitora dos artigos do nosso blog pediu-nos alguns esclarecimentos. Ela mesma considera inaceitável a fé cega nos mitos da Gênese Mosaica e do Novo Testamento, citando os seis dias da Criação, a arca de Noé, Adão e Eva, a serpente e a maçã, o Paraíso perdido, a virgem Maria de Nazaré, a estrela guia, etc. Porém, o que mais a intriga é: Por que deificaram somente Jesus, se tantos outros cristos que, certamente, passaram pela humanidade e que, também, deveriam operar os tais "milagres", permaneceram anônimos na História? Segundo ela, como admitir que Jesus tenha vindo ao mundo para sofrer pelos nossos "pecados"? Por que Deus não impediu a crucificação do Mestre, consentindo que O matassem?

Percebemos que o raciocínio da nossa leitora é aguçado, sem dúvida; mas, faz-se mister considerar que o raciocínio humano vem sendo trabalhado, de muitos séculos no planeta, pelos vícios de toda sorte. "Temos plena confirmação deste asserto no ultra-racionalismo europeu, cuja avançada posição evolutiva, ainda agora, não tem vacilado entre a paz e a guerra, entre o direito e a força, entre a ordem e a agressão."(1) Sobre suas questões, vamos por partes. Os hábitos mentais dos espíritas, também, tendem a ser conduzidos pela fé raciocinada.

Sobre os mitos mosaicos que cita, lembramos que se Moisés se utilizou de muitas metáforas, e se não transmitiu ao mundo a lei definitiva, ele deu, à Terra, as bases da Lei divina e imutável. Aqui devemos considerar que os homens receberão, sempre, as revelações divinas de conformidade com a sua

posição evolutiva. Para nós, a Humanidade da Era Cristã recebeu a grande Revelação em três aspectos essenciais: Moisés trouxe a missão da Justiça; o Evangelho, a revelação insuperável do Amor, e o Espiritismo, em sua feição de Cristianismo redivivo, traz, por sua vez, a sublime tarefa da Verdade.

Sem querer esbarrar na deificação do Cristo, sabemos que no centro das três revelações encontra-se Jesus-Cristo, como o fundamento de toda a luz e de toda a sabedoria. Portanto, não há outros Cristos na Terra. Ele, o Mestre, está conosco há mais de 4,5 bilhões de anos. Jesus foi o divino escultor da obra geológica do planeta. Junto de seus prepostos, iluminou a sombra dos princípios com os eflúvios sublimados do seu amor, que saturaram todas as substâncias do mundo em formação. E mais ainda, "Todas as entidades espirituais encarnadas no orbe terrestre são Espíritos que se resgatam ou aprendem nas experiências humanas, após as quedas do passado, com exceção de Jesus-Cristo, fundamento de toda a verdade neste mundo, cuja evolução se verificou em linha reta para Deus, e em cujas mãos angélicas repousa o governo espiritual do planeta, desde os seus primórdios."(2)

Sobre a supremacia do Cristo, lembremos do "Meu Pai e eu somos Um". Essa afirmativa evidenciava a sua perfeita identidade com Deus, na direção de todos os processos atinentes à marcha evolutiva do planeta terrestre. (3) Por várias razões, qualquer comentário sobre o Cristo não julgamos acertado fazer, para não condicionar a figura Dele aos meios humanos, num paralelismo injustificável, porquanto, em Jesus, temos de observar a finalidade sagrada dos gloriosos destinos do espírito. "N'Ele, cessaram os processos tacanhos de julgamentos humanos, sendo indispensável reconhecer, na sua luz, as realizações que nos compete atingir. Representando, para nós outros, a síntese do amor divino, somos compelidos a considerar que, de sua culminância espiritual, enlaçou, no seu

coração magnânimo, com a mesma dedicação, a Humanidade inteira, depois de realizar o amor supremo."(4) É que Jesus, com Amor, manifestou-se na Terra no seu esplendor máximo; Com Jesus, a Justiça e a Verdade nada mais são que os instrumentos divinos de exemplificação, Ele que é o Cordeiro de Deus, alma da redenção de toda a Humanidade.

Portanto, o tipo mais perfeito que Deus ofereceu ao homem para lhe servir de guia e modelo foi o Cristo. Para Allan Kardec "Jesus é para o homem o exemplo da perfeição moral a que pode pretender a humanidade na Terra. Deus nos oferece Jesus como o mais perfeito modelo, e a doutrina que ensinou é a mais pura expressão de sua lei, porque era o próprio Espírito Divino e foi o ser mais puro que apareceu na Terra. Se alguns daqueles que pretenderam instruir o homem na lei de Deus algumas vezes o desviaram, ensinando-lhe falsos princípios, foi por se deixarem dominar por sentimentos muito materiais e por ter confundido as leis que regem as condições da vida da alma com as do corpo. Muitos anunciaram como leis divinas o que eram apenas leis humanas criadas para servir às paixões e dominar os homens."(5)

A respeito dos mitos e crendices do Novo Testamento, sabemos que foram impostos por seres sem escrúpulos. A começar com Constantino, que permitiu o famigerado Concílio de Nicéia. Posteriormente, com Teodósio, oficializando o Cristianismo no Estado Romano. Em 384, São Jerônimo teve a missão de redigir uma tradução latina do Antigo e do Novo Testamento. Essa tradução tornar-se-ia a norma das doutrinas da Igreja: foi o que se denominou a "Vulgata". Essa tradução oficial, que deveria ser definitiva, segundo a cúpula da Igreja, foi, entretanto, alterada em diferentes épocas, por ordem dos ulteriores pontífices. Portanto, os chamados livros canônicos, foram submetidos a diversas e trágicas interpolações para satisfazer os mesquinhos interesses da Igreja. "Sufocaram, antes de desabrochar, os fortalecedores princípios que teriam

conduzido os povos à verdadeira crença, à que eles hoje em dia inda procuram. Tudo para assegurar, fortalecer, tornar inabalável a autoridade da Igreja.” (6)

Sobre a crucificação do Messias, permitida por Deus, deve ser apreciado, tão-somente, pela dolorosa expressão do Calvário? Cremos que não, pois o Gólgota representou o coroamento da obra do Senhor, mas, o sacrifício na sua exemplificação, verificou-se em todos os dias da sua passagem pelo planeta. E o cristão deve buscar, antes de tudo, o modelo nos exemplos do Mestre, porque o Cristo ensinou com amor e humildade o segredo da felicidade espiritual, sendo imprescindível que todos os discípulos edifiquem, no íntimo, essas virtudes, com as quais saberão demonstrar ao calvário de suas dores, no momento oportuno. (7)

Os mistérios das Leis divinas são insondáveis. Óbvio que não cai um fio de cabelo de nossas cabeças sem que Deus o saiba e permita. A crucificação estava nos ditames da Vontade suprema e não havia como ser modificada. E, mais ainda, a crucificação teve efeito simbólico, uma vez que, após a condenação, o Mestre ressurge para nós. Desde então, a morte deixou de ser o lúgubre ingresso para o Nada; porquanto, na verdade, é a esplendorosa revelação de que a vida é eterna, como perenes serão as realizações do bem, na terra e no espaço. Quando o Celeste Amigo revelou o Túmulo Vazio, Ele venceu a morte. É verdade! Todos os evangelistas narram as aparições de Jesus, após sua crucificação, com circunstanciados pormenores, que não permitem se duvide da realidade do fato. Pois bem, minha irmã, eis o motivo pelo qual Deus não impediu a crucificação de Jesus.

Em outro assunto, a leitora lembra o aborto provocado, questionando se essa decisão não deveria ser da mãe, uma vez que o livre-arbítrio nos dá, a todos, a liberdade de escolha? Explicamos que o aborto provocado, para quem estuda a Doutrina Espírita e segue os conselhos dos Espíritos, constitui

crime. Se você diz: Eu não praticaria, mas que outras mulheres tenham o direito de escolha é nada mais, nada menos que presenciar alguém prestes a cometer suicídio e fechar os olhos, não tentando, de forma alguma, impedi-lo e pensar, intimamente: - Nada posso fazer. A escolha é dele.

Portanto, tentar impedir, o quanto nos seja possível, que mulheres cometam o aborto, nada mais é que valorizar a vida dessas futuras mães e reconhecer a importância da encarnação dos Espíritos que se ligam a elas, desde o momento da fecundação. Que a leis humanas e as religiões continuem firmes no propósito da não descriminalização do aborto.

Referências bibliográficas:

(1) Xavier, Francisco Cândido. O Consolador, ditado pelo espírito Emmanuel, Rio de Janeiro: Ed FEB, 2001

(2) idem pergunta 243

(3) idem pergunta 288

(4) idem pergunta 327

(5) Kardec, Allan. O Livro dos Espíritos, Rio de Janeiro: Ed. Feb, 2001, pergunta 625

(6) Denis. Léon. Cristianismo e Espiritismo, Rio de Janeiro: Editora FEB, 2001

(7) Xavier, Francisco Cândido. O Consolador, ditado pelo espírito Emmanuel, Rio de Janeiro: Ed FEB, 2001, pergunta 286.



Fora da gratuidade não há absolvição

Analisemos o princípio contido no capítulo XXVI do Evangelho Segundo o Espiritismo e concluiremos que a regra "Dai de graça o que de graça recebestes" não se circunscreve apenas ao que se produz mediunicamente, todavia igualmente desaprova a mercantilagem, a usura, a agiotagem de qualquer procedência em nome da Codificação Espírita. Por justa razão Jesus recomendou que os intermediários (médiuns) entre o céu (mundo espiritual) e a Terra não poderiam receber dinheiro por essa tarefa.

O Criador não vende os benefícios que concede. A mediunidade é conferida gratuitamente por Deus para alívio dos que sofrem e (especificamente nas hostes espíritas) para difusão da Terceira Revelação, não podendo pois ser empregada comercialmente. Essa reprovação de Jesus do comércio das coisas abençoadas recaiu sobre as permutas de muambas religiosas praticadas pelos vendilhões do Templo de Jerusalém. Ao expulsá-los, o Mestre deu enérgica demonstração de que não se deve comerciar com as coisas espirituais, nem torná-las objeto de especulação ou meio de cobiças.

Os intérpretes dos Espíritos (médiuns), para instruírem os homens, mostrar-lhes o caminho do bem e conduzi-los à fé não podem apelar para o lucro material. Não devem, pois, vender-lhes as mensagens que não lhes pertencem, pois não são produto da sua lavra nem de suas pesquisas nem de seu trabalho pessoal. É diferente do trabalho, por exemplo, do médico, do advogado, do engenheiro, do professor, que oferecem o fruto dos seus estudos, dos seus esforços e até dos

seus sacrifícios nos bancos acadêmicos e daí poderem auferirem lucros das suas aptidões, bem longe das hostes espíritas. Já o médium, sobretudo o "curador", (re)transmite o fluido dos Espíritos e assim não pode vendê-lo sob qualquer contexto, seja onde for, fora ou dentro do ambiente kardeciano.

O ancestral sacerdote druída da velha Gália anota que o Espiritismo compreendeu o lado sério da mediunidade, lançando o descrédito sobre a exploração e elevando a prática mediúnica à categoria de mandato sublime. Essa questão não se relativiza. O "dai de graça ao que de graça recebemos" não pode ser deformado. A única moeda que o Criador acolhe como câmbio é o amor ao próximo. O Espiritismo deve ser a disseminação da palavra de consolo tal como Jesus nos ensinou, tal como Ele pregava, tal como Kardec esperava, tal como Chico Xavier exemplificou, para todos e ao alcance de todos sempre gratuitamente.

Ficamos estarrecidos ao assistir ao sepultamento da simplicidade da Terceira Revelação no jazigo dourado da especulação mercantil das palestras, dos seminários sob os aplausos provindos da população desprovida de raciocínio, das aclamações extravagantes, dos galanteios esplêndidos e delirantes. O Cristianismo primitivo, pela simplicidade dos primeiros núcleos cristãos, foi conquistando integralmente a sociedade de sua época, porém, lamentavelmente, com o esvair dos séculos, desgastou-se ideologicamente. O Evangelho conspurcou-se tragicamente por imposição dos interesses políticos, institucionais e principalmente financeiros, e ultimamente existem os que contam as moedas douradas arrecadadas em nome do Cristo, de mãos unidas com "Mamon".

Jesus assegurou que "digno é o trabalhador do seu salário". Ora, o médium que exerce sua faculdade segundo o Cristo recomenda, sem interesses materiais ou egoístas, não deixará

de receber uma correspondente recompensa espiritual. Todavia, inevitavelmente o médium mercenário atrairá para si os espíritos levianos, pseudossábios, malévolos.

O Espiritismo não assenta com interesses comerciais, e a divulgação das mensagens do mundo espiritual não pode ser objeto de lucro financeiro; apenas moral. Notamos com bastante inquietação que setores influentes do movimento espírita vêm transformando-se em censurável balcão de negócio. Ressalvando-se as preciosas exceções e sem generalizar, percebe-se decidida argúcia, especificamente no trato comercial de livros espíritas de autores encarnados e desencarnados, de CDs e DVDs, refletindo em boa dose a pretensão da compulsiva ganância, mormente quando são encarecidos os preços dos livros doutrinários.

Do exposto indagamos: será justo transformar um templo espírita em uma espécie de agência mercantil? Em uma espécie de núcleo financeiro lucrativo? Será que os Benfeitores Espirituais consentem tal procedimento? Foi isso o que nos ensinou Kardec? Óbvio que não!

Viver o Evangelho, sim! Ganhar dinheiro à custa da mensagem espírita, nunca!

A Terceira Revelação veio para todas as pessoas. É forçoso que a exercitemos democraticamente junto aos deserdados material e intelectualmente. Caso contrário, no futuro os centros espíritas serão transformados em estabelecimentos mercantis (visando lucros materiais), ou em espaço restrito aos notáveis abastados, sublevando-se o Evangelho do Cristo que somente será pregado para os que possuam saborosos cartões de crédito e obviamente laureadas por títulos acadêmicos. Entre os moldes atuais para a melhor difusão espírita, cremos que é importante uma revisão das estratégias e costumes mercantilistas, a fim de que a mensagem do Espiritismo alcance todas as faixas sociais. Destarte, o acolhimento dos simples [espíritas desempregados, iletrados, pobres] no ambiente das

reuniões espíritas é tarefa de primordial importância nos tempos em que vivemos. A divulgação doutrinária deve ter como parâmetros o que é simples e viável para todas os centros espíritas, mormente os de periferia. Lembremos que “as raposas têm covis, e as aves do céu têm ninhos, mas Jesus não teve onde reclinar a cabeça.”, segundo narra Mateus no oitavo capítulo, versículo vinte.

Não vão nossos lembretes destinados àqueles que revertem a mensagem espírita em prol das comprovadas obras filantrópicas (creches, asilos, hospitais etc), contudo para os especuladores, os vendilhões ambiciosos.



Será que foi um pueril devaneio?...

Em face da publicação do artigo o “Mundo do Faz de Conta”, leitores residentes na Europa enviaram-me mensagens inquietantes; vejamos: “Estou plenamente de acordo com tudo quanto afirma e acho até que ficou aquém, pois muito mais haveria para você dizer (...).” “O movimento Espírita europeu “adoeceu” já algum tempo. Diversos e distintos diagnósticos poderíamos fazer. Há competição entre os médiuns, ausência de conhecimento do Evangelho e o pior de todos: o nefasto ideário do “EU SOU O MAIOR” (síndrome de grandeza). Nos últimos 5 anos, instalou-se uma desordem, pois não sabemos diferenciar o JOIO do TRIGO. Recebemos aqui com frequencia espantosa alguns palestrantes que mais fazem turismo nas terras EUROPÉIAS do que difundir Espiritismo. O pior é que esses “oradores” vêm, usufruem da hospedagem e boa vontade e da simplicidade, mas abusam da ingenuidade de alguns confrades anfitriões.”

“Desculpe é um desabafo! Aqui temos o culto aos “deuses médiuns” aquele que é o maior. Vendem milhares de livros por aqui, e o que é mais trágico as obras da Codificação são substituídas pelos livros dos “deuses da oratória”, que objetivam muito mais a vendagem de livros da sua lavra. É um “salve-se quem puder”. Uma hora de palestra e 30 minutos de publicidade e vendagem de livros, CDS, DVDs, revistas. São os mascates estrangeiros que encontram aqui um paraíso de FÉRIAS (de graça) e vendas dos seus produtos.”

Fui dormir preocupado com tudo isso e tive mau sonho. Sonhei que estava imerso em um mundo estranho onde testemunhei fatos que anseio jamais aconteçam no mundo de

vigília.

No cenário “onírico” identifiquei esforços para “unir” espíritas, entretanto algo distante de uma programação kardeciana sensata. As representações das trevas empregavam astúcias e encaminhavam seus emissários para cargos de direção dos órgãos federativos.

Os obsessores, como sempre, mostravam-se perspicazes, influentes, instrumentalizados e impetravam desinteligências no movimento doutrinário. Ao oposto de perseguirem articulista inexpressivo tal qual sou, que nenhuma influência exerce no movimento espírita, assestavam, óbvio! Suas armas contra as instituições coordenadoras do movimento doutrinário, e aí transformavam suas vítimas em prestigiosos “diretores”. Deste modo, seus representantes adquiriam mais poder de comando perante os espíritas ignorantes e cometiam irreparáveis estragos ao programa doutrinário.

Só para se ter uma pálida ideia, tais “diretores” ofereciam cartelas de bingo, a R$ 25,00; defendiam Ramatís, como espírito superior; afirmavam que tudo é parte de Deus, inclusive a matéria; Kardec era desconhecido, mas divulgavam pesquisas da ciência como hologramas, Stephen Hawking etc., menos, é claro, o próprio codificador.

Lamentavelmente, as obras espíritas arruinavam-se ao acolher a enxertia dos conceitos e práticas anômalos à singeleza que lhes vigoravam no alicerce. Percebi que adulavam líderes megalomaníacos, encharcados de arrogâncias, que se arvoravam como benfeitores da construção e difusão doutrinárias. No letargo do sonho, ainda consegui perceber que “somente os viajores irresponsáveis escolhiam perlustrar atalhos perigosos e desfiladeiros obscuros, espinheiros e charcos, no labirinto de aventuras marginais, ao longo da estrada justa.” (1)

O panorama dos sonhos estava totalmente contaminado de práticas doutrinárias irregulares e não havia nenhuma

perspectiva de melhora; ao contrário, modelos estavam sendo consolidados e havia uma epidemia de expositores afetados surgindo em cada centro espírita, dispostos a copiar o comportamento do endeusado líder-chefe. Foi extenuante testemunhar as sempre passivas idolatrias a esse guia, cheio de autoridade moral, um condutor completamente intocável, cujas sentenças tornavam-se regra definitiva para os dirigentes incautos.

A proeminente e tenaz tática do chefe-famoso era a injunção de um legado espetaculoso de palestras ostentosas, motivo pelo qual os outros copistas permaneciam rasos de conteúdos, hipnotizados sob os grilhões da vaidade. Mas, graças a Deus!, Havia espíritas prevenidos que inquiriam após cada palestra espetacularizada: Falaram de quê? Abordaram que conteúdo?

O adorado líder tinha a empáfia de batizar com o título "PURITANOS" todos defensores da gratuidade dos eventos espíritas , ou seja dos que defendiam um Espiritismo para todos e ao alcance de todos. Tal líder ignorava que na sua ética, Paulo de Tarso não permitiu o mercantilismo do Cristianismo. Pregou o Evangelho gratuitamente (2) e justificou tal atitude: "Pregamos o Evangelho a vocês, trabalhando de dia e de noite, a fim de não sermos peso para ninguém".(3)

Na contramão da advertência do Convertido de Damasco, os pretensos expositores, em seguida aos shows das palestras (cantadas, recitadas, declamadas, gritadas etc... etc... etc.) , quais ambulantes de feira livre, punham à venda seus DVDs, CDs, livros etc., enfim, com toda a tralha para a comercialização, gastavam tempo precioso promovendo suas quinquilharias "doutrinárias", muitas vezes em centros espíritas pobres, simples, escassos de recursos. Entretanto, curiosamente, os dirigentes de tais centrinhos sentiam-se orgulhosos porque trouxeram um nome "famoso" para a instituição que dirigem.

Nos imagos oníricos, portanto, lidava-se com os egos de dirigentes e palestrantes, e pouquíssimas exceções estavam sintonizados com os Benfeitores. Infelizmente os oradores modestos, despretensiosos, sinceros, importantíssimos para o engrandecimento do Espiritismo eram desprezados. Quase todos os pregadores encontravam-se instilados pelas presunções, pelas ribaltas e holofotes da glória, sobretudo pelos aplausos inférteis. Sem nenhum pudor os mais famosos exigiam reverências e bajulações desenfreadas.

Não era assegurada a simplicidade e a pureza dos princípios espíritas nos núcleos e associações doutrinários, por isso suas atividades não atingiam a meta da libertação espiritual dos frequentadores. Estes contemporizavam com todo tipo de profissionalismo religioso e nem se atreviam a arguir porque, se interrogassem o líder-venerado, estariam questionando os que o apoiam, sabiam que perderiam amigos e, por isso, silenciavam. Ou ainda porque lhes interessava algum lucro divulgando os "produtos" do líder-mor, seja lucro financeiro ou mesmo o que vem da pura vaidade, da notoriedade, pois quem adentrasse o meio espírita, se não citasse o líder-chefe, se não divulgasse os eventos de que ele fazia parte, se não apoiasse quem o apoiava, transformar-se-ia em proscrito, deixado de lado por todos os idólatras.

Presenciei um palestrante implorando junto ao público uma colaboraçãozinha de recursos financeiros a fim de "ajudá-lo" nos projetos "assistenciais", visando adquirir microfones, tripés de luz, computadores e quejandos. Tal palestrante fazia um showzinho particular com direito a jogos de imagens e músicas, para "agradar" a todos, passando a ideia de apurado bom gosto, mas na realidade estava querendo "encher linguiça" (como se diz na gíria popular), com várias cantorias e apresentações.

Lá não se tinha o alcance moral para entender que zelo pela pureza e simplicidade doutrinária não é intolerância, fanatismo

e nem rigorismo de espécie alguma, porquanto, agir de outro modo é o mesmo que "devolver um mapa luminoso ao labirinto das sombras, após séculos de esforço e sacrifício para obtê-lo, como se também, a pretexto de fraternidade, fôssemos obrigados a desertar do lar para residir nas penitenciárias; a deixar o caminho certo para seguir pelo cipoal; a largar o prato saudável para ingerir a refeição deteriorada e desprezar a água potável por líquidos de salubridade suspeita." (4)

Havia uma neurastenia generalizada em torno das temáticas: "terra em transição", "final dos tempos", cujos enredos catastrofistas atrofiavam mentes fanatizadas. Alguns neuróticos esquadrinhavam respaldo (acreditem!) no célebre clichê: "Chico Xavier me contou" para corroborar as afirmações (supostamente"reveladas" pelo médium de Uberaba nos colóquios íntimos), sobre bizarras profecias espalhafatosas, com datações e outras pérolas sobre o trági(cômico) amanhã da Humanidade.

De manhãzinha, ao despertar do sono, identifiquei que a experiência onírica evidenciava muitas práticas indesejáveis que é urgente se evitem na Terra. E se tais práticas ocorrerem, alguém precisa denunciar, para não ser apenado por omissão. "Todos os espíritas que, de coração, vigiam para que a Doutrina não seja comprometida, devem, sem hesitação, denunciá-las [práticas estranhas], tanto mais porque, se algumas delas são produtos da boa-fé, outras constituem trabalho dos próprios inimigos do Espiritismo, que visam desacreditá-lo e poder motivar acusações contra ele. Eis porque é necessário que saibamos distinguir aquilo que a Doutrina Espírita aceita daquilo que ela repudia". (5)

Somos daqueles que preferem a análise construtiva para quaisquer tarefas doutrinárias, e não cultivamos paternalismo ou mimos impróprios, não aveludamos consciências junto a irmãos de nosso convívio, "em vista de reconhecermos que nenhum bem se fará sem trabalho disciplinado; entretanto, não

podemos esquecer que muitos companheiros se marginalizam nos compromissos por não conseguirem suportar o malho da injúria, o frio da desconsideração e do abandono, a supressão de meios justos para o exercício das funções a que foram chamados e as lutas enormes, decorrentes das armadilhas de sombra, de que muitos não conseguem escapar, hipnotizados pelos empreiteiros da obsessão. (6)

Referências bibliográficas:

(1) Xavier, Francisco Cândido e Vieira Waldo. Opinião Espírita, ditados pelos Espíritos Emmanuel e André Luiz, São Paulo, Editora: Boa Nova - 1ª edição agosto/2009, Item 25 - PRÁTICAS ESTRANHAS

(2) 1Cor 9,18

(3) 4 1Ts 2,9

(4) idem

(5) (Allan Kardec, Viagem Espírita em 1862. Instruções Particulares. VI.)

(6) Xavier, Francisco Cândido. Companheiros, ditado pelo Espírito Emmanuel, São Paulo: IDE 1977, cap. MÉDIUNS NA TERRA



Práticas estranhas no Espiritismo

Sabemos, de sobejo, que devemos respeitar crenças, preconceitos, pontos de vista e normas de quaisquer pessoas que não lêem pela nossa cartilha doutrinária. Porém, temos deveres intransferíveis para com a Doutrina Espírita. É mister que lhe preservemos os princípios doutrinários com simplicidade e dedicação, sem intolerância, sem radicalismos, mas sem concessões indesejáveis. A orientação, a experiência e a prática dos médiuns mais amadurecidos, como Francisco Cândido Xavier e Divaldo Pereira Franco, entre outros, têm nos demonstrado, sempre, a necessidade da vigilância com relação à preservação da pureza dos preceitos básicos da Doutrina Espírita.

Observamos, atônitos, as muitas discussões estéreis em torno de temas como: crianças índigo; se Chico é Kardec(?); ubaldismos, ramatisismos, cromoterapias, e tantos outros enfadonhos "ismos" e "pias", infiltrados no meio espírita. Aceita-se o poder curador de cristais, sem a menor reflexão consciente. Confiam, cegamente, nos efeitos das pomadas "mediunizadas", como se essa prática enganosa lhes fosse trazer algum benefício. Promovem-se, nas tribunas, verdadeiros shows da própria imagem, shows esses protagonizados pelos ilustres oradores, que não abrem mão da vaidosa distinção do Dr. antes dos próprios nomes. Criam-se associações com notáveis profissionais de pretensos "espíritas". Muitos outros se projetam nos trabalhos assistenciais, para galgarem espaços na ribalta da política partidária. Não é de hoje o fenômeno das práticas exóticas nas hostes doutrinárias, fato esse que faz, realmente, a diferença.

Segundo algumas conveniências, propiciam as famosas "churrascadas espíritas", disfarçadas de almoço fraterno, em nome do Cristo(!?), pasmem! Confeccionam rifas "beneficentes"; agendam desfiles de moda, "de caráter filantrópico", e, o que é pior, cobram taxas para o ingresso nos eventos espíritas, quais sejam: congressos, simpósios, seminários, e, por aí vai...

Há um impulso incontrolável para o universo místico de muitos idólatras, que, talvez, leram alguma "coisinha" aqui, e outra ali, sobre a doutrina espírita e se dizem seguidores convictos, quando, na realidade, nada mais são do que "espíritas de fachada". Os Benfeitores nos advertem que cabe, a nós, a obrigação intransferível de defender os ensinamentos de Allan Kardec, seja pelo exemplo diário do amor fraterno, seja pela coragem do debate elevado.

Muitas pessoas têm escrito para o meu email, insistindo no tema - apometria. Informo-lhes, frequentemente, que a teoria e a prática da técnica apométrica (e suas leis) estão em pleno desacordo com os princípios doutrinários codificados por Allan Kardec. Jamais aconselharíamos incluir a apometria no corpo do Departamento Doutrinário e Mediúnico das Casas Espíritas.

Sobre essa estranhíssima prática, lamentavelmente, encruada por estas bandas do Centro-Oeste, indagamos aos experts, por que os Espíritos não nos revelaram tal proposta "terapêutica"(!), quando tiveram, à sua disposição, excelentes colaboradores médiuns, ao longo do século XX? Não basta se afirmar "espírita", nem, tampouco, se dizer "médium de qualidade", se essa prática não for exercida conforme preceitua a Codificação Espírita. Respaldados nos estudos sistemáticos que fazemos da Doutrina Espírita e não dispensamos, de forma alguma, esse hábito- esclarecemos, sempre, que a apometria não é Espiritismo, porquanto as suas práticas estão em total desacordo com as recomendações de "O Livro dos Médiuns". Com essas bizarras práticas, abrem-se precedentes graves para

a implantação de rituais e maneirismos, totalmente, inaceitáveis na prática espírita, que é, fundamentalmente, a doutrina da fé raciocinada.

Se a apometria é (como afirmam os cansativos discursos dos líderes dessa prática), mais eficiente que a reunião de desobsessão, por que a omissão dos Espíritos Superiores? Por que eles se calaram sobre o assunto? Curioso isso, não? No mínimo, é esquisito. O silêncio dos Espíritos Superiores é, sem dúvida, um presságio de que tal prática é de mal agouro, e, por isso mesmo, ela é circunscrita a poucos grupos. Não conquistou a aceitação universal dos espíritos, razão pela qual não conta com a anuência das nossas Casas Espíritas sérias. Percebemos que essas mistificações coletivas superlotam alguns Centros Espíritas, em que seus dirigentes vendem a ilusão da "terapia apométrica", como mestres da hipnose, fazendo com que esses centros se tornem um reduto de fanáticos e curadores de coisa nenhuma, o que é lastimável...

Por subidas razões, devemos estar atentos às impertinências desses ideólogos quixotescos, dos propagadores dessas terapias inócuas, que pensam revolucionar o mundo da "cura espiritual". Até porque, a cura das obsessões não se consegue por um simples toque de mágica, de uma hora para outra, mas é, quase sempre, a longo prazo, não tão rápida como se imagina, dependendo de vários fatores, principalmente, da renovação íntima do paciente.

Como se não bastasse, ainda, entra em cena, no rol das bizarrices doutrinárias, uma tal "desobsessão por corrente magnética". Isso mesmo! Desobsessão(!?)

O uso de energia para afastar obsessores, sem a necessária transformação moral (Reforma Íntima), indispensável à libertação real dos envolvidos nos dramas obsessivos, contradiz os princípios básicos do Espiritismo, pois, o simples afastamento das entidades perseguidoras não resolve a obsessão. O confrade Cauci de Sá Roriz lembra, na Revista O

Espírita/DF, no artigo "Desobsessão por corrente magnética. É possível?" que "a proposta da corrente magnética parte de uma base falsa, qual seja, a de que o Espiritismo exista para "atender, na prática desobsessiva, a um grande número de pessoas." Por essas razões, preocupa-nos a introdução, na prática espírita, de mais esse enxerto estranho - a chamada desobsessão por corrente magnética - assunto que ainda mantém sob hipnose muitos espíritas incautos. Repetimos que, sobre o tema, os "Espíritos ainda não enviaram orientação a respeito, por isso, sejamos prudentes!"

O Cristianismo, com a pureza doutrinária do Evangelho e com a simplicidade de organização funcional dos primeiros núcleos cristãos, foi conquistando lenta e seguramente a sociedade de sua época. Porém, com o tempo, sofreu um significativo desgaste ideológico. Corrompeu-se, por força das práticas estranhas ao projeto de Jesus. Atualmente, apesar das advertências dos Espíritos e do próprio Allan Kardec, quanto aos períodos históricos e tendências do movimento, os espíritas insistem em cometer os mesmos erros do passado. Confrades nossos, não conseguindo se adaptar ao Espiritismo, e, consequentemente, não compreendendo e não vivenciando suas verdades, vão, aos poucos, adaptando a doutrina às suas fantasias, aos seus limites morais, corrompendo os textos da Codificação, trazendo, para os centros espíritas, práticas dogmáticas de suas preferências místicas. Falta-lhes, no mínimo, o estudo das obras básicas da Codificação Rivailina. Das duas, uma: ou Kardec está sendo colocado em segundo plano, preterido por outras obras não recomendáveis, ou está, totalmente, esquecido - o que é pior.

Mas como evitar esse processo? Como agir, ante os centros mal orientados, com dirigentes perturbados, com médiuns obsidiados, com oradores-estrelas? Enfim, como agir, diante dos espíritas perturbados e perturbadores? Seria interessante a prática do "lavo as mãos" ou a retórica filosófica do "laissez

faire", "laissez aller", "laissez passer"? Devemos deixar que os próprios grupos espíritas usem e abusem do livre arbítrio para, por fim, aprenderem a fazer escolhas corretas e adequadas às suas necessidades? Não nos esqueçamos de que os inimigos, em potencial, do Espiritismo estão mascarados entre os próprios espíritas. Para encerrar nossas reflexões, atentemos para algumas admoestações de Vianna de Carvalho, através de Divaldo Franco, contidas no livro "Aos Espíritas": "O Espiritismo é a grande resposta para as questões perturbadoras do momento. A sua correta prática é exigência destes dias turbulentos, pois os fantasmas do porvir ameaçam-no e distúrbios de comportamento apresentam-se com muita insistência, parecendo vencer as suas elevadas aquisições. Por motivos óbvios, "o Espiritismo deve ser divulgado conforme foi apresentado por Allan Kardec, sem adaptações nem acomodações de conveniência em vãs tentativas de conseguir-se adeptos". É a Doutrina que se fundamenta na razão, e, por isso mesmo, não se compadece com as extravagâncias daqueles que, por meio sub-reptício, em tentando fazer prosélitos, acabam por macular a pureza originária da nossa Doutrina Espírita.

Não faltam tentativas de enxertos de ideias e convenções, de práticas inconvenientes e de comportamentos que não encontram guarida na sua rígida contextura doutrinal que, se aceitos, conduzir-nos-iam a sérios problemas existenciais, não fosse a nossa convicção de que o Espiritismo veio para ficar, e que de nada valem essas investidas do mal. Criar desvios doutrinários, atraindo incautos e ignorantes, causa, sem dúvida, perturbações que poderiam, indiscutivelmente, ser evitadas, se houvesse, por parte dos dirigentes, maior rigor na condução dos trabalhos de algumas Casas Espíritas. Repetimos com Divaldo: "Qualquer enxerto, por mais delicado se apresente para ser aceito, fere-lhe a integridade porque ele [o Espiritsmo] é um bloco monolítico, que não dispõe de espaço para

adaptações, nem acréscimos que difiram da sua estrutura básica."

Caríssimos irmãos de ideal, cremos ser indispensável a vigilância de cada espírita sincero, para que o escalracho seitista e sutil da invasão de teses estranhas não predomine no seu campo de ação, terminando por asfixiar a planta boa que é, e cuja mensagem dispensa as propostas reformadoras, caracterizadas pela precipitação e pelo desconhecimento dos seus ensinamentos"- como adverte Vianna de Carvalho.



Muitos grupos espíritas são "ilhas" porque suas práticas exóticas não se adaptam ao continente Kardeciano

Sabemos que a Doutrina Espírita é pura e incorruptível. Porém, o movimento espírita, ou seja, a organização dos homens para praticá-la e divulgá-la é suscetível dos mesmos graves prejuízos que dificultaram a ação do cristianismo tradicional, hoje bastante fracionado. Observamos com tristeza muitas diretorias das casas espíritas que se mantêm sob uma incômoda e rígida hierarquia (aquela do aqui mando e quero ser obedecido!). São dirigentes contaminados pela prepotência no exercício do cargo e totalmente vazios de consciência sobre os seus encargos. Destarte, permanecem bastante longe da prática evangélica, inventando um "Espiritismo" estranho ao projeto da Terceira Revelação.

Como não se pode imaginar o espírita com duas condutas divergentes, a conduta do homem e a conduta do espírita, também não se pode imaginar o movimento espírita, ora acontecendo segundo os preceitos espíritas, ora segundo outros preceitos duvidosos, aceitos equivocadamente no seu contexto em nome da tolerância piegas.

Kardec é único. Espiritismo também, por conseguinte. O mestre lionês sempre preconizou a unidade doutrinária. Não há o menor espaço para compor com outras ideias que não sejam, ou convergentes e em uníssono com as suas, ou reflexos resplandecente destas. Unidade doutrinária foi a única e derradeira divisa de Allan Kardec, por ser a fortaleza inexpugnável do Espiritismo. Por isso, necessita ser o nosso lema, o nosso norte, a nossa bandeira.

Muitas vezes os Centros Espíritas transformam-se em ilhas

de isolamento, por falta de estudo sério, aprofundado e metodizado da Doutrina, donde surgem inúmeras interpretações equivocadas sobre os seus postulados, em prejuízo da verdade doutrinária. Se abraçamos o Espiritismo, por rota de crescimento espiritual, não podemos negar-lhe fidelidade. Porém, é a lamentável falta de fidelidade aos conceitos e princípios do Espiritismo, que são difundidos de forma truculenta por dirigentes ignorantes, que têm isolado as casas espíritas, tornando-as ilhadas e desérticas de consolação!...

O compromisso do Centro Espírita e dos dirigentes é com a Doutrina Espírita. A adoção de teorias e práticas exóticas, ou não afinadas com a simplicidade e pureza dos trabalhos espíritas, comprometem o objetivo da Casa Espírita e desorientam seus frequentadores e assistidos. Quando citamos a palavra pureza, os "vanguardistas de plantão" arregalam os olhos o coçam as orelhas, exclamando: AH! Lá vem esse purista!! Cabe salientar, porém, que André Luiz, em "Conduta Espírita", não deixa margem para dúvidas sobre isso, senão vejamos: "A PUREZA DA PRÁTICA DA DOUTRINA ESPÍRITA DEVE SER PRESERVADA A TODO CUSTO".(1)

Infelizmente, o despreparo e os atavismos de muitos indivíduos, que colaboram de boa vontade nas fileiras espíritas, fazem com que certas práticas, pouco condizentes com a pureza doutrinária, se implantem em diversas instituições e acabem mesmo divulgadas em palestras, livros e periódicos ditos espíritas. Quem compreende essa situação deve trabalhar para modificá-la. A via mais segura, para isso, é a do esclarecimento, do estudo, do convencimento pela razão e pelo amor, jamais pelos anátemas, óbvio!...

Para os mais apressados, a pureza doutrinária é a defesa intransigente dos postulados espíritas, sem maior observância das normas evangélicas; para os não menos afoitos, é a rígida igualdade de tipos de comportamento, sem a devida

consideração aos níveis diferenciados de evolução em que estagiam as pessoas. Sabemos que o excesso de rigor na defesa doutrinária pode levar a graves erros, se enredarmos pelas trilhas do fundamentalismo injustificável, posto que redundará em divisão inaceitável em face dos impositivos da fraternidade. Se tivermos que nos equivocar, que seja com atitudes e jamais por omissão. Nesse tópico, veio-me à mente (como estranha moral!), porém, sublime advertência cristã: "NÃO PENSEIS QUE VIM TRAZER A PAZ À TERRA; NÃO VIM TRAZER PAZ, MAS ESPADA."(2)

Os espíritas não são proibidos de coisa alguma, mas sabendo que devem arcar com a responsabilidade de todos os atos, conscientes do desequilíbrio que possam praticar. Que terão que reconstruir o que destruírem e responderão pelo mal praticado e harmonizarão o que desarmonizarem, etc. Não podemos fingir que tudo está em ordem e harmônico às mil maravilhas ou que somos sublimes cristãos. Em verdade, existem inúmeras práticas não compatíveis com o projeto doutrinário que, por isso, urge sejam combatidas à exaustão, porque nas pequenas concessões é que vamos desestruturando o edifício kardeciano e descaracterizando o projeto da Terceira Revelação. Por isso, é óbvio que estejamos atentos contra ideologias estranhas aos objetivos espíritas, em nome da mais legítima fraternidade, até porque: QUEM AVISA AMIGO É!!!

O Espiritismo não aceita "donos da verdade", até porque a espiritualidade e Kardec ensinam que a Revelação Espírita é progressiva, não estando completa em parte alguma e nem precisamos fazer um esforço descomunal para nos cientificarmos de que são raros os centros espíritas que podem se dar ao luxo de praticar a mediunidade na sua mais pura acepção. Muito melhor, e mais prudente, seria que os núcleos e grupos espíritas despreparados intensificassem as reuniões de leitura, meditação e comentários racionais para as conclusões seguras, fugindo de um inoportuno e prematuro intercâmbio

com as forças do além. Até porque, prática mediúnica sem uma robusta base cultural e moral será, inevitavelmente, uma incursão permanente no mundo das sombras.

Por isso, insistimos - e temos publicado no "meu site" - o tema sobre centros espíritas que propõem aplicações de luzes coloridas (cromoterapias) para higienizar auras humanas e curar (acreditem!!!): azia, cálculo renal, coceiras, dores de dente, gripes, soluços em crianças, verminose, frieiras. Se não bastasse, recomenda-se até carvãoterapia (?!) para neutralizar "maus-olhados". Nesse sentido, segundo creem, é só colocar um pedaço de tora de carvão debaixo da cama e estaremos imunes do grande flagelo da humanidade - o "olho comprido". Não satisfeitos, ainda têm aqueles que "engarrafam" literalmente os obsessores.

Difunde-se, por aqui, (DF), a coqueluche da moda: uma tal de desobsessão por corrente mento-eletromagnética (sic), com as mais extravagantes proposições. Há as inusitadas piramideterapias, gatoterapia(???) (conheço pessoa que possui cinco gatos em casa para "atrair" as energias negativas), cristalterapias, apometrias e mais uma dezena de terapias bizarras, isso sem esquecermos que, na mística Brasília, aplicam-se, até, passes magnéticos nas paredes dos centros para "descontaminá-las". Há casa espírita, por aqui, que evoca "ET" para um contato imediato(!?)

Conhecemos outras práticas estranhíssimas ao projeto espírita, a saber: dirigentes promovendo casamentos, crismas, batizados, velórios (tudo no salão de palestras), além das sempre "justificadas" rifas e tômbolas nos centros, festival da caridade, tribuna para a propaganda político-partidária, preces cantadas. Isso, para não aprofundar nos inoportunos trabalhos de passes com bocejos, toques, ofegações, choques anímicos (?), estalação dos dedos, palmas, diagnósticos pela "vidência": sobre doenças e obsessões, etc... Dias atrás, entrei numa certa Federação Espírita (fora de Brasília) e observei vários cartazes,

convidando para cursos e palestras sobre a "kundaline", a força da "mandala", etc... Ufa!!!

Para entendermos a mediunidade, em seus conceitos básicos, temos que separar o fenômeno, em si mesmo, da Doutrina Espírita e definirmos o aspecto fenomênico, apenas por matéria de observação e Espiritismo como a luz que esclarece os fatos. Em todos os cantos da Terra existem manifestações medianímicas, pois elas não ocorrem somente nos núcleos espíritas. Por isso, na sua real interpretação, podemos assegurar que, no atual estágio do projeto espírita, os fenômenos não são prioritários, mas secundários. A questão fenomênica não mais constitui ponto de partida para o atual objetivo do Espiritismo na Terra.

Destarte, para evitarmos determinadas práticas perfeitamente dispensáveis em nome da pureza doutrinária, entendamos que prática de fidelidade aos preceitos kardecianos é processo de aprendizagem, com responsabilidade nas bases da dignidade cristã, sem quaisquer laivos de fanatismo, tendente a impossibilitar discussão sadia em torno de questões controversas. Porém, não olvidemos que espírita-cristão deve ser o nosso caráter, ainda mesmo que nos sintamos em reajuste, depois da queda. Espírita-cristã deve ser a nossa conduta, ainda mesmo que estejamos em duras experiências. Espírita-cristão deve ser o nome do nosso nome, ainda mesmo que respiremos em aflitivos combates íntimos. Espírita-cristão deve ser o claro objetivo de nossa instituição, ainda mesmo que, por isso, nos faltem as passageiras subvenções e honrarias terrestres.

Referências bibliográficas:

(1) Xavier, Francisco Cândido. Conduta Espírita, ditada pelo espírito André Luiz, Rio de Janeiro: Ed FEB, 2005

(2) Bíblia Sagrada - (Mateus, 10;34 a 36)



As peripécias doutrinárias são fontes de ilusão

Devemos respeitar todas as crenças, obviamente. Acatar preconceitos, pontos de vista e normas de quaisquer pessoas que não lêem pela nossa cartilha doutrinária, é sensato, mas isso não significa aprová-los, adotá-los, divulgá-los ou recomendá-los. Não! Isso, não! Temos obrigações intransferíveis para com a Doutrina Espírita. É, absolutamente, necessário que defendamos os princípios doutrinários com simplicidade e dedicação, sem intolerância, sem radicalismos, mas sem concessões indesejáveis e sem contemporizações piegas. A determinação, a experiência e a prática dos médiuns mais amadurecidos, dos quilates de um Francisco Cândido Xavier e de um Divaldo Pereira Franco, entre outros, têm nos demonstrado, sempre, a necessidade da vigilância com relação à necessidade da preservação da pureza dos preceitos básicos da Doutrina Espírita.

Observamos, incomodados, as muitas discussões estéreis em torno de temas como: crianças índigo; Chico é a "reencarnação" de Kardec(!?); ubaldismos, ramatisismos, cromoterapias, desobsessão por corrente magnética e tantos outros esquisitos "ismos" e "pias", enxertados nas hostes doutrinárias. Aceita-se, e pior ainda, difunde-se o poder "curador" de cristais sem a menor reflexão consciente (se a tese fosse legítima, a lógica sussurraria que os residentes de Cristalina e Cristalândia NUNCA ficariam doentes). Confiam, cegamente, nos efeitos das pomadas "mediunizadas", como se essa prática enganosa lhes fosse trazer algum benefício. Promovem-se, nas tribunas, verdadeiros shows da própria imagem e do próprio nome, shows esses protagonizados pelos

ilustres oradores, que não abrem mão da vaidosa distinção do "Dr." antes dos próprios nomes. Há os que imitam, sem nenhum escrúpulo, o orador Divaldo Franco, com direito a receber o Bezerra e tudo o que tem direito no final da palestra. Criam-se associações com notáveis profissionais de pretensos "espíritas". Muitos outros se projetam nos trabalhos assistenciais, para galgarem espaços na ribalta da política partidária. Não é de hoje o fenômeno das práticas exóticas nas hostes doutrinárias, fato esse que faz, realmente, a diferença entre Espiritismo como Doutrina dos Espíritos e espiritismo como doutrina dos espíritas.

Segundo algumas conveniências de arrecadação, propiciam as famosas "churrascadas espíritas", disfarçadas de almoço fraterno, em nome do Cristo (!?), pasmem! Confeccionam rifas "beneficentes"; agendam desfiles de moda, "de caráter filantrópico", e, o que é pior, cobram taxas para o ingresso nos eventos espíritas, quais sejam: congressos, simpósios, seminários, e, por aí vai a charanga. Até quando?

Há um insustentável pendor para a dimensão do misticismo de confrades idólatras, que, quiçá, leram alguma "coisinha" aqui, e outra ali, sobre a doutrina espírita e se dizem seguidores convictos, quando, na realidade, nada mais são do que "espíritas de superfície". Somos sempre advertidos sobre a obrigação intransferível de preservarmos os ensinamentos de Allan Kardec, seja pelo exemplo diário do amor fraterno (ISSO É ÓBVIO!), seja pela coragem do debate elevado.

Muitas pessoas me têm escrito, insistindo no tema - apometria. Informo-lhes, frequentemente, que a teoria e a prática da técnica apométrica (e suas "leis" e conceitos) estão em pleno desacordo com os princípios doutrinários codificados por Allan Kardec. Não aconselharíamos incluir essa prática estranha na estrutura do Departamento Doutrinário e Mediúnico das Casas Espíritas, por uma simples questão de BOM-SENSO. Sobre essa esquisita prática, lamentavelmente,

encruada por estas bandas do Centro-Oeste, indagamos aos experts, por que os Espíritos não nos revelaram tal proposta "terapêutica" (!), quando tiveram, à sua disposição, excelentes médiuns colaboradores, ao longo do século XX?

Não basta se afirmar "espírita", nem, tampouco, se dizer "médium de qualidade", se essa prática não for exercida conforme preceitua a Codificação Espírita. Respaldados nos estudos sistemáticos que fazemos da Doutrina Espírita -e não dispensamos, de forma alguma, esse hábito- esclarecemos, sempre, que a apometria não é Espiritismo, porquanto as suas práticas estão em total desacordo com as recomendações de "O Livro dos Médiuns". Com essas inoportunas práticas, abrem-se precedentes graves para a implantação de rituais e maneirismos, totalmente, inaceitáveis na prática espírita, que é, fundamentalmente, a doutrina da fé raciocinada.

Se a apometria é (como afirmam os superficiais e enfadonhos discursos dos líderes dessa prática), mais eficiente que a reunião de desobsessão, REPITO: - Por que a omissão dos Espíritos Superiores? Por que eles se calaram sobre o assunto? Curioso isso, não? No mínimo, é sintomático. O silêncio dos Espíritos Superiores é, sem dúvida, um presságio de que tal prática é de mau agouro, e, por isso mesmo, ela é circunscrita a poucos e RADICAIS grupos que a mantêm. Não conquistou a aceitação universal dos espíritos, razão pela qual não conta com a anuência das Casas Espíritas equilibradas. Percebemos que esses arroubos lúdicos coletivos superlotam alguns Centros Espíritas, em que seus dirigentes vendem a ilusão da "terapia apométrica", como mestres da hipnose, fazendo com que esses centros se tornem um reduto de andróides e curadores de coisa nenhuma, o que é lastimável...

Por relevantes razões, devemos estar atentos às impertinências desses ideólogos quixotescos, dos propagadores dessas terapias inócuas, que pensam revolucionar o mundo da "cura espiritual". Até porque, a cura das obsessões não se

consegue por um simples toque de mágica (com a varinha de condão da apometria), de uma hora para outra, mas é, quase sempre, a longo prazo, não tão rápida como se imagina, dependendo de múltiplos fatores, principalmente, da renovação íntima do paciente.

Como se não bastasse, ainda, entra em cena, no rol das bizarrices doutrinárias, uma tal "desobsessão por corrente magnética". Isso mesmo! Desobsessão (!?)

O uso de energia para afastar obsessores, sem a necessária transformação moral (Reforma Íntima), indispensável à libertação real dos envolvidos nos dramas obsessivos, contradiz os princípios básicos do Espiritismo, pois, o simples afastamento das entidades perseguidoras não resolve a obsessão.

O Cristianismo, com a pureza doutrinária do Evangelho e com a simplicidade de organização funcional dos primeiros núcleos cristãos, foi conquistando, lenta e seguramente, a sociedade de sua época. Porém, com o tempo, sofreu um significativo desgaste ideológico. Corrompeu-se, por força das práticas estranhas ao projeto de Jesus. Atualmente, apesar das advertências dos Espíritos e do próprio Allan Kardec, quanto aos períodos históricos e tendências do movimento, os espíritas insistem em cometer os mesmos erros do passado. Confrades nossos, não conseguindo se adaptar ao Espiritismo, e, consequentemente, não compreendendo e não vivenciando suas verdades, vão, aos poucos, adaptando a doutrina às suas fantasias, aos seus limites morais, corrompendo os textos da Codificação, trazendo, para os centros espíritas, práticas dogmáticas de suas preferências místicas. Falta-lhes, no mínimo, o estudo das obras básicas da Codificação Rivailina.

Das duas, uma: ou Kardec está sendo colocado em segundo plano, preterido por outras obras não recomendáveis, ou está, totalmente, esquecido - o que é pior.

Mas como evitar esse sistema? Como agir, ante os centros

mal orientados, com dirigentes perturbados, com médiuns obsidiados, com oradores-estrelas? Enfim, como agir, diante dos espíritas perturbados e perturbadores? Seria interessante a prática do "lavo as mãos" ou a retórica filosófica do "laissez faire", "laissez aller", "laissez passer"? Devemos deixar que os próprios grupos espíritas usem e abusem do livre arbítrio para, por fim, aprenderem a fazer escolhas corretas e adequadas às suas necessidades?

Não nos esqueçamos de que os inimigos, em potencial, do Espiritismo estão mascarados entre os próprios espíritas. Para encerrar nossas reflexões, atentemos para algumas admoestações de Vianna de Carvalho, através de Divaldo Franco, contidas no livro "Aos Espíritas": "O Espiritismo é a grande resposta para as questões perturbadoras do momento. A sua correta prática é exigência destes dias turbulentos, pois os fantasmas do porvir o ameaçam, e distúrbios de comportamento se apresentam com muita insistência, parecendo vencer as suas elevadas aquisições. Por motivos óbvios, "o Espiritismo deve ser divulgado conforme foi apresentado por Allan Kardec, sem adaptações nem acomodações de conveniência em vãs tentativas de se conseguir adeptos". É a Doutrina que se fundamenta na razão, e, por isso mesmo, não se compadece com as extravagâncias daqueles que, por meio sub-reptício, em tentando fazer prosélitos, acabam por macular a pureza originária da nossa Doutrina Espírita.

Não faltam tentativas de enxertos de ideias e convenções, de práticas inconvenientes e de comportamentos que não encontram guarida na sua rígida contextura doutrinal que, se aceitos, conduzir-nos-iam a sérios problemas existenciais, não fosse a nossa convicção de que o Espiritismo veio para ficar, e que de nada valem essas investidas do mal. Criar desvios doutrinários, atraindo incautos e ignorantes, causa, sem dúvida, perturbações que poderiam, indiscutivelmente, ser evitadas, se

houvesse, por parte dos dirigentes, maior rigor na condução dos trabalhos de algumas Casas Espíritas. Repetimos com Divaldo: "Qualquer enxerto, por mais delicado se apresente para ser aceito, fere-lhe a integridade porque ele [o Espiritsmo] é um bloco monolítico, que não dispõe de espaço para adaptações, nem acréscimos que difiram da sua estrutura básica."

Caríssimos irmãos de ideal, cremos ser indispensável a vigilância de cada espírita sincero, para que o escalracho seitista e sutil da invasão de teses estranhas não predomine no seu campo de ação, terminando por asfixiar a planta boa que é, e cuja mensagem dispensa as propostas reformadoras, caracterizadas pela precipitação e pelo desconhecimento dos seus ensinamentos" - como adverte Vianna de Carvalho.



“Espiritismo” sem kardec é academia de bonifrates deslumbrados

O crescimento do movimento espírita tem gerado circunstâncias deprimentes para a concepção espírita. É uma situação “compreensível”, considerando nossos diferentes estágios de entendimento, mas isso não significa que devemos contemporizar e deixar as rédeas soltas das fanfarras doutrinárias. Pelo menos, cremos ser importante incomodar bastante os arautos do antiespiritismo através da contestação corajosa, distantes da tediosa falsa humildade.

Quando não identificamos nas práticas espíritas a lucidez e a coerência kardeciana, não podemos considerar que isso seja positivo sob a ilusão de que todos somos aprendizes e que essa fase é necessária para o nosso amadurecimento. Para tais espíritas mornos, o debate por um espiritismo mais simples ressoa de forma subjetiva. Tais líderes omissos (ficam em cima do muro) se retraem baseados na contemporizadora atitude de que tudo é natural porque os estágios de entendimento e amadurecimento igualmente o são desiguais e que todos os desvios doutrinários oferecem oportunidades de aprendizado e amadurecimento. Isso é risível!

O Espiritismo nos traz uma nova ordem religiosa que precisa ser preservada. A Terceira Revelação é a resposta sábia dos Céus às interrogações da criatura aflita na Terra, conduzindo-a ao encontro de Deus. Cremos que preservá-la da presunção dos reformadores obsedados e das propostas ligeiras dos que a ignoram, e apenas fazem parte dos grupos onde é apresentada, constitui dever de todos lídimos estudiosos de Kardec.

Defender e propor debate sobre a coerência doutrinária

evidentemente não pode ser a defesa acirrada dos postulados espíritas, sem maior observância das normas evangélicas; nem é exigir a rígida igualdade de comportamentos sem a devida consideração aos níveis diferenciados de evolução em que estagiamos. Todo excesso de rigor na defesa doutrinária pode levar a sérios erros, se enredarmos pelas veredas da intolerância, pois que redundarão em dissensão inadmissível, em face dos impositivos da fraternidade. Todavia, o espólio da tolerância não é fazer-nos omissos ante as enxertias conceituais e práticas anômalas que intentam impor no seio do Movimento Espírita.

Nessa luta, não estaremos sós, embora saibamos que "o discípulo da verdade e do amor, no mundo, é alguma coisa de Jesus e de Deus, e a massa vulgar não lhe perdoa tal condição, sobrecarregando-o de pesados amargores, porque seus sentimentos não são análogos àqueles que a conduzem a incoerências e desatinos.(grifei) Todos os que seguiram Jesus foram obrigados a identificar o destino com o sinal do martírio. Os que se não desprendem da Terra, crucificados nas dores públicas, retiram-se ao desamparo, esmagados pelos opróbrios humanos, caluniados, humilhados, encarcerados, feridos. Raros triunfaram conservando a serenidade e o amor imaculado, até ao fim!(1)...

Recordemos que se abraçamos a Doutrina dos Espíritos, por ideal, não podemos fugir-lhe à fidelidade. Não hesitemos pois, quando a situação se impõe, e estejamos alertas sobre a lealdade que devemos a Kardec e a Jesus. É importante não esquecermos que nos imperceptíveis consentimentos estaremos descaracterizando o projeto da Terceira Revelação. É imperioso resguardar o Espiritismo consoante o herdamos de Kardec, mantendo-lhe a lucidez dos postulados, a transparência dos seus conteúdos, não admitindo que se lhe aloje acréscimo nocivo, que apenas irá confundir os invigilantes e os neófitos.

Existem inúmeras práticas não ajustadas com o cerne

doutrinário que é imperioso sejam condenadas à exaustão, nas bases da decência cristã, sem quaisquer nódoas de intransigências. Casa Espírita equilibrada não comporta imagens de Santos ou personalidades do movimento espírita, amuletos de sorte, objetos que afastam ou atraem maus Espíritos, incensos, preces cantadas, velas e outros assemelhados alienantes. Uma coisa é certa: os Centros Espíritas refletem a índole e consciência doutrinária dos seus dirigentes. Infelizmente, as Casas Espíritas estão repletas de modismos e práticas carentes de bom senso, oriundos da falta de conhecimento das recomendações básicas do Espiritismo.

Muitas Instituições Espíritas mantêm práticas e/ou discussões estéreis em torno de nauseantes temas tais como "crianças índigo", "Chico é a reencarnação de Kardec", "ubaldismo", "ramatisismo", "apometria", "cromoterapia", "cristalterapia" e tantos outros indigestos "ismos" e "pias", infligidos no corpo doutrinário. Confrades utilizam a tribuna para angariar votos para cargos políticos, ou para imitarem ilustres tribunos, ou fazer shows de oratória (muitas vezes para vender seus CD's, DVD's ou livros ao final da "fala"). Como se não bastasse, há, ainda palestrantes que promovem, das tribunas, peculiares espetáculos da própria imagem, mise-en-scène protagonizada pelos briosos expositores, que não abrem mão da burlesca imposição do título "Dr." antes do nome. Há Instituições Espíritas que cobram taxas para o ingresso nos congressos, simpósios, seminários, tendo, como meta o fomento de querelas doutrinárias ou espetaculosas palestras.

O Centro Espírita tem que funcionar como se fosse uma escola ou fidedigno hospital espiritual, tal qual refrigério em favor das almas em desalinho, e jamais um reduto de competições, de terapias ilusórias ou de passarela de vaidades. Tem que estar preparado para receber um contingente cada vez maior de pessoas perdidas no atoleiro de suas próprias imperfeições, e que estão nos vales sombrios da ignorância.

Deve ser uma universidade do espírito e pronto-socorro para os necessitados de amparo e esclarecimento, seja através da evangelização, das orações ou dos tratamentos espirituais; ou seja, pelas orientações morais e materiais.

A questão é: como evitar esses disparates? Como agir com tolerância cristã? Como agir, diante dos espíritas cegos, que querem guiar outros cegos?

Para os líderes “mornos bonzinhos”, é interessante a prática do "lavo as mãos" para não se incomodarem. Os Códigos Evangélicos nos impõem a obrigatória fraternidade para com os adeptos equivocados, o que não equivale a dizer que devamos nos omitir quanto à oportuna admoestação, para que a Casa Espírita não se transforme em academia de bonifrates dos distúrbios psíquicos.

Em verdade, da abrangência dos preceitos espíritas e do bom emprego dos princípios doutrinários no equacionamento dos enigmas existenciais do ser, do destino, da dor e do sofrimento, o espírita cristão desenvolve uma fé equilibrada, apoiada na razão clarificada pelo conhecimento, modificando a índole humana de adoração, tornando-se livre de quaisquer acondicionamentos místicos, fetichistas, idólatras e supersticiosos, assinalando para o autoconhecimento, a simplicidade, a sensatez e a plenitude do ser.

Referência bibliográfica:

(1) Xavier, Francisco Cândido. Renúncia, ditado pelo espírito Emmanuel, Rio de Janeiro: Ed. FEB 1997, Cap. 1.



Fidelidade espírita, uma questão de racionalidade cristã

É evidente que "Fidelidade Doutrinária" não é o que alguns incautos alcunham como sendo algo subjetivo. Consiste na simplicidade dos conceitos escritos e praticados, desde que, invariavelmente, alicerçados na Codificação, cujas recomendações foram escoradas pelos "Espíritos do Senhor, que são as "Virtudes dos Céus", no dizer do Espírito de Verdade, na Introdução de O Evangelho Segundo o Espiritismo.

A nossa irmã Wanda Simões escreveu que "estamos vivendo dias de dificuldades em todo o planeta, mas, configura-se de muita gravidade a situação encontrada nas casas espíritas. Afinal, não é onde deveria estar centrada a cátedra do Espírito de Verdade? Não é onde deveria se encontrar a luz do conhecimento que liberta? Não é onde se deve aprender a construir um novo homem, liberto das amarras da ignorância? No entanto, não é o que se vê. Senão, vejamos: As casas espíritas, inspiradas pelo espírito de sistema, optaram por navegar nas águas rasas do conhecimento, na superficialidade dos ensinos exarados nas obras psicografadas de qualidade duvidosa.

É comum, muito comum, os espíritas saberem, de cor, as histórias romanceadas das vidas de personagens habitantes das colônias transitórias, mas não sabem sequer de onde surgiu a doutrina que professam. Espalhou-se, no meio, a ideia de que a leitura das Obras básicas é muito difícil, e que, portanto, é melhor que se comece lendo romances e livrinhos de histórias fantasiosas sobre a vida espiritual, que só convencem mentes imaturas e sem senso de racionalidade.

O resultado disso é que quando a pessoa se interessa, de

fato, pelo estudo da Doutrina, já se embrenhou num mundo irreal, já poluiu sua mente com leituras inadequadas e atrapalhadas, tornando-se muito difícil a incursão no conhecimento real do Espiritismo, atrasando, sobremaneira, o avanço da criatura na estrada da compreensão. Os conceitos, que já se formaram em sua mente, são de complicada reestruturação e haja tempo para se formar outra mentalidade. São pessoas com um nível de fantasia muito grande acerca da vida terrena e espiritual, pois misturam conceitos espíritas com doutrinas esotéricas, com neurolinguística, terapias alternativas, auto-ajuda e tudo o que pode fazer uma grande confusão nas ideias." (1) Certa ocasião, ao término de uma palestra sobre o tema FIDELIDADE DOUTRINÁRIA, aproximou de mim um confrade e nos contou que estava procurando se harmonizar com uma casa espírita, mas, no grupo que frequentava, os trabalhadores promoviam sessões de "desobsessão" pela apometria e por corrente magnética (?!...).

Utilizavam cristais e pirâmides nos chamados trabalhos de "cura". Indicavam sal grosso aos assistidos, ervas, pomadas "cura-tudo" e outros quejandos estranhos. Lembramos que muitos centros acenam com movimentos e ideias hipnotizantes, tentando embutir, na espinha dorsal da Doutrina Espírita, práticas inoportunas, sutis, criando neologismos de impacto para supostos "tratamentos espirituais". Indagou-nos, se eram corretas essas práticas, pois, segundo acreditava, consoante as lições das Obras Básicas, essas práticas não condizem com o projeto final do Espiritismo.

Disse-nos, ainda, que foi convidado pela Direção do tal Centro, a trabalhar em serviços de atendimento aos irmãos que estavam necessitados de ajuda material naquela região. Contudo, estava receoso de iniciar um trabalho com esses pontos conflitantes na mente. Esclarecemos que o Centro Espírita tem que funcionar como se fosse um autêntico Pronto-Socorro Espiritual; tal qual refrigério em favor das almas em

desalinho. Os grupos espíritas têm que estar preparados para receber um contingente, cada vez maior, de pessoas perdidas no lodaçal de suas próprias imperfeições, e que estão nos vales sombrios da ignorância. Aqueles que lêem literaturas ditas avançadas, de autores pseudosábios, duvidosos, sem antes lerem e estudarem, com seriedade, as obras do Pentateuco Kardeciano, correm, invariavelmente, o grande risco de enveredarem por caminhos escorregadios e trilhas sinuosas de difícil acesso esclarecedor.

Os Centros Espíritas refletem a índole e a consciência doutrinária dos seus dirigentes (mandões). As práticas que nos narrou o irmão chocam, de frente, com as receitas de Allan Kardec. Logo, no centro citado, não se praticam as recomendações doutrinárias, logo não se pratica o Espiritismo-Kardecista. (2) Todavia, são estágios de entendimento insipientes, quiçá, necessários para esses irmãos neófitos (nunca se esquecendo de que A CADA UM SEGUNDO SEUS MERECIMENTOS).

Ressaltamos que, no grupo em referência, certamente, existem confrades que ajudam os necessitados, o que lhes concede apreciáveis méritos, obviamente. Contudo, ainda, não se desligaram de práticas bizarras, perfeitamente dispensáveis para seus compromissos cristãos. Lembramos ao nosso interlocutor, que já possuía um critério doutrinário formado, que ele deveria procurar outro núcleo espírita, onde propusessem práticas, genuinamente, espíritas. Se optasse por continuar, que transmitisse, aos poucos, as noções claras da Doutrina Espírita, promovendo, no Centro, leituras de obras consagradas, e que sugerisse oradores experientes, quando agendassem nomes para palestras públicas, etc. Alertamos sobre as dificuldades que iria encontrar, mas que não esmorecesse diante desse nobre propósito, pois a firme vontade de ajustar aquelas mentes doentias ao projeto dos Espíritos Superiores superaria qualquer adversidade que tivesse

que enfrentar.

O mais importante é servir em nome do Cristo, mesmo que convivendo, estóica e heroicamente, ao lado de práticas vazias de lógica. Se conseguisse conviver com isso, nós o estimulamos. Contudo, lembramos ao confrade que ninguém era obrigado a conviver sob as amarras dos constrangimentos, por isso, que usasse e abusasse do bom senso. A verdadeira prática espírita é a expressão da moral cristã, consubstanciada no Evangelho.

O grupo espírita que se basear nos ensinos de Jesus terá maior pureza doutrinária em qualquer tipo de continente (desobsessão, desenvolvimento da mediunidade, palestras, livros, mensagens, assistência social, evangelização da infância e juventude, divulgação, etc.).Recordemos que Allan Kardec legou à humanidade a melhor de todas as embalagens (FIDELIDADE DOUTRINÁRIA) ao divino presente que é a DOUTRINA ESPÍRITA, e aqueles que têm como base o alicerce do Evangelho podem, até, conviver com qualquer obra ou filosofia, que estarão IMUNIZADOS contra o vírus das influenciações obsidentes.

Referências bibliográficas:

(1) Trecho extraído de Artigo de Wanda Simões em 25-07-09

(2) Há muitos confrades que têm identificado o gravíssimo desgaste da palavra "espiritismo" e sugerem a sua modificação para "Doutrina dos Espíritos", ou "Doutrina Espírita", ou até mesmo "Kardecismo" (e seus derivados), que são termos que vêm sendo popularizados no Brasil devido, justamente, ao místico sincretismo religioso, que remete as pessoas a confundirem espiritismo com ocultismo, esoterismo, exoterismo, teosofia, orientalismo, umbandismo, xamanismo, exorcismo e outros similares. Por isso, é comum ouvirmos de

alguns adeptos: "Sou Kardecista".



Guris azulíneos... Índigos sem misticismo

Nestas linhas a seguir refletiremos sucintamente sobre o tema "crianças índigos", agindo a priori com o método proposto pelo Espírito Erasto (1), porque sem muito esforço de investigação identificamos no tema um certo ar místico que tem "oxigenado" alguns defensores de conceitos bastante discutíveis ante a prudência espírita.

Não é novidade que crianças mais inteligentes e espertinhas têm renascido atualmente em nosso Orbe. O embaraçoso, porém, é o clima de misticismo infiltrado nas notícias em torno do tema. Em verdade, estudos e pesquisas se multiplicam nos domínios da psicologia quanto às complexidades do mundo da criança. Cada uma delas é um campo de tendências inatas, com tamanha riqueza de material para a observação e, no território de criações da mente infantil, ser-nos-á fácil identificar a direção dos potenciais da criança, uma vez que os pequeninos, recém-vindos da amnésia natural que a reencarnação lhes impõe não conseguem esconder as próprias disposições no campo das tendências.

No livro Momentos de Harmonia (2), o Espírito Joanna de Angelis refere-se a novas gerações: "(...) dá-se neste momento a renovação do planeta, graças à qualidade dos espíritos que começam a habitá-lo, enriquecidos de títulos de enobrecimento e de interesse fraternal". (Não se refere aqui a crianças "azuis").

Apesar de ouvir palestra do ínclito orador de Feira de Santana que aborda o tema com muita coerência, cremos que muitos confrades ungidos de fantasias e ilusões estão distorcendo as palavras do tribuno baiano . Creem tais

confrades que os mágicos "guris azulados" irão "salvar o mundo(!?...) talvez confundindo guris com gurus!...

Na condição de espíritas acreditamos que estejamos no limiar de uma nova era, a qual chamamos de regeneração. Para que ocorra este processo é necessário que a evolução dos espíritos aqui encarnados aconteça e que outros, mais preparados, reencarnem na Terra. Nesta premissa se encaixam os espíritos que estão reencarnando e sendo desnecessariamente identificados como índigos.

Os que escrevem sobre o tema entronizam o fato de que em Maio/99, Lee Carroll e Jan Tober, ambos escritores norte-americanos e palestrantes sobre auto-ajuda, publicaram o livro "The Indigo Children" (As Crianças Índigo), nele narrando suas observações sobre as crianças que estão chegando ao mundo. Porém na década de 80, Nancy Ann Tape, parapsicóloga, norte-americana, foi quem primeiro cunhou a expressão "crianças índigo" (3) com base na cor por ela observada na aura de crianças que de alguma forma se destacavam das demais.

Nancy escreveu um livro narrando suas observações: Understandig Your Life Through Color - Entendendo sua vida através da cor. A partir daí, tais crianças também passaram a ser denominadas de "Crianças da Luz", "Crianças do Milênio", "Crianças Estrela". Tudo isso soa estranhíssimo como estudante de Kardec. Embora considerando instigante o tema "crianças índigo", não o concebemos nem como comprovado ou comprovável, nem como reprovado ou reprovável muito embora o método adotado para tais afirmações ser bastante heterodoxo. Visualização de auras nos trabalhos acadêmicos atuais é problemático.

Nancy seria uma espécie de câmera de Kirlian, ou seja, ela "veria" campos eletromagnéticos, as cores e as frequências. Destarte percebeu que existia uma cor da aura associada com alguns recém-nascidos. À época ela estava trabalhando no seu doutorado. Para ela cerca de 80% das crianças nascidas após a

década de 80 são índigos.(!)

Creem alguns que uma criança de "aura azulada" é aquela que apresenta um novo e incomum conjunto de atributos psicológicos e mostra um padrão de comportamento geralmente não documentado ainda, pois não existe no Brasil relatório conclusivo sobre o assunto e há pouco estudo sobre tais crianças por aqui, não conhecemos nenhuma pesquisa que constate essa incidência no País.

Afirma-se que tais crianças têm um sentimento de "desejar estar aqui", porém não se auto-valorizam (?)parecem anti-sociais,sentindo-se bem com outras do mesmo tipo. Por esta razão a escola é frequentemente difícil para elas do ponto de vista social. Porque segundo sustentam os "indigólogos", o modelo de ensino é sempre imposto sem muita interação, um modelo feito para o hemisfério esquerdo do cérebro, o racional, o lógico, incompatível com os azulíneos que naturalmente têm o hemisfério direito mais desenvolvido o que lhes dá o grande poder intuitivo, a grande capacidade de percepção extra-sensorial.

Crê-se que existem quatro tipos diferentes de "guris azulados" e cada um tem uma proposta: Os prováveis humanista que poderão trabalhar junto às massas humanas, Os conceituais que detêm um perfil mais técnico, os artistas que serão dotados de criatividade e os chamados interdimensionais que supostamente trarão novas filosofias e espiritualidade para o mundo.

A identificação das crianças cor de anil assinala seres dotados de bom potencial intelectual, porém destituídos de maior maturidade emotiva, visto que preferem a solidão, traumatizam-se quando erram ou se frustram quando suas ideias não são aceitas. Guris com auras da cor do céu podem ser criação do mercado de auto-ajuda norte-americano que confunde espíritas e professores mesclando sobrenatural e educação! Em verdade, tais crianças pós-80 não passam de

espíritos endividados com a missão de superar seu exaltado orgulho, aproveitando as últimas chances nesse planeta para mudar de rumo.

Conforme consigna Rita Foelker "Não sabemos se ou até que ponto as chamadas Crianças índigo participam deste despertar para valores mais elevados de vida. Agora, se essas Crianças podem contribuir conosco? Claro. Se elas têm algo a nos ensinar? Muito provavelmente. Mas daí a dizer que são "filhos da luz" e "crianças da Nova Era" vai uma boa distância, criando expectativas que muito possivelmente recairão sobre elas mesmas, no presente ou no futuro." (4)

Cremos ser fundamental as áreas do saber permutem informações que se completem para uma melhor compreensão do espírito encarnado e possam cooperar, em conjunto, na sua evolução, mas afastado do incontrolável pendor místico que paira na Pátria do Evangelho.

A Terceira Revelação não inventa a renovação social; "a madureza da Humanidade é que fará dessa renovação uma necessidade. Pelo seu poder moralizador, por suas tendências progressistas, pela amplitude de suas vistas, pela generalidade das questões que abrange o Espiritismo é mais apto do que qualquer outra doutrina, a secundar o movimento e regeneração; por isso, é ele contemporâneo desse movimento". (5)

Em face disso, os centros espíritas precisam proporcionar, prioritariamente, esclarecimento. O Espiritismo por seu aspecto religioso, filosófico e científico, tem por premissa esclarecer através da fé raciocinada, ou seja, através do bom-senso kardeciano. Desta forma, consideramos de subida relevância que os dirigentes e colaboradores dos centros espíritas estejam mais bem informados sobre o tema índigos, a fim de que possam orientar os frequentadores e assistidos de forma coerente e objetiva, cumprindo a inexpugnável integração proposta pela Doutrina Espírita na sua base lógica.

Finalizamos por aqui nossas brevíssimas argumentações com a singeleza das letras da articulista Foelker: "Dizem, os que apóiam a tese dos índigos, que eles vieram para nos ajudar a evoluir. Então, eu encerro perguntando: qual é a criança que NÃO nos ajuda a evoluir?" (6) Eu também indago - qual?

Referências bibliográficas:

(1) Do Espírito Erasto encontramos em O livro dos médiuns, item 230 do cap. XX, a célebre frase: "Melhor é repelir dez verdades do que admitir uma única falsidade, uma só teoria errônea"

(2) Franco, Divaldo Pereira. Momentos de Harmonia, Ditado pelo Espírito Joanna de Angelis, Salvador: Editora Leal, 1991.

(3) "Crianças índigos" é teoria que surgiu da observação de auras azul brilhante, isso significando diferença (para "melhor") entre os que a possuem e os que a têm de outra cor.

(4) Rita Foelker in Crianças índigo: uma simples opinião 13/02/2006 Artigo publicado no site da Fundação Espírita André Luiz (www.feal.com.br) http://www.feal.com.br/colunistas

(5) Kardec Allan. A Gênese, RJ: Ed. FEB, 2004, Sinais dos Tempos - 4ª parte. (itens 21 a 26) (Estudo 131 e 132)

(6) Foelker in Crianças índigo: uma simples opinião 13/02/2006 Artigo publicado no site da Fundação Espírita André Luiz



Ingerências históricas nas bases cristãs

Em plena Quinta Avenida de Nova York, na esplendorosa catedral de Saint Patrick aconteceu um Seminário de 08 a 11 de abril de l996, para discutir-se sobre a Ressurreição do Cristo. Duas das mais influentes revistas americanas - Newsweek e Time - dedicaram 17 páginas de reportagem à rediscussão do fenômeno de dois milênios atrás. Existem mais de quatro mil papiros que documentam os fenômenos dos tempos apostólicos e a existência do Cristo, porém, para o "erudito" Gerard Ludemann a ascensão de Jesus não passa de uma visão subjetiva de Pedro, isso porque estava acabrunhado por ter negado o Mestre e deprimido pelo horror da crucificação.

E, ainda, segundo o jornalista Keneth Woodward o aparecimento de Jesus para 500 seguidores não passaria de um estado de arrebatamento coletivo. A moderna psicologia reduz o episódio a uma série de experiências psíquicas que produziram nos discípulos um certo senso de zelo missionário, conforme explica Woodward. Lamentavelmente ainda hoje as religiões desconhecem os naturais fenômenos mediúnicos de ectoplasmia, de materializações luminosas, levitação etc.

Ainda ignoram os naturais processos da reencarnação e da comunicabilidade dos desencarnados. Essa insipiência dos fenômenos espirituais é, em parte, decorrente das deliberações do Concílio de Nicéia em 325, quando o imperador Constantino arrostou e combateu Ário de Alexandria, bispo que discutia a natureza divina do Cristo, que não aceitava o mito dogmático da santíssima trindade. Contexto histórico em que Basílio de Cesaréia e Gregório de Nazienzeno impuseram o culto aos santos, culminando as decisões do evento na fatídica proibição

da prática da mediunidade, elemento básico dos cristãos ligados à igreja de Antioquia. O Cristianismo se afastou muito das propostas do Cristo, perdeu demais com isso, e como se não fosse o bastante, em 381, o Imperador Teodósio oficializa o culto cristão, para posteriormente, em 554, o imperador Justiniano convocar o II Concílio de Constantinopla sepultando os estudos da reencarnação, a partir do qual o Cristianismo ficou à deriva. Dois mil anos em que muitos heróis dos bastidores cristãos tiveram que ofertar a vida para a busca da liberdade de pensamento. Desde a Renascença, passando pela Enciclopédia, e chegando a Kardec o mundo sofreu por um sopro renovador para uma concepção mais próxima da realidade transcendental de nossa destinação. Atualmente, graças aos Espiritismo visualizamos um Cristo mais consentâneo com Sua realidade, menos mitológico. Longe de atos sacramentais, liturgias, bulas e dos editos de perseguições inquisitoriais; distante das controvérsias a respeito da materialização de Jesus após a Sua crucificação; uma vez que Mateus registra que Ele apareceu primeiro para Maria Madalena, Lucas, no entanto, afirma que foi Pedro quem O viu primeiro, enquanto Marcos não toca no assunto.

A despeito das contradições históricas eivadas de informações tendenciosas, o adepto do Espiritismo, conscientes de sua contribuição ao cristianismo, tem buscado uma interpretação mais contemporânea e racional para lidar com os fatos contidos, sobretudo no Novo Testamento. A Doutrina Espírita não estimula a crença no milagre, no sobrenatural, mas nas potencialidades da própria natureza humana, em cujos pilares a mediunidade tem função preponderante.



Manifestações de fundo umbandista no meio espírita

Para um bom entendimento, é FUNDAMENTAL a leitura atenta e a reflexão profunda sobre cada linha aqui escrita, antes de manifestação precipitada e formação de juízo de valor, a respeito do título deste artigo... lembrando que existe uma inteligência primária causadora de todas as coisas e que nada acontece por acaso..., pois como espíritas precisamos em primeiro lugar de sermos fiéis à Doutrina dos Espíritos, codificada por Allan Kardec, pois nos baseamos na fé raciocinada e por isso mesmo respeitamos profundamente todas as religiões.

O Espiritismo e a Umbanda não se confundem como doutrinas, apesar de ambas encontrarem consequências e direção filosófica e religiosa oriundas de mensagens mediúnicas, porém, ambas, são doutrinas absolutamente distintas e individualizadas, segundo seus fundamentos e práticas. Muitos teimam em nominar a Doutrina Espírita de "mesa branca", contudo, qualquer adjetivação é inadequada quando se quer fazer referência à Terceira Revelação. Não existe Espiritismo de mesa branca, azul, amarela ou verde. O Espiritismo dispensa qualquer expressão que se aproxime mais dos sentidos materiais que dos apelos do espírito, como: identificá-lo por gradações de cor, destacar títulos de progresso terrestre nas manifestações mediúnicas, expressões dogmáticas e, acima de tudo, entender que a Doutrina Espírita não se divide, posto que são os homens que se dividem em numerosas religiões.

Não é nossa intenção difundir conceitos radicalizados, desconsiderando outras práticas mediúnicas. Porém, sim,

esclarecer o aspecto inexpugnável da Revelação Espírita. Não vamos nos precipitar em definições apriorísticas e, muito menos, expressarmos a malícia para disseminar as cogitações aqui consignadas. Contudo, colimamos a busca da luz sublimada da fé raciocinada, como um impositivo da boa prática espírita. Portanto, muito longe de posições policialescas, não transigiremos com os legítimos princípios doutrinários e evangélicos e, se muitos confrades incautos perseverarem na incompreensão, que cada médium cuide da sua decisão, até porque, Jesus afirmou que o trigo cresceria ao lado do joio em sua seara. Considerando que são raros, ainda, os Centros Espíritas que se podem entregar à prática mediúnica com plena consciência da tarefa que têm em mãos, destarte, é aconselhável e prudente, segundo Emmanuel, "a intensificação das reuniões de estudos, a fim de que os centros não venham a cair no desânimo ou na incompreensão, por causa de um prematuro comércio com as energias do plano invisível."

As teses emmanuelinas explicam que nas Casas Espíritas os médiuns são úteis, mas não indispensáveis. Por falta de base moral, são muitos os que se afastam das reuniões, quando elas não apresentam fenômenos. É óbvio que assim procedem por plena inabilitação para o legítimo trabalho do Espiritismo, razão pela qual, é melhor que se afastem, temporariamente, dos trabalhos mediúnicos, antes de assumirem qualquer compromisso.

O tema que apresentamos tem como alvo os médiuns contumazes que se deixam influenciar por entidades que se manifestam com trejeitos e linguagens extemporâneos (de pretos-velhos, de caboclos, de índios, de germânicos, etc.). É óbvio que esse hábito não é conveniente, e é de se estranhar que estudiosos sinceros, continuem com esse comportamento.

Em face dessa teimosia, cabe-nos defender a fidelidade a Kardec, sem transigir um milímetro com os princípios espíritas. A prática mediúnica não se constitui tão-somente da

movimentação das energias psíquicas em suas expressões fenomênicas e mecânicas, porque exige o trabalho da vigilância e o sacrifício do coração, onde a luz da comprovação e da referência é a que nasce da consciência, do entendimento e da aplicação do Evangelho. Segundo Emmanuel que acrescenta: "O primeiro inimigo do médium reside dentro dele mesmo, é o personalismo, é a ambição, a ignorância ou a rebeldia no voluntário desconhecimento dos seus deveres à luz do Evangelho. O segundo inimigo encontra-se no próprio seio das organizações espiritistas, constituindo-se daquele que se convenceu quanto aos fenômenos, sem se converter ao Evangelho pelo coração, trazendo para as fileiras do Consolador os seus caprichos pessoais, opiniões cristalizadas no endurecimento do coração, sem reconhecer a realidade de suas deficiências e a exiguidade dos seus cabedais íntimos."

Um confrade nos indagou sobre qual opinião nutríamos a respeito da "incorporação" de pretos-velhos e caboclos nas casas de orientações espíritas. Dissemos que Espíritos que se apresentam como caboclos e pretos-velhos nos terreiros possuem muito pouco ou quase nada de si mesmos para ensinar, em termos de moral espírita. A rigor, duas são as formas pelas quais Espíritos de caboclos ou pretos-velhos podem entrar numa Casa Espírita: ou para receber ajuda, se ainda estiverem necessitados; ou para aprender coisas novas. Obviamente, devemos ter respeito, atenção, carinho, amor, sincero desejo de ajudar, porém essa não é uma recomendação isolada para Espíritos de caboclos e pretos-velhos. Isso vale para toda comunicação mediúnica.

Afirma-se que a indumentária de "preto-velho" é, unicamente, o morfismo com que o espírito por trás daquele, utiliza-se naquele instante para que possa alcançar a seu objetivo. Será mesmo?... Que objetivo?... Dizem que por trás desses estereótipos (preto-velho, caboclo) podem estar "médicos", "filósofos", "poetas", etc., que apenas se utilizam de

tais "vestes" para ensinarem melhor (!...). Nada mais estranho do que se dar crédito a essas crenças. Até porque, o pensamento é a linguagem, por excelência, no mundo espiritual e a forma e trejeitos no falar e agir são acessórios desnecessários. E o pior da história é que muitos confrades, que não estudam Kardec, creem que é sintoma de boa mediunidade ser instrumento de "preto-velho". Ora, não há pretos-velhos, nem brancos-velhos, uma vez que todos são Espíritos. Por isso, devemos ter toda cautela com esses atavismos.

Ressaltamos que as tradições das práticas mediúnicas africanas e ameríndias não sofrem discriminação entre os espíritas estudiosos, nem consideramos os Espíritos de índios e negros como involuídos, porém, ignorantes. Não há preconceito nas sessões espíritas. Procura-se manter o respeito às entidades, à mediunidade e à Doutrina Espírita, buscando a coerência com a verdade que já identificamos nos preceitos kardecianos. Em verdade, Espíritos que se mostram no Além, como antigos escravos africanos, ou como indígenas, podem falar normalmente, sem trejeitos. Por que não verbalizar em português, uma vez que o médium capta o pensamento da entidade e reveste-o com palavras?

Antropólogos se referem a certo "abrasileiramento" do Espiritismo, pelo fato de que, aqui, a população desfruta de uma "intimidade" em lidar com entidades de terreiros. Não podemos aceitar a ideia de um Espiritismo à brasileira. Isso seria um pensamento extremamente sincrético, encharcado de várias práticas do catolicismo popular e das religiões afro-brasileiras. Apesar de o Espiritismo ter sido difundido no Brasil, confrontando-se com uma cultura religiosa já consolidada, hegemônica e, portanto, conformadora do ethos nacional, não sofreu e nem poderia ter sofrido as interferências do catolicismo popular e das religiões de possessão de matriz afro-brasileiras.

Segundo pesquisadores, alguns adeptos do Espiritismo se posicionaram contra a pureza doutrinária e se aproximaram do mediunismo popular, fundando uma nova religião ao longo do século XX, ou seja: a Umbanda. É demonstrar ignorância suprema afirmar que crenças como o Candomblé, a Quimbanda, a Umbanda sejam "ramificações" da Doutrina Espírita.

O Espiritismo não possui ramificações ou subdivisões. Seu corpo doutrinário está contido nas Obras Básicas codificadas por Allan Kardec. Essas crenças, às quais nos referimos, possuem origens bastante distintas do Espiritismo, embora compartilhem alguns conceitos que são comuns não só ao Espiritismo, mas às várias correntes espiritualistas.

Não podemos nos acomodar com um Espiritismo "à moda da casa" que vários centros adotam, fugindo das lições de Allan Kardec. A base teórica com que analisamos uma prática eminentemente Espírita tem, como pilotis, o material da Codificação, com o qual podemos separar as práticas espiritualistas estranhas das práticas eminentemente espíritas. Nestas reflexões, não é nossa intenção nos posicionarmos quais "policiais ou fiscais" do Espiritismo, por não aceitarmos uma ou outra prática mediúnica nas Casas Espíritas, fora do projeto kardeciano. Destacamos, apenas, que qualquer análise crítica construtiva é uma necessidade para a sã divulgação espírita e para um legítimo comportamento na manutenção dos fundamentos da Terceira Revelação.



Milagreiros do além, pomadismos e curandeirismos

A revista Veja de 14/06/2000, pág. 68, traz longa reportagem intitulada "Não ajuda em nada", demonstrando que pesquisas confirmam uma realidade preocupante, que tratamentos alternativos (místicos) comprovadamente são ineficazes no restabelecimento da saúde de pacientes, especialmente com câncer. É lastimável acompanharmos a Imprensa comum dando notícias sobre "Espíritos" que têm fornecido dietas para regime de emagrecimento ou, ainda, divulgam que cirurgiões do "além" que vão retalhando corpos em nome de operações "espirituais", outros que prescrevem receitas com medicamentos alopáticos, fitoterápicos (ervas "milagrosas") e chás de "coisa nenhuma".

O Espírito André Luiz adverte: "Aceitar o auxílio dos missionários e obreiros da medicina terrena, não exigindo proteção e responsabilidade exclusivos dos médicos desencarnados" (1)É atitude equivocada a tendência de subestimar a contribuição da medicina humana, entregando enfermidades aos Espíritos milagreiros do além (de preferência cirurgião com nome germânico ou hindu) para que "curem" complexos processos de metástases, por exemplo. Os conceitos espíritas nos remetem à certeza que a matriz das doenças está fincada no estado mental do enfermo, portanto, a rigor, não serão agentes externos que determinarão curas para os que teimam permanecer entorpecido na condição de revolta e dubiedades ante os códigos de justiça vigentes nos Estatutos Divinos, ou naqueles que só se refarão sob o guante dos legítimos processos de enfermidades em face dos dispositivos de causa e efeito, até porque "A doença pertinaz leva à

purificação mais profunda" (2) Os Espíritos não estão a disposição para promoverem curas de patologias que não raro representam providências corretivas para nosso crescimento espiritual no buril expiatório.

Nesse sentido, os dirigentes de núcleos espíritas deveriam promover bases de estudos e reflexões sobre as propostas filosóficas, científicas e religiosas do Espiritismo ao invés de encetarem trabalhos espirituais para os inócuos "curanderismos". Os preceitos doutrinários esclarecem-nos que devemos "Aproveitar a moléstia como período de lições, sobretudo como tempo de aplicação de valores alusivos à convicção religiosa. A enfermidade pode ser considerada por termômetro da fé".(3) São inoportunas certas manifestações de promessas de "curas" de obsessões com sessões da famosa corrente magnética brasiliense (prática "inventada" em Brasília, por grupos que seduzem empolgados "filantropômanos" através do apelo assistencialista, inoculando estranhas práticas doutrinárias) como a magnetização "desobsessiva" para afastar Espíritos aos moldes de como se espanta moscas das feridas expostas. Para consubstanciar esse objetivo recorrem ao auxílio da varinha de condão do chamado "choque anímico" com o qual os enfermos se "libertam" dos obsessores, conforme promete livro(4) publicado pelos seguidores desse movimento equivocado. Há, ainda outros núcleos que propõem aplicações de luzes coloridas (cromoterapias) para higienizar auras humanas e curar (pasmem): azia, cálculo renal, coceiras, dores de dente, gripes, soluços em crianças, verminose, frieiras, conforme propaga literatura específica. (5) Acreditem!! Se não bastasse recomenda-se até carvãoterapia (?!) para neutralizar "maus-olhados" nesse sentido, segundo creem é só colocar um pedaço de tora de carvão debaixo da cama e estaremos imunes do grande flagelo da humanidade - o "olho comprido" !! Muitas instituições espíritas do DF têm distribuído o remédio (cura tudo do momento) uma tal pomada do "vovô fulano".

O que se nota, a bem da verdade, é que ainda não há rigor suficiente das instituições espíritas para com a pureza doutrinária tão-necessária, pois não se viu bater em retirada de todos os rincões do meio espírita os sistemas divergentes, que teimam em se alojar aqui e ali, na tentativa de, pelo decurso do tempo, serem confundidos e aceitos como Espiritismo de fato: ramatisismo, roustainguismo, ubaldismo, armondismo, umbandismo etc, e mais os apometristas, cromoterapistas, pomadistas, cepistas etc. O que se quer é a transparência doutrinária no movimento espírita ou a confusão doutrinária? Se for transparência doutrinária, então, maior rigor para com os divergentes, a fim de que desanimem e se afastem de vez por todas. A vida moderna, globalizada ou não, está a pedir, isso sim, posicionamentos e comportamentos firmes e consentâneos com a proposta espírita. Como bem recomenda o ínclito Codificador, em Viagem Espírita 1862, pág. 33: "O excesso em tudo é prejudicial, mas, em semelhante caso, vale mais pecar por excesso de prudência do que por excesso de confiança".

Sabemos que os que lêem estas linhas podem pensar que estamos revestidos de ideias ficcionais, mas podemos assegurar que não teríamos materiais tão imaginativos. Em recente entrevista ao jornal Alavanca - abril/maio-2000 - Divaldo Franco adverte sobre as "terapias alternativas", "curandeirismos" e a fascinação na prática mediúnica, apontando-as como fatores que têm desestabilizado o projeto da unidade doutrinária". É por essas e outras que a revista Veja, abril de 1999, registra que os médicos da ala conservadora da psiquiatria consideram os médiuns como dotados de neuroses, psicoses, desvios de personalidade, esquizofrenias.

Se pararmos para refletir daremos uma certa razão para esses profissionais, até porque muitos adeptos do Espiritismo não conhecem os livros de Allan Kardec, Emmanuel, André Luiz, Joanna de Ângellis, Bezerra de Menezes, Vianna de Carvalho e outros consagrados expoentes da difusão doutrinária e

lastimavelmente estão aguilhoados nas práticas que comprometem todo projeto doutrinário. O exercício dos Códigos Evangélicos nos impõe a obrigatória fraternidade e compreensão aos adeptos dessas esquisitas práticas, o que não equivale dizer que devemos nos omitir quanto à oportuna admoestação para que a Casa Espírita não se transforme em academia de andróides hipnotizados pela fantasia e ilusão.

Referências bibliográficas:

(1) Luiz, André, Conduta Espírita Cap.35. Editora FEB:RJ /1977-5ª edição

(2) Idem

(3) Idem

(4) Colegiado dos Vínculos Fraternais, Desobsessão por Corrente Magnética, 1ª edição Sociedade de Divulgação Espírita "Auta de Souza"-1996. DF

(5) Nunes, René. Cromoterapia. A Cura Através da Cor. Editora Asa Sul./Brasília 1ª edição.



Misticismos que despencam a credibilidade do projeto espírita no Brasil

Toda convicção religiosa é respeitável, entretanto, se buscamos a Doutrina Espírita, não podemos negar-lhe fidelidade. Por elevadas razões, é urgente preservar a incolumidade da Terceira Revelação. Até porque, ante as funções educativas das religiões, em geral, somente o Espiritismo nos auxilia o livre exame, com o sentimento livre de imposições dogmáticas, para que a fé encare a razão de frente.

Tendo como fonte de consulta o You Tube, na Internet, encontra-se uma pergunta endereçada a Divaldo Franco: "Os espíritos de "pretos velhos" ou de "pretas velhas", que vêm orientar numa casa espírita, podem ser levados a sério? A explicação do tribuno baiano é simples e direta: - Não pode! Explica Divaldo: "Esse espírito pode ser muito bom, mas é muito ignorante. E a nossa tarefa é retirar a ignorância. Por que ele tem que ser um preto velho? O Bezerra de Menezes é velho, mas não é "branco velho". Notem, aí, uma discriminação. E se chegar um índio velho? Ah! - Eu sou um vermelho velho! Ou um japonês velho? - Eu sou um amarelo velho! "Portanto, há um atavismo." (1)

"O espírito pode chegar e "incorporar", porque na Terra ele foi, esteve no corpo de um preto velho. Aí, ele se identifica: 'eu sou um preto velho'. O doutrinador tem a obrigação de orientar esse espírito dizendo-lhe: - "Não meu irmão! Você foi um preto velho, mas não é mais, pois você agora não tem cor, você superou isso. Embora essa encarnação tenha sido muito útil para você, que pôde desenvolver a humildade, agora você é um espírito e espírito não tem cor. Você pode reassumir outras

reencarnações. "Então, tire da sua mente essa condição de escravo." (2)

"É que nós gostaríamos de continuar tendo escravos no além. Para os trabalhos não muito dignos. Dizemos: - Chamem o preto velho que ele resolve. Ah! Na Umbanda eles trabalham com as coisas "fortes", ou seja, as coisas que os mentores não fazem, eles, nos terreiros, fazem. Quer dizer que deixamos para eles a tarefa do lixo? Existe lixo no mundo espiritual, ou são as nossas paixões? Ele será sempre bem recebido, mas essa colocação de que é um preto velho, de escravo, e nós somos senhores, não tem lógica alguma. Não somos senhores nem dos nossos atos." (3)

O irmão (preta ou preto velho) que venha, e dê o nome que tinha quando encarnado: Paulo, Joaquim, Inácio, Sebastião ou qualquer outro, Maria, Fátima etc. Esse atavismo é pieguismo e, se não o ajudarmos, o espírito vai continuar com aquela imantação de ex-escravo e não progride. "Acha que para progredir tem que nos fazer favores, porque somos branquelas." (4)

Alguns confrades imaturos tentam comparar o fenômeno de psicofonia de Divaldo, quando "incorpora" o Espírito Bezerra de Menezes, às "incorporações" de um Preto Velho quando se manifesta, concluindo serem semelhantes. Nada mais risível! A comparação entre a psicofonia das entidades de ex-escravos, que ocorrem comumente, é ABSOLUTAMENTE diferente, tanto na forma quanto no conteúdo, da transcendente ligação psicofônica do venerando Bezerra através do médium Divaldo Franco.

É bastante evidente que muitos ineptos defensores de manifestações continuadas de pretos velhos, nos Centros de orientação espírita, estão querendo forçar uma situação demasiadamente despropositada, sem senso lógico. Comparar a essência das irrepreensíveis mensagens advindas de Divaldo a de um médium comum, que anda, a torto e a direito, dando

"passagens psicofônicas" a ex-escravos, velhinhos eivados de conteúdos pobres e, quase sempre, aparentemente úteis, é, no mínimo, compactuar com a ignorância. Aparentemente úteis, sim, pois esses grupos espíritas estão mantendo, sagazmente, os irmãos ex-negros em condições de humilhação (de infelizes escravos). Tais espíritos (pretos velhos, pretas velhas, caboclos e outros...) são idolatrados por tais confrades, supostamente espíritas, porque são submissos às suas paixões, etc., etc., e fazem sempre as suas vontades pueris.

Esses defensores da umbandização do Espiritismo não podem forçar uma situação que não há como se estabelecer comparações. O extraordinário "branco-velho", Bezerra de Menezes, dispensa comparações estapafúrdias sobre suas mensagens, que são verdadeiros tesouros de sublimação, pois ele, o Kardec brasileiro é, na essência, o maior BALUARTE DO ESPIRITISMO NO BRASIL.

É urgente romper a malha dessa teia do misticismo inoportuno que arranha a imagem do Projeto Espírita no Brasil. O Centro Espírita não é reduto de escravos (senzala) em que espíritos ataviados utilizam os "cavalos" (5) e indicam, aos choraminguentos e eternos pedintes, o caminho das facilidades materiais na volúpia de suas próprias conveniências pessoais. O carimbo da umbandização tem marcado fundo a misticidade dos cegos da razão. Mais do que a ignorância dos iletrados, com seu cortejo trágico de endemias morais devastadoras, o mediunismo inoperante e improdutivo depauperou a inteligência popular, com seu cortejo de exacerbadas mistificações.

Portanto, por falta de base doutrinária, observamos, com apreensão, nosso ambiente espírita repleto de idolatria mediúnica, misticismo inócuo e, o que é pior, aparecimento de uma classe defensora da retórica vazia do "não-me-toques", do "nem tanto o mar, nem tanto a terra", de supostos missionários e estufados de vaidade e arrogância, que esbravejam contra os

defensores da pulcritude doutrinária em nome de suas vaidades travestidas de falsa humildade.

Essa tendência mística popular, carregada de superstições seculares, favorece a proliferação de defensores da enxertia mediúnica e do ecletismo, com argumentos de expoentes arautos da liberdade, em cuja filosofia do "tudo é permitido em nome do bom senso", caricaturam a mansuetude, se se deparam com os seus contraditores.

Toda essa carga morta de defensores da "liberdade", do "tudo pode", esmaga o movimento doutrinário e abre as suas portas para a infestação do sincretismo religioso afro-brasileiro, em que os deuses, ignorantes e ingênuos da selva africana, e das nossas selvas, superam e absorvem os antigos e cansados deuses cristãos dos altares mundanos das igrejas de pedra, obstando o desenvolvimento da legítima e sensata Cultura Espírita.

A domesticação idolátrica e persistente das entidades dos terreiros nos Centros Espíritas mal conduzidos, ameaça descaracterizar todo o conteúdo doutrinário, legado por Allan Kardec, sobretudo, se se transformar em prática que não temos exemplares no trajeto mediúnico do mais famoso médium da História Espírita, o mestre Chico Xavier.

Temos que evitar esse incontrolável pendor às formações mistificadoras, tendente a um tipo de alienação, quase que psicopatológica, que o Espiritismo sempre combateu, desde a promulgação da fé racional, contra a fé cega, fanática e incoerente, por ser submissa ao misticismo danoso à fé raciocinada.

Em suma, ou busquemos um comportamento doutrinário em bases firmes, sem misticismos, e crendices outras, ou o Espiritismo acaba de vez no Brasil. Tem mais, se não preservarmos as estruturas básicas das propostas Espíritas, não conseguiremos vislumbrar a continuação do projeto da Terceira Revelação nestas terras das aventuras mediúnicas, pois cremos

que a espiritualidade esteja atenta para, no momento exato, transferir o projeto (a nível coletivo) para um país onde a população seja menos mística, tenha uma fé mais inteligente e moral mais elevada.

Das duas, uma: Ou a Doutrina Espírita alcança sua meta como princípio transformador e formador de nova consciência cristã, ou perderá, totalmente, o sentido essencial de uma Nova Revelação.



Movimento espírita no "mundo do faz de conta"

Este artigo advém do imaginário do autor, razão pela qual qualquer semelhança com pessoas ou fatos reais terá sido mera coincidência. Concebamos um panorama confuso do movimento espírita do "mundo DO FAZ DE CONTA".

Aí notamos exercício doutrinário mesclado de ideologias cognominadas "neo-esotéricas" (ufologia, astrologia, tarô, cristais, orientalização, cromoterapias, apometrias). É óbvio que toda essa carga morta esmaga o movimento doutrinário e abre as suas portas para a infestação de exorcismos inócuos (desobsessões que mais parecem os inocentes exorcismos, "choques anímicos" por correntes magnéticas(!), festival caricato de mensagens psicografadas dos parentes desencarnados.

Nos imagos "DO FAZ DE CONTA", pasmem! Estão imitando os trabalhos que Chico realizava com sobriedade. Substituem a simplicidade e a espontaneidade dos fenômenos mediúnicos por promessas de supostas consolações advindas do "além". Para denunciar tal fantasia uma pessoa informou ter pedido a comunicação de um inventado avô "falecido", e "conseguiu" a mensagem do tal avô. Há instituições que criaram trabalhos de passes para todos os gostos e interesses, ou seja, passe normal (para os inconvenientes "papa-passes"), passe forte (com direito a incorporações na presença do obsedado), passe superforte (para doentes, obsedados e "papa-passes"), passe "virtual"(!?...).

No "FAZ DE CONTA" há o extravagante Espiritismo da "prosperidade", do "cure o seu corpo" e da "paz mental e emocional". Inventaram cursos, palestras e workshops a

R$.1.600,00 per capta sobre os temas da auto-ajuda realizados em hotéis de luxo. Nesse mistifório tramaram o movimento da "nova era" (neoespiritismo!?), das sugestões das surradas querelas sobre a coqueluche da moda "planeta em transição", da paracientífica psicologização, pedagogização, espiritização(!?), filosofização, academização, idolatria de oradores, endeusamento de médiuns, palestrantes cover que querem ser famosos a qualquer cotação, para esse escopo fazem shows teatrais de oratória com direito a burlescas e afetadíssimas declamações poéticas e posteriores incorporações de ilustres velhinhos falecidos, cujas vozes arrastadas mais parecem personagens criadas pelo Chico, não o Xavier de Uberaba, mas o Anísio da "Escolinha do Professor Raimundo".

Nessa tendência mística popular, carregada de superstições seculares, no "FAZ DE CONTA" observamos a proliferação de pregadores santificados, tribunos de voz empostada e gesticulação ensaiada. Lá os órgãos "unificadores" pretendem a "união", aplaudindo oradores empavonados, personalistas, visivelmente obsedados que encontram espaços nas diretorias das federativas para manipularem e ditarem a espetacularização e a comercialização de congressos ditos "espíritas". Além disso, os congressos são marcados pela erudição acanhada, oratória plagiada e retórica de auto-ajuda e infelizmente ausência de trabalhos mais urgentes e debates coerentes, pois renunciam aos critérios da lógica e da razão propostos por Kardec.

No país "DO FAZ DE CONTA" os idólatras desprevenidos aplaudem a presença de palestrantes estrelinhas que comercializam caridosamente os DVDs da palestra filmada, cantada, recitada etc, perturbando a credibilidade da Doutrina. Lembremos que aqui ou no "FAZ DE CONTA" comercializar uma palestra, além de deplorável, é uma estultícia moral.

No "país DO FAZ DE CONTA" percebemos impulsos incontidos do culto à personalidade de tal ou qual médium. São

os notáveis adoradores das gloríolas mundanas, médiuns que se ufanam com os galanteios do "reconhecimento social", de preferência com vassalagens e construções de museus destinados a preservar sua memória enquanto estão "encarnados".

Que escárnio! Tais idolatrados no país do "FAZ DE CONTA" têm consciência da fatalidade biológica (morte física). Sabem que ao receberem a visitinha inevitável da "dama desencarnação" haverão de prestar contas na contabilidade do Criador, porém têm ciência que o seu cofre estará vazio de humildade, motivo pelo qual assumirão colossal dívida por terem encenados na ribalta das ilusões, das luzes dos holofotes da fama estéril, enquanto estão fazendo turismo no corpo físico.

No mundo "DO FAZ DE CONTA" há pessoas que idolatram tais espíritas famosos, pois são seus amigos pessoais. Contudo, escudados nessa "amizade" não têm a dignidade de adverti-los quando cometem erros. Tais amigos, que são mais "amigos da onça" do que do idolatrado, sabem dos seus lapsos doutrinários, mas silenciam, cruzam os braços, colocam vendas nos ouvidos, na boca e nos olhos para não se comprometerem e muitas vezes se agastam com os que têm a altivez de admoestar direta ou indiretamente tais médiuns purpurinados.

Graças a Deus esse elenco de disparates só acontece no universo do "FAZ DE CONTAS". Todos os fatos do FAZ DE CONTA" nos mostram que a Doutrina Espírita aqui na vida real também ainda não chegou a ser conhecida pelos seus próprios adeptos. Herculano Pires asseverou que "expor os temas fundamentais da Doutrina não é falar bonito, com tropos [tons] pretensamente literários, que só servem para estufar vaidade, à maneira da oratória bacharelesca do século passado. É incrível a leviandade com que oradores e articulistas espíritas tratam de certos temas, com uma falsa suficiência de arrepiar, lançando confusões ridículas no meio doutrinário. Temos de compreender

que isso não pode continuar. Chega de arengas melífluas nos Centros, de oratória descabelada, de auditórios parvos, batendo palmas e com palavreado pomposo. Nada disso é Espiritismo. Os conferencistas espíritas precisam ensinar Espiritismo - que ninguém conhece - mas para isso precisam primeiro aprendê-lo."(1)

Se abraçamos o Espiritismo por ideal cristão, não podemos negar-lhe fidelidade. É inegável que na vida real existem inúmeras práticas não compatíveis com o projeto doutrinário que urge sejam combatidas à exaustão, nas bases da dignidade cristã, sem quaisquer pecha de intolerância, tendente a impossibilitar discussão sadia em torno de questões controversas. "Jesus ensinou a orar e vigiar; recomendou o amor e a bondade, pregou a humildade, mas jamais aconselhou a viver de orações e lamúrias, santidade dissimulada, disfarçada em vãs aparências de humildade, que são sempre desmentidas pelas ambições e a arrogância incontroláveis do homem terreno."(2)

A verdadeira prática Espírita é a expressão da moral cristã, consubstanciada no Evangelho do Mestre Jesus. No Espiritismo, o Cristo desponta como excelso e generoso condutor de corações e o Evangelho brilha como o Sol, na sua grandeza mágica.

Referências bibliográficas:

(1) Pires, José Herculano. O Centro Espírita, São Paulo, Editora Pandeia, 1970

(2) idem



O centro espírita não é manicômio de iludidos

O Centro Espírita precisa ser, definitivamente, compreendido como um local de esperança na densa noite das angústias e dores humanas, por ser o ponto focal da mensagem do Consolador Prometido. Porém, é, exatamente, nas casas espíritas, onde o Movimento Espírita deve se consolidar, que acontecem as mais equivocadas práticas "doutrinárias".

Um gravíssimo problema desse processo decorre daqueles que assumem responsabilidades com a direção dos trabalhos, sem os obrigatórios recursos morais, culturais e doutrinários. Confrades que introduzem práticas inoportunas nos núcleos espíritas, tais como: preces cantadas, paramentos especiais (terno e gravata, roupas brancas, etc.), debates de política partidária, jogos de azar (bingos, rifas, tômbolas, etc.), e, até, desfiles de moda, são irmãos que sedimentam a confusão doutrinária nos solos, impondo ideias absurdas como se fossem princípios espíritas, e sempre aceitando "novidades" e "revelações" não comprovadas. Isso, sem citarmos a publicação de livros anti-doutrinários, por meio dos quais se promove a exaltação da fantasia mediúnica.

O Espiritismo não comporta "terapêuticas" nas Casas Espíritas, como: piramideterapia, cristalterapia, cromoterapia, musicoterapia, hidroterapia, desobsessão por corrente magnética, apometria, choques anímicos, etc. Enxertá-las nas Iinstituições Espíritas, como se prática Espírita fossem, é atitude irresponsável de pessoas autoritárias.

Sabemos que a Doutrina Espírita é princípio máximo da liberdade de pensamento. Inexistem proibições no bojo dos conceitos doutrinários, e, por isso, sentimo-nos mais livres, até

porque, não devemos explicações de conduta ou comportamento, pois a consciência individual é nosso guia. Todavia, sabemos que as consequências de nossas atitudes, inevitavelmente, advirão, tanto no bem como no mal proceder. Porém, do fato de cada um cuidar da própria conduta, será que ninguém tem o direito de cobrar uma mudança de comportamento mental dos que insistem no erro na Casa Espírita? É redundante dizer que numa Instituição de orientação Espírita devemos aprender a conviver na diversidade, na pluralidade, respeitando peculiaridades, diferenças e necessidades das mais diferentes áreas de trabalho, considerando, principalmente, as individualidades. Todavia, creio ser imperioso colocar a causa acima do indomável pendor místico, do personalismo e do autoritarismo.

A ausência de comprometimento e fidelidade à Doutrina Espírita é visível neste momento crucial. Como disse acima, a prática doutrinária vem sendo substituída por práticas exóticas e, necessariamente, malsãs, ocasião em que sobressaem muitos interesses escusos e pessoais, perturbando o dia-a-dia e a demanda do serviço da Casa Espírita.

Urge colocar a necessidade de estudo, juntamente, com análise e avaliação dos trabalhos executados, no Centro, em nome de Jesus e Kardec. A Terceira Revelação deve ser estudada incansavelmente; deve ser analisada e praticada em toda a sua extensão, em todos os aspectos fundamentais da vida, tais como: científico, filosófico, religioso, ético, moral, educacional e social.

No trabalho em grupo, o individualismo prejudica, inequivocamente, o trabalho de equipe e não se logra sucesso nas atividades em desenvolvimento. Destarte, é imprescindível que medidas sejam, antecipadamente, estabelecidas para que o personalismo exacerbado não prejudique o conjunto, que deve primar, a cada dia, pelo aprimoramento de todos e das atividades do Centro.

O Centro Espírita será o que dele fizermos. A propósito do tema mediunidade, importa esclarecer que o seu exercício não admite atitudes levianas, nem comporta insensatez nas suas expressões. Exige, sim, um estudo contínuo dos seus mecanismos. Infelizmente, o projeto socorrista dos médiuns está sendo preterido pelo "vedetismo", fruto da falta de conhecimento, da ignorância e, até, da irresponsabilidade de dirigentes e cúmplices desatentos. Não custa lembrar que a prática Espírita sem a devida base moral será, inevitavelmente, uma incursão permanente no mundo do erro e, consequentemente, das sombras.

O Centro deve ser uma escola no sentido absoluto da palavra, isto é: destinado a formar e edificar almas, educando todos os seus trabalhadores e frequentadores, pois todos são aprendizes, enquanto o Mestre é Jesus. Por isso, quem está, moralmente, mais preparado para ensinar, não pode ser aquele que passa o conhecimento de modo autômato e sem compromisso sério, que instrui quem está menos adiantado, caracterizando a Doutrina Espírita como sendo uma simples informação a transmitir.

O Centro Espírita não pode ser tomado como simples local onde se atendem Espíritos desencarnados, administra-se a caridade dativa, toma-se água fluidificada e aplicam-se passes. Tudo isso faz parte e é, altamente, relevante. Todas essas atividades devem ser associadas a uma programação educativa e com processos pedagógicos e didáticos adequados a cada tipo de ação. Desse modo, os Centros Espíritas se elevam ao nível das agências clássicas do lar, do templo e da escola convencional, para alcançarem a extensão transcendental de verdadeiras academias de formação espiritual e não manicômio de iludidos.



O controle universal dos ensinos dos espíritos e a fastidiosa arenga Antifebiana

Escutávamos, certa vez, algumas salas de "estudos" (bate-papo!!!) espíritas no Paltalk, via Internet, e os verbos que penetravam nos canais acústicos dos nossos ouvidos, através do headphone, feriam os tímpanos de nossa indulgência cristã. Evidentemente, não generalizando, há as raríssimas salas-exceções, que criteriosamente, promovem um estudo sério da doutrina à luz da razão e do bom senso. O tema? Divulgava-se a coqueluche do momento: o CUEE - Controle Universal dos Ensinos dos Espíritos. Nessa conversa melosa, questionava-se a validade dos temas trazidos por André Luiz, Joana de Angelis, etc., advindos de um único médium. E esses "precavidos" confrades, regurgitavam frases do tipo, "não aceitamos nada fora da Codificação". Enfim, portavam-se com toda eloquência de lídimos "doutores" em kardec, ou seja: kardequeólogos de plantão e de carteirinha!

De fato, CUEE foi um método científico empregado pelo Codificador na consolidação da estrutura da doutrina nascente e na implementação de seus pilotis. O mestre lionês, sabendo que a morte não tornava mais sábio ou mais ignorante o espírito desencarnado, precisava de um critério seguro para poder compilar as diversas informações trazidas pela espiritualidade. Sabendo que havia espíritos mistificadores, brincalhões e pseudo-sábios, Kardec fez com que todo o conteúdo doutrinário passasse pela filtragem do CUEE, ou seja, toda mensagem ditada pelos espíritos tinha que ser confirmada por diversos médiuns, preferencialmente, sem que tivessem qualquer contato entre si, e que ocorressem quase que

simultaneamente.

Kardec explica, na Revista Espírita, em abril de 1864, que um homem pode ser enganado, ou mesmo enganar-se. Contudo, tal fato não se dá, quando milhões de homens vêem e ouvem a mesma coisa: é uma garantia para cada um e para todos. Sabemos que essa universalidade do ensino dos Espíritos constitui o baluarte do Espiritismo.

O primeiro controle das mensagens é o da razão, à qual é preciso submeter, sem exceção, tudo quanto vem dos Espíritos. Segue-se, ao supremo controle da razão, a opinião da maioria. Compreende-se que, aqui, não se trata de comunicações relativas a interesses secundários. O controle universal é uma garantia para a futura unidade do Espiritismo e tende a anular todas as teorias contraditórias. Destarte, o que torna o Espírito André Luiz crido é que, por toda parte, observamos a confirmação das suas mensagens, através do testemunho de líderes consagrados no mundo inteiro.

Que influências poderiam exercer André Luiz ou Emmanuel, com suas mensagens, se elas fossem desmentidas, tanto pelos Espíritos, quanto pela liderança espírita mundial? Se um Espírito afirma uma coisa de um lado, enquanto milhões de pessoas dizem o contrário alhures, a presunção da verdade não pode estar com aquele, cuja opinião é única, contrariando as demais.

Ora, pretender ser o único a ter razão, contra todos, seria tão ilógico da parte de um Espírito, quanto da parte de um homem, o que não é o caso em discussão. Todas as pretensões isoladas cairão pela força das coisas, ante o grande e poderoso criterium de controle universal. Porém, as mensagens de André Luiz não caíram e jamais cairão.

Há confrades, no auge do delírio, recriando o Controle Universal dos Espíritos e, para tais indivíduos, essa é a única forma de se aceitar, com boa margem de segurança, os ensinamentos provenientes, sobretudo, das obras de Chico Xavier. (!!??) Por que essa prevenção contra o médium de

Uberaba?

Há confrades afirmando que Kardec, o Codificador, era o coordenador do Controle Universal. Depois de sua desencarnação, não houve quem desse seguimento à condição de controlador. Em verdade, esses confrades se apresentam eivados de despeito contra a FEB, informando, com desdém, que os grupos de pessoas, que deram origem à Federação Espírita Brasileira - FEB, criaram um sistema espírita muito diferente daquele idealizado por Allan Kardec e nele nunca esteve presente o Controle Universal dos Espíritos, o que se constituiu numa grave falha Febiana. (sic)

Atestam, esses novidadeiros, que apesar de o Espiritismo ter sido introduzido no país por membros da "aristocracia dominante", no século XIX, houve, desde o início, forte junção da Doutrina com as religiões, principalmente, a umbanda e o catolicismo.(sic)

Para esses vorazes detratores da FEB, (lembramos que o "calo" deles é o "Cristo católico", pasmem!) tanto os livros de Chico, quanto os do Divaldo apresentam mensagens que nada acrescentam e, até, contrariam a Doutrina . Acreditem, se quiserem..(!?)

Enchercados de fértil imaginação e gripados de raciocínio, espirram que o jovem católico, Chico Xavier, quando teve a visão mediúnica daquele que teria sido o Padre Manoel da Nóbrega, em pretérita encarnação, e que passou a ser identificado como Emmanuel, certificou-se de que este seria o seu Mentor Espiritual. Com isso, todo o processo mediúnico do extraordinário médium mineiro foi plasmado por um "misticismo" católico, que, imediatamente, os diretores da Federação Espírita Brasileira (FEB) aproveitaram. Com tal misticismo, vislumbraram um meio de divulgar um Espiritismo que fosse aceito pela sociedade brasileira que, então, era católica em sua esmagadora maioria. Meu Deus!!! Nunca vimos tão grande parvoíce!!

Para tais difamadores, muitos livros de mensagens psicografadas por Chico Xavier, nada possuem de "específico", no que se refere à Codificação. São opiniões de Espíritos que têm seu valor, como opinião pessoal (sic), mas não podem ser incorporadas como parte da doutrina básica, pois não se submeteram à chancela da paixão do momento, - o Controle Universal dos Espíritos.

Portanto, as teses abordadas pelo Espírito André Luiz não receberam a chancela do filão da discórdia (Controle Universal dos Espíritos) e, por isso, as mensagens de André Luiz, de Emmanuel e outros só devem ser admitidas como hipóteses de estudos, até que possam ser submetidas ao Controle Universal dos Espíritos, através do aval supremo dessa facção histérica.

A rigor o que está escamoteado, sob essa psicótica discussão, é, nada mais, nada menos, o aspecto religioso da Doutrina Espírita entronizado no Brasil pela FEB e abrilhantado por Chico Xavier na prática mediúnica. Isso que estamos chamando de "questão religiosa" refere-se, obviamente, à discussão que já tem se tornado psicopatológica: saber se o Espiritismo é ou não é religião. A frequência com que tal discussão tem acontecido, no âmbito do Espiritismo, é tão grande que já se tornou, há muito, cansativa, estéril e obsessiva. Para tais hermanos, a postura religiosa, Xavieriana, tem um caráter cerceador sobre o crescimento do Espiritismo, enquanto filosofia.(!?) Quanta histeria!!!

Esses nossos confrades, longe do uso do bom senso, insistem em divulgar a "progressista" tese de que se é preciso fugir do "Cristo Católico", do religiosismo, do igrejismo no Espiritismo e transformá-lo numa academia de expoentes do "saber".

Sob o império dessa compulsiva tendência filosófica, vão para as salas do paltalk, redigem livrescos, artiguelhos, promovem palestras inócuas, aguilhoados às diretivas telepáticas dos "sabichões das sombras".

Queiram ou não, o Cristo é o modelo de virtudes para todos os homens. É incomparável a dedicação e a santidade que Ele dispensa à Humanidade. Nós, que ainda estamos mergulhados nos pântanos das questiúnculas teológicas, não temos parâmetros para avaliarmos a Sua magna importância para o Espiritismo, isto porque a Sua perfeição se perde na escura bruma indevassável dos milênios.

O Espiritismo sem Evangelho pode alcançar as brilhantes expressões acadêmicas, mas não passará de atividade fadada a modificar-se ou desintegrar-se, como todas as conquistas perfunctórias da Terra. E o espírita cristão, que não cogitou da sua iluminação com o Evangelho do Mestre, pode ser virtuose da inteligência, Phd de qualquer coisa e filósofo, com as mais subidas aquisições científicas, mas estará sem bússola e sem norte no momento do "furacão" inevitável da dor moral.



Praticar o evangelho, sim! Ganhar dinheiro à custa da mensagem do cristo, nunca!

É justo transformar um templo religioso em uma Agência Mercantil? Em uma espécie de núcleo financeiro lucrativo? Será que Deus consente tal procedimento? Foi isso o que nos ensinou Jesus?

Viver o Evangelho, Sim! Ganhar dinheiro à custa da mensagem do Cristo, Nunca! Até porque nada é tão ilegítimo para um cristão que o exercício da mercantilagem do Evangelho. É deprimente identificarmos "religiosos" (ressalvando-se as exceções) que se postam quais "missionários" do Cristo, com evidente desprezo ao código sublime do amor ao próximo. Tais líderes distinguem-se pelo verbalismo descomedido, comentam tediosos os mais variados assuntos, inobstante não chegarem a qualquer arremate de raciocínio. Exaltam as emoções infelizes da arrogância entre os seus seguidores, cumulando-os de alusões faustosas embora vazias de sentido.

O Cristo advertiu em vários segmentos do Evangelho sobre os "evangelizadores" oportunistas, comparando-os a "lobos em pele de cordeiros". A lógica humana é dilacerada diante da exploração da fé. Não há como emudecer perante os que se valem das redes de televisão, jornais, livros, internet e rádios para pregar o Evangelho em "nome de Deus", deslumbrando os seguidores afirmando que a clemência do Pai somente pode ser obtida através da doação de dinheiro.

O que assistimos presentemente são reedições das ardilosas vendas de indulgências, matriz da Reforma Protestante. Mas, se alguém surge dizendo-se "apóstolo" do Cristo, desconfiemos da

sua sanidade mental, pois na realidade o que tem surgido são "mercenários" e não missionários do Mestre. Tais pregadores exaltam a ignorância com altas doses de soberba e se alardeiam guias e evangelistas. Há muitos falsos cristos e falsos profetas representados por filosofias, doutrinas, seitas e religiões mercantilistas que escravizam os homens e exploram a boa fé das pessoas que sofrem.

Jesus, há dois mil anos repreendeu: "Está escrito: A minha casa será chamada casa de oração. Porém, vós a tendes transformado em covil de ladrões".(1) Hoje, discorrem sobre as escrituras numa maníaca exaltação do Cristo, atrelam suas prédicas à moeda de troca, onde quem for mais generoso (mão aberta) e destinar maior quantia em dinheiro terá maior benefício "celestial". Os desprevenidos seguidores nutrem-se da "fé cega" que lhes é infligida por meio de discursos abrasados e encenações de pseudo-exorcismos, onde o que de fato ocorre são catarses anímicas e/ou "incorporações" de obsessores que se deleitam diante dos patéticos e deprimentes espetáculos. E como se não bastasse, comercializam-se os mais singulares amuletos quais "potes com água do Rio Jordão"; "frascos de perfumes e óleos com cheiro de Jesus"; "pedras do templo onde Jesus pregou"; "caixinha contendo porção de areia pisada por Jesus"; "fragmentos de madeiras da cruz do Calvário"; "lotes, casas e mansões no céu". É evidente que um santuário religioso não pode ser análogo à loja comercial onde se negociam mercadorias com Deus. Será que desconhecem que o templo cristão é local para meditações e cogitações sobre os desacertos e diligências para melhoria de comportamento de cada um de nós?

O que dizer dos "evangelistas" de grandes plateias que cobram fortunas para pregar, que alimentam através da eloquência verbal a idolatria da sua personalidade? São vendilhões modernos e profissionais do Evangelho que execram trabalhar, abominam o argumento de que o Cristo convidou-nos

a carregar nossas “cruzes”, granjear "o pão" com o “suor” de nosso trabalho, e que só granjearemos o “Reino dos Céus”, isto é, a paz de espírito, se fizermos ao semelhante o que desejamos a nós mesmos. Sim! "Ai de vós, condutores de cegos, pois que dizeis: Qualquer que jurar pelo templo, nada é; mas o que jurar pelo ouro do templo, ou pela oferta, este faz certo. Insensatos e cegos! Pois qual é maior: a oferta, o ouro, ou o templo de Deus?”. (2)

A única moeda que o Criador acolhe como câmbio é o amor ao próximo. Todavia, infelizmente boa parte do legado religioso que se transfere para as atuais gerações tange à cobiça, ao encanto dos sentidos físicos, à conquista de poder a todo custo, cedendo cancha à brutalidade e à confusão. O fanatismo que vem sendo desenvolvido em torno do misticismo decrépito, investido para amealhar recursos monetários, visando patrocinar a “saúde” daqueles que mais prontamente a possam comprar a peso de ouro, tem oferecido ambiente ao materialismo e ao utilitarismo em que as pessoas deleitam-se, afastadas da misericórdia, da solidariedade, da fraternidade, ante o desafio da autêntica experiência do amor ao próximo, conforme vivido por Jesus.

Paulo escreveu: “De fato, grande fonte de lucro é a piedade com o contentamento. Porque nada temos trazido para o mundo, nem coisa alguma podemos levar dele. Tendo sustento e com que nos vestir, estejamos contentes. Ora, os que querem ficar ricos caem em tentação, e cilada, e em muitas concupiscências insensatas e perniciosas, as quais afogam os homens na ruína e perdição. Porque o amor do dinheiro é raiz de todos os males; e alguns, nessa cobiça, se desviaram da fé e a si mesmos se atormentaram com muitas dores. Tu, porém, ó homem de Deus, foge destas coisas; antes, segue a justiça, a piedade, a fé, o amor, a constância, a mansidão.”.(3) Por essas muitas razões é fácil perceber que presentemente os autênticos adeptos do Evangelho ainda formam pequenino grupo muito

semelhante ao período das dolorosas experiências dos três primeiros séculos de disseminação da mensagem do Cristo nos domínios de César.

Referências bibliográficas:

(1) (Mateus, XXI; 12 e 13)
(2) (Mateus, XXIII; 16)
(3) (1 Timóteo 6:6-11)



O projeto espírita em face das terapias inócuas

Allan Kardec ressalta que "a característica essencial de qualquer revelação tem que ser a verdade."(1) As revelações espirituais surgem gradualmente, consoante nossa capacidade de compreendê-las, sobretudo pelas credenciais do amadurecimento moral e intelectual. A Codificação não surgiu como conteúdo pétreo gravado em monolítico. Ademais, nem tudo pôde ser revelado à época da Codificação, todavia, esse fato não nos autoriza interpretar o atual movimento espírita brasileiro sem as diretrizes reveladas pelos Espíritos.

Com a evolução do pensamento filosófico da Doutrina nos tornamos mais capazes nas análises críticas do movimento espírita, sem comprometer a pedra angular do edifício kardeciano, representada pelas Obras Básicas, mas poucos lêem o Pentateuco.

O assunto é recorrente. Infelizmente, como sói ocorrer aqui no Brasil, alguns espíritas insistem em transformar a Casa Espírita num hospitalzão a fim de remediar efeitos (as doenças) ao invés de transformarem a Instituição numa universidade da alma para tratar as causas (os doentes). Com isso, muitos centros espíritas brasileiros abrem brechas para enxertias indesejáveis, incorporando em suas programações terapias alternativas inócuas, metodologias de desobsessão suspeitas e reuniões de conteúdos duvidosos advindos de livros sem vínculo com o bom senso.

Os ensinamentos sérios que complementam a Doutrina são quais pepitas de ouro sob as diretrizes dos Benfeitores do Além; misturado, no entanto, a elas há o "ouro de tolo" e outros metais sem valor intrínseco que apenas brilham. Por isso,

temos tendências de todos os gostos. Há dirigentes com insofreáveis pendores místicos que se devotam à crença no sobrenatural e impõem rituais dissimulados aos seus seguidores. Comumente as suas práticas "doutrinárias" são atribuídas às orientações dos "guias".

Os guiistas têm inserido práticas extravagantes nos centros, a saber: radiestesia, cromoterapia, fitoterapia, cristalterapia, apometria, entre outras superstições que são impostas como alternativas de tratamento físico e espiritual. Existem até mesmo os que aplicam passes nas paredes dos centros (para "descontaminá-las"(!!!!???)), inventam expulsão de "obsessores através de correntes mento-magnéticas, psico-telérgicas, enfim seria cômico se não fosse tão trágico. Não podemos cristalizar nosso raciocínio sob a luz de um purismo ideológico extemporâneo, nem mergulharmos no entusiasmo irracional por novidades cujo cenário ensombra a metodologia espírita.

Nunca haverá radicalismos quando se utiliza a razão e a ponderação, nem quando somos capazes de olhar não só as virtudes da fé que seguimos, mas também os possíveis e indesejáveis desvios (estes não contidos no projeto doutrinário), mas nas mãos de dirigentes autoritários que abusam inadvertidamente do Espiritismo.

Ante a lei da fraternidade os que se fazem impostores necessitam das nossas preces, mas não podemos nos omitir diante do que fazem (ou desfazem?) nos centros espíritas. Podemos até respeitar e compreender as "terapias" alternativas, mas jamais adotá-las. A Casa Espírita não é arena de fanfarras e muito menos clínica de PLACEBOS alternativos. E mais, uma legítima instituição espírita não pode ser picadeiro para exibições de inócuos exorcismos.

Afirmamos que esses "tratamentos espirituais" não são úteis. Não queremos discutir a sinceridade de seus praticantes (por inocência nalguns), mas é urgente e obrigatória uma reciclagem doutrinárias dos mesmos. É mister ser deixado fora

do Centro Espírita as ramificações de terapias alternativas de "cura e desobsessivas"que surgem e se mesclam ao Espiritismo por serem correntes de ideias que deixam brechas, ou melhor, crateras! Usemos e abusemos do raciocínio. Não sejamos nem omissos e nem contemporizadores com os que tentam impor seus "espiritismos" de curas fantásticas.

Todos sabemos que o radicalismo não é uma boa conselheira, contudo devemos estar atentos com o fanatismo de tais "adeptos". Muitos deles têm conquistado espaço no movimento espírita e nas casas espíritas, disfarçam-se de trabalhadores e "orientadores", fazem crer em novas terapias e ortodoxias, incitam desuniões aos que pensam diferentes deles, provocam exacerbado interesse pelo poder e assumem diretorias (inclusive de algumas federativas), alimentam vaidades e melindres, insuflam a confusão.

Em suma, ou nos comportemos doutrinariamente apoiados na razão, sem misticismos, e crendices outras, ou o Espiritismo ficará sem rumo em nosso País. E se não preservarmos as estruturas básicas das propostas kardecianas, não conseguiremos vislumbrar a continuação do projeto Espírita nestas plagas brasileiras.

Cremos que a espiritualidade deve estar alerta, para no momento exato (se for o caso) transferir o projeto espírita para outro país, onde a população seja menos mística, tenha fé mais racional e moral mais elevada.

Referência:

(1) Kardec, Allan. A Gênese, Rio de Janeiro, Ed. FEB, 2000, Cap 1 item 3.

(2) idem.



Resguardemos Kardec

Para alguns confrades de índole "light ou clean" (!?),a pureza doutrinária ecoa como algo obscuro, subjetivo. Não compartilhamos dessa tese. Cremos que consiste na observância da simplicidade dos conceitos escritos, praticados e alicerçados na Codificação, cujas recomendações básicas foram apoiadas pelos "Espíritos do Senhor, que são as virtudes dos Céus", (1) no dizer do Espírito de Verdade, na introdução de "O Evangelho Segundo o Espiritismo".

Aconteceu conosco recentemente: ao término de uma palestra, cujo tema enfatizava a questão das práticas estranhas às normas de conduta que a Doutrina Espírita preceitua, aproximou-se de nós um confrade, deixando transparecer uma série de dúvidas quanto a instituição espírita, onde frequentava, próxima à sua residência. Confessou-nos que estava tentando se harmonizar com aquele grupo, mas a forma como conduziam os trabalhos conflitava com os esclarecimentos contidos nos Livros da Codificação.

Esclareceu-nos, também, que, naquele centro, os trabalhadores adotavam a prática da "apometria" para promoverem sessões de "desobsessão" e que o tratamento pela "corrente magnética" era a coqueluche do centro-oeste brasileiro. (sic) (!?) Disse-nos, ainda, que, enquanto uns utilizavam cristais para energizarem os assistidos, outros recomendavam o hábito da meditação sob pirâmides para o necessário equilíbrio espiritual. Havia, também, aqueles que incentivavam o famoso "banho de sal grosso", juntamente com ervas "medicinais" e outros quejandos.

Convidado para trabalhar naquele centro, em serviços de

atendimento aos necessitados da região, mostrou-se-nos extremamente receoso em assumir tal responsabilidade, já que tais práticas não eram condizentes com os ensinamentos da Doutrina Espírita.

Ao nos questionar se deveria ou não aceitar tal tarefa, esclarecemos-lhe da seguinte maneira: já que ele possuía algum conhecimento sobre as normas da Codificação, e demonstrava bom senso crítico e critério doutrinário, das duas uma: ou ele se afastaria do grupo em que se associara, procurando se identificar com outra instituição, na qual estivessem estabelecidas reuniões nos moldes da Terceira Revelação, ou permaneceria qual missionário, transmitindo, aos poucos, as claras noções da Doutrina Espírita. Lembramos ao nosso irmão que muitos centros sustentam movimentos e ideias hipnotizantes, na tentativa de embutir, na espinha dorsal da Doutrina Espírita, algumas práticas estranhas, sob os auspícios dos apelos assistencialistas de inócuos resultados, e propagam neologismos de impacto para "tratamentos espirituais", supostamente eficazes. Explicamos que o trágico da questão é que esses grupos são dominadores e, por consequência, detêm poder hegemônico no movimento espírita em certas localidades.

Esclarecemos-lhe que o Centro Espírita tem que funcionar como se fosse um autêntico pronto-socorro espiritual, tal qual refrigério em favor das almas em desalinho, e não um reduto de ilusões. A Casa Espírita tem que estar preparada para receber um contingente cada vez maior de pessoas perdidas no lodaçal de suas próprias imperfeições, e que estão nos vales sombrios da ignorância.

Aqueles que lêem livros tidos como de literatura avançada, mas de autores um tanto quanto duvidosos, sem antes lerem e estudarem com seriedade Allan Kardec, correm o grande risco de enveredarem por caminhos estreitos e trilhas confusas, de difícil acesso esclarecedor. Os núcleos espíritas refletem a

índole e consciência doutrinária dos seus dirigentes. As práticas que nos narrou o irmão chocam, nitidamente, com os postulados Kardecianos. Logo, aí não se pratica Espiritismo. Contudo, são estágios de entendimento insipientes, talvez necessários para pessoas neófitas (lembrando aqui: a cada segundo o merecimento). Foi preciso lembrá-lo, porém, de que, mesmo nos grupos mal orientados por seus dirigentes, existem pessoas que se dispõem a ajudar irmãos necessitados, independentemente de regras preestabelecidas, o que lhes confere algum mérito, obviamente.

Alertamos-lhe, todavia, sobre as dificuldades que, certamente, iria encontrar, pois não seria fácil o acesso às mentes cristalizadas em bases de "verdades indiscutíveis", mas nada obstando que aceitasse o desafio, se a vontade de servir fosse maior que as práticas não alinhadas com o projeto Espírita. O importante é servir em nome do Cristo, mesmo convivendo, heroicamente, com práticas vazias de sentido lógico. Por outro lado, serenando-lhe o espírito hesitante, lembramos-lhe de que ninguém é obrigado a conviver sob as amarras dos constrangimentos.

O Espiritismo traz-nos uma nova ordem religiosa que precisa ser preservada. A Terceira Revelação é a resposta sábia dos Céus às interrogações da criatura aflita na Terra, conduzindo-a ao encontro de Deus. Cremos que preservá-la da presunção dos reformadores e das propostas ligeiras dos que a ignoram, e apenas fazem parte dos grupos onde é apresentada, constitui dever de todos nós. "Neste momento, contabilizamos glórias da Ciência, da Tecnologia, do pensamento, da arte, da beleza, mas não podemos ignorar as devastadoras estatísticas da perversidade que se deriva dos transtornos comportamentais"(...) as criaturas humanas ainda não encontraram o ponto de realização plenificadora. Isto porque Jesus tem sido motivo de excogitações imediatistas no campeonato das projeções pessoais, na religião, na política e

nos interesses mesquinhos.(...)"(1)

Se abraçamos o Espiritismo, por ideal cristão, não podemos negar-lhe fidelidade. O legado da tolerância não se consubstancia na omissão da advertência verbal diante às enxertias conceituais e práticas anômalas que alguns companheiros intentam impor no seio do Movimento Espírita.

Para os mais afoitos, a pureza doutrinária é a defesa intransigente dos postulados espíritas, sem maior observância das normas evangélicas; para outros, não menos afobados, é a rígida igualdade de tipos de comportamentos, sem a devida consideração aos níveis diferenciados de evolução em que estagiam as pessoas. Sabemos que o excesso de rigor na defesa doutrinária pode nos levar a graves erros, se enredarmos pelas trilhas de extremismos injustificáveis, posto que redundarão em divisão inaceitável, em face dos impositivos da fraternidade.

É óbvio que não podemos converter defesa de pureza kardeciana em cristalizada padronização de práticas que podem obstar a criatividade espontânea, diante da liberdade de ação. Inobstante repelir atitudes extremas, não podemos abrir mão da vigilância exigida pela pureza dos postulados espíritas. Não hesitemos, pois, quando a situação se impõe, e estejamos alerta sobre a fidelidade que devemos a Kardec e a Jesus. É importante não esquecermos de que nas pequeninas concessões vamos descaracterizando o projeto da Terceira Revelação.

"É necessário preservar o Espiritismo conforme o herdamos do eminente Codificador, mantendo-lhe a claridade dos postulados, a limpidez dos seus conteúdos, não permitindo que se lhe instale adenda perniciosa, que somente irá confundir os incautos e os menos conhecedores das suas diretrizes"(1) É inegável que existem inúmeras práticas não compatíveis com o projeto doutrinário que urge sejam combatidas à exaustão,. nas bases da dignidade cristã, sem quaisquer laivos de fanatismo,

tendente a impossibilitar discussão sadia em torno de questões controversas.

Apresentando certa apreensão quanto ao Movimento Espírita nosso 'Kardec Brasileiro' recorda: "a Boa Nova (...) produz júbilo interno e não algazarra exterior (...) Não é lícito que nos transformemos em pessoas insensatas no trato com as questões espirituais. Preservar, portanto, a pulcritude e a seriedade da Doutrina no Movimento Espírita é dever que nos compete a todos e particularmente ao Conselho Federativo Nacional através das Entidades Federadas"(1)

Sobre os que ainda se fixam demasiadamente nas questões fenomênicas, Bezerra lembra: "(...) a mediunidade deve ser exercida santamente, cristãmente, com responsabilidade e critérios de elevação para não se transformar em instrumento de perturbação e desídia"(1). O exercício da mediunidade deve ser reservada às pessoas que conheçam Espiritismo, posto ser extremamente perigosa a participação de pessoas ignorantes em trabalhos de aguçamentos mediúnicos, e, por desatenção desse tópico, após mais de um século de mediunidade à luz da Doutrina Espírita, temo-la, ainda, atualmente, ridicularizada pelos intelectuais, materialistas e ateístas, que insistem em desprezá-la até hoje.

Lamentavelmente, em nome do Espiritismo, muitos propõem apometrias, desobsessão por corrente mento-eletromagnética(2), aplicações de luzes coloridas para higienizar auras humanas e curar (pasmem!) azia, cálculo renal, coceiras, dores de dente, gripes, soluços em crianças, verminoses, frieiras, etc.. Se não bastasse, recomenda-se, até, carvãoterapia (?!) para neutralizar "maus-olhados". É só colocar um pedaço de tora de carvão debaixo da cama e estaremos imunes ao grande flagelo da humanidade - o "olho comprido"- e, nessa tragicomédia, o Espiritismo vai capengando em certos centros espíritas.

A verdadeira prática Espírita é a expressão da moral cristã,

consubstanciada no Evangelho do Mestre Jesus. Assim, o grupo espírita só terá maior credibilidade se houver pureza doutrinária e se a prática estiver conforme os ensinamentos de Jesus, sob qualquer tipo de continente (desobsessão, educação mediúnica, palestras, livros, mensagens, Assistência Social etc.)

No Espiritismo, o Cristo desponta como excelso e generoso condutor de corações e o Evangelho brilha como o Sol, na sua grandeza mágica. Uma doutrina que cresceu assustadoramente nos últimos lustros, em suas hostes surgiram bons líderes, ao tempo em que também apareceram imprudentes inovadores, com a presunção de "atualizar" Kardec.

Recordemos que Kardec legou à humanidade a melhor de todas as embalagens (pureza doutrinária) ao divino presente que é a Doutrina dos Espíritos, e aqueles que têm como base o alicerce do Evangelho podem, até, conviver com qualquer obra ou filosofia, que estarão imunizados contra o vírus das influenciações obsidente.

Referências bibliográficas:

(1) Bezerra de Menezes. Mensagem psicofônica recebida pelo médium Divaldo Pereira Franco, em 9 de novembro de 2003, no encerramento da Reunião do Conselho Federativo Nacional, na sede da Federação Espírita Brasileira, em Brasília.

(2) Jornal Alavanca - abril/maio-2000



Palestrantes, imitações, momices e coisas mais...

Certa vez, conversando com uma líder espírita, de Brasília, a referida irmã comentava sobre as momices (1) de certo orador que fora convidado para falar no Centro em que ela dirige. Dizia que o palestrante convidado imitava, grotescamente, com gestos, modos de expressão verbal e decorando trechos de conferências do tribuno Divaldo Franco, inclusive "incorporando" Bezerra (!) após a palestra (!?). Referiu-se, também, a outro palestrante que faz questão de expor e vender seus livros e CDs de palestras gravadas, cuja renda, supostamente, é para a "causa maior", e exige, vaidosamente, os aplausos do público. Meu Deus, que ridículo! Esses companheiros, com certeza, imaginam-se quais atores de televisão, quais personagens hollywoodianos, só faltando oferecer autógrafos para os seus fãs idólatras, que, também, existem, lamentavelmente! Nada mais triste!

Um orador imitador não tem o menor senso de ridículo, pois, apodera-se da identidade alheia, sem o menor constrangimento, e essa é uma atitude obsessiva e/ou psicopatológica, porque lhe é autoplasmada. Ao imitar alguém, esquecem-se de que tal atitude não passa de uma farsa, e que, dessa forma, perdem a liberdade de pensar e de agir, buscando, sempre, a fonte de ligação para prosseguir no desempenho do papel assumido. Existem oradores que ficam horas e horas em frente ao espelho para treinarem os gestos ou entoação de voz do imitado, que é sempre Divaldo Franco. Como se não bastassem as momices e os bizarros fatos, não é raro observarmos oradores vaidosos, oferecendo-se para proferir palestras. Entram em contato com os que coordenam

as escalas e se dispõem, "gentilmente", a serem designados para falar no Centro Espírita, quase sempre em uma data já, previamente, programada para outro orador. É uma desfaçatez da parte deles, quando em viagem, em trânsito pela cidade, apoderam-se do lugar de outro orador já escalado para comparecer ao Centro. Coordenadores que assim procedem demonstram indisciplina, falta de planejamento e, sobretudo, desrespeito àquele que já estava agendado, e os dirigentes, que acatam essa movimentação desordenada, provam que não têm competência para estarem à frente de tamanha responsabilidade, ou seja, a de manter o equilíbrio de um Centro Espírita. Tal fato só se justificaria se fosse um orador consagrado, de renome nacional.

Aos palestrantes, candidatos ao estrelismo no movimento espírita, urge que não memorizem quaisquer textos de livros espíritas para, simplesmente, recitá-los, quais tagarelas ou papagaios, pois a expressão maquinal não agrada a quem ouve e, sobretudo, a Deus. É mister construir um mapa mental daquilo que pretendemos comunicar ao público. A nossa responsabilidade é para com o conteúdo doutrinário, para com o movimento espírita, para com a divulgação dos princípios espíritas, porém, para esse desiderato, cabe-nos a tarefa de construirmos um discurso próprio e original do Espiritismo, a fim de que aqueles que nos ouvem possam captar o verdadeiro sentido da Terceira Revelação.

Não podemos ser meros divulgadores do Espiritismo. Precisamos, acima de tudo, ter a mensagem espírita como um dos instrumentos que podem ajudar o ser humano a ser mais fraterno e viver mais feliz.

A comunicação da palestra espírita não está nos compêndios humanos. É algo pessoal. Destarte, temos a obrigação de jamais imitar quem quer que seja, sobretudo, os oradores que dão "Ibope", que superlotam o Centro. Precisamos imitar a nós mesmos, ou seja, a nossa organização

mental, a nossa limitação, a nossa compreensão do tema, ou seja, ser quem somos, verdadeiramente, sem as máscaras de virtudes inexistentes, sem atitudes dissimuladas de docilidade, mas, coerentes e sensatos com o ideal Cristão. Por isso, creio que todo dirigente tem o dever de advertir os palestrantes imitadores, até porque é um despropósito a imitação.

Isso mesmo! Imitar é horroroso, pois a imitação não consegue reproduzir o verdadeiro talento. Pode-se, até mesmo, imitar o estilo de um orador consagrado, mas nunca recriar a profundidade ou a beleza que caracterizam suas produções e que reaparecem de forma, perfeitamente, reconhecíveis através da legítima oratória. O expositor espírita não é um profissional da fé, que precisa teatralizar, ou usar recursos outros, para angariar fiéis. Sua tarefa é informar sobre este universo de novos conhecimentos que é o Espiritismo.

É importante criarmos estilo próprio, simples, sem exageros, lembrando que uma palestra num Centro Espírita é mais uma conversa do que uma conferência. Recorrermos a linguagem simples e de bom gosto, lembrando que estamos, ali, a serviço do Cristo para explicar e fazer o público entender a mensagem do Espiritismo, não para exibir cultura. Sempre é possível explicar assuntos, mesmo complexos e profundos, em linguagem acessível a uma platéia heterogênea.

O orador deve acolher, com respeito e humildade, toda crítica, procurando avaliar, cuidadosamente, o seu trabalho e, assim, melhorar, cada vez mais, a tarefa que lhe cabe. Deve reagir, com todas as suas energias, contra os elogios descabidos, para que a vaidade não lhe venha toldar o próprio campo de ação, e mais, ainda, nunca deve julgar-se imprescindível ou privilegiado, criando exigências ou solicitando considerações especiais. Sobre isso, qualquer semelhança, para quem já viu esse filme em Brasília, será mera coincidência?

Existe orador que abusa em contar casos engraçados para fazer público rir durante toda a palestra. Usa a tribuna como se

fosse um palco de teatro para humoristas. Ora, se o orador tem o dom da hilaridade que vá para o teatro e exerça a profissão de ator. É muito mais digno.

Eis alguns pecados capitais de uma palestra espírita: a artificialidade; o não ordenamento do raciocínio, com começo meio e fim do tema proposto; a desconsideração das características da platéia e falar como se todos os ouvintes fossem iguais; a falta de conteúdo e preparo; a defesa de ideias que vão "de encontro" ao interesse do ouvinte e, PRINCIPALMENTE, IMITAR OUTROS ORADORES. Cremos que, por pior que seja o orador, em sendo ele mesmo, terá chances de sucesso. Se imitar alguém, por melhor que seja a imitação, não terá credibilidade, ou vira circo.

"Os expositores da boa palavra podem ser comparados a técnicos eletricistas, desligando tomadas mentais, através dos princípios libertadores que distribuem na esfera do pensamento". (1) Sendo o Espiritismo a revivescência do Cristianismo, em sua essência e pureza, aqueles que se dispõem a divulgá-lo, pela palavra edificante, à semelhança dos discípulos do Cristo, devem equipar-se de todos os recursos que puderem dispor na atualidade, para bem representarem essa Doutrina Consoladora, junto aos que anseiam por orientação, para a necessária iluminação interior. O orador deve Ter Conduta Respeitável, lembrando que "Reconhece-se o verdadeiro espírita pela sua transformação moral e pelos esforços que faz para dominar suas más inclinações". (2)

Assim, o expositor espírita não pretenderá ser "santo", mas, alguém, sinceramente, empenhado em edificar-se moralmente, a cada dia mais, lembrando, sempre, que, para o público ouvinte, ele representa o Espiritismo e o Movimento Espírita.

Há, sem dúvida, nas tribunas espíritas, alguns acertos. Porém, ficamos muito preocupados com os desacertos e as distorções detectadas nas palestras que, também, tivemos a oportunidade de assistir, ou dos fatos que nos foram contados.

Há, realmente, em torno desse tema, um quadro preocupante.

"Todos os espíritas sinceros, estudiosos e afeiçoados ao bem, encontram-se convocados para o ministério do auxílio, através da difusão dos postulados espíritas, que, propiciando perfeito entendimento das lições evangélicas, representam a medicação oportuna e urgente para a massa desesperada, o homem aturdido..." (3) Em verdade, na palestra espírita pode estar a entrada, ampla e promissora, para o entendimento da Doutrina Espírita, ou a saída, extremamente lamentável, para caminhos distantes desse conhecimento que liberta. O orador espírita é uma peça importante na propaganda e na Difusão do Espiritismo, devendo ser encarada com extrema responsabilidade e praticada com esmerada bagagem moral e cultural, sem prejuízo da indispensável experiência.

Quando alguém se propõe a ouvir um orador Espírita, o faz no pressuposto de que ele sabe o que está falando e lhe oferece, silenciosamente, um voto de credibilidade, capaz de mudar, metodicamente, ideias ou conceitos errôneos que nele estavam arraigados, podendo transformar, até mesmo, toda uma vida! Portanto, não é um compromisso qualquer, sem maiores consequências, até porque, quem assume essa tarefa deixa de ser, apenas, um orador para, transmudar-se em autêntico preceptor da matéria Doutrinária, falando de temas Evangélicos e Sociais profundos e com extrema responsabilidade.

Lembra André Luiz que "devemos palestrar com naturalidade, governando as próprias emoções, sem azedume, sem nervosismo e sem momices, posto que a palavra revela o equilíbrio. Devemos, portanto calar qualquer propósito de destaque, silenciando exibições de conhecimentos. O orador é responsável pelas imagens mentais que plasme nas mentes que o ouvem."(5)

Referências bibliográficas:

(1) momices significa: Caretas, trejeitos; gesticulação grotesca ou ridícula.

(2) Xavier, Francisco Cândido. Nos Domínios da Mediunidade, Ditado pelo Espírito André Luiz, Rio de Janeiro: Ed. Feb, 2003.

(3) Kardec, Allan. "O Evangelho Segundo o Espiritismo", Rio de Janeiro: Ed. FEB, 2001, cap. XVII - item 4.

(4) Franco, Divaldo Pereira, Reflexões Espíritas, ditada pelo Espírito Vianna de Carvalho, Salvador: Ed. Leal, 1992.

(5) Vieira, Waldo. Conduta Espírita, ditado pelo Espírito André Luiz, RJ: Ed. FEB, 1998, Cap. 14.



Uma viagem inesquecível

Fomos ao Triângulo Mineiro a fim de conhecer o museu Chico Xavier em Uberaba, proferir palestra em Sacramento e visitar José Tadeu Silva, da cidade de Araxá. Em seguida partimos para o interior de São Paulo, a fim de realizar palestras em Ituverava e Batatais. Em Araxá, conversamos com o iluminado José Tadeu Silva, um espírita simples, de família humilde, que desde criança pratica a caridade, visitando os doentes acamados nas periferias, banhando-os e fazendo curativos, dedicando-se aos necessitados em tempo integral.



Eleusa Hessen, Tadeu e Erika Hessen

Tadeu fundou a Casa do Caminho (1) e um hospital que presta relevantes serviços de saúde, atendendo a demanda populacional de Araxá e região.(2) Construiu a Casa de Orações com capacidade para acomodar em média 1000 pessoas. Trata-se de um salão de palestras públicas, com piso de terra batida (isso mesmo, TERRA BATIDA!) que permite uma atmosfera de igualdade entre os ricos, pobres, cultos, analfabetos etc.



Eleusa Hessen, Tadeu e Jorge Hessen.

O Missionário de Araxá, com sabedoria e serenidade, transmite sempre uma mensagem de esperança e alento aos corações que o procuram. A todos abraça PESSOALMENTE (aliás, um abraço que é um verdadeiro passe magnético).(3) Após a palestra, a instituição conta com uma farmácia dirigida por voluntários para distribuição gratuita de remédios fitoterápicos. E, para o auxílio no tratamento das doenças espirituais, conta com uma biblioteca pública com mais de 5000 livros.



Jorge Hessen e Heigorina Cunha.

Em Sacramento, onde fizemos uma palestra, conhecemos o presidente do "Batuira", Marcos Aurélio, um espírita extraordinário, que há muitos anos vem aliviando as dores de muitos irmãos.



"Quarto de Eurípides" (Rinaldo e Jorge Hessen)

Fomos à Chácara Triângulo, onde estão construídas a Casa Assistencial Meimei, Centro Espírita Casa do Caminho, QUARTO DE EURÍPEDES (onde Eurípedes Barsanulfo cuidava dos enfermos).



Heigorina Cunha e Jorge Hessen

Conversamos com Heigorina Cunha, sobrinha do apóstolo de Sacramento, conhecida como "Sinhazinha" – uma mulher extremamente simples, bondosa, inteligente e humilde. Ela é autora dos desenhos que descrevem como são algumas cidades espirituais, inclusive a cidade espiritual "Nosso Lar".



Centro Espírita Casa do Caminho/Chácara Triângulo

Seus desenhos foram feitos segundo suas observações realizadas durante suas saídas do corpo (desdobramento), em março de 1979, conduzidas e orientadas pelo espírito Lucius.(4)

Seus desenhos foram esclarecidos e legitimados por Chico Xavier, confirmando que realmente se tratava da cidade “Nosso Lar”. No ano 2010, os desenhos serviram de inspiração para a criação da cidade retratada no filme “Nosso Lar”.



Palestra em Ituverava - Eurípides e Jorge Hessen.



Palestra em Batatais (Eleusa, Beth, Jorge e Ademar)

Em Ituverava e Batatais percebemos muita harmonia, e após sete dias de viagem o resultado superou as expectativas e robusteceu as nossas convicções sobre o Movimento Espírita.



Palestra em Sacramento - Rinaldo, Marcos Aurélio, Jorge, André Luiz

Deparamos nessas localidades (interior de Minas e São Paulo) com um Espiritismo verdadeiramente cristão, um Espiritismo incorruptível, um Espiritismo iluminado pelo exemplo de confrades e confreiras humildes, fraternos e trabalhadores.

Testemunhamos uma prática doutrinária, aliás, bastante desigual do movimento espírita de algumas grandes cidades, onde são planificados eventos "espíritas" (congressos, seminários, encontros fraternos, simpósios) não gratuitos, não raro transformados em espetáculos de oratórias, em que se destacam mercadores ambulantes (mascates), que vendem suas palestras a preços "modestos" e as suas publicações

literárias para supostas obras sociais, ou ainda, palestras musicais cujos artistas vendem CD's e DVD's ao final da apresentação.



Espiritismo não gratuito.

Tudo isso nos faz refletir sobre os milhares de espíritas sem muita cultura, humildes, desempregados e pobres; quando concebemos que o edifício doutrinário se mantém firme em face do amor desses lídimos e pouco conhecidos baluartes do Evangelho, impossível não nos entristecermos quando se comercializa Espiritismo e se trombeteia os excessos de consagração das elites culturais.

A compleição elitista nas atividades doutrinárias tem exposto a dogmatização dos conceitos espíritas na forma do Espiritismo para pobres, para ricos, para intelectuais e para incultos. Todavia, não se pode esquecer que devemos estudar a Doutrina junto com as pessoas mais humildes, social e intelectualmente falando, e deles nos aproximarmos com simplicidade, sem cobrar nada.

Sinceramente, não conseguimos compreender a Doutrina dos Espíritos sem Jesus e sem Kardec para todos, com todos e ao alcance de todos, a fim de que o projeto da Terceira Revelação alcance os fins a que se propõe. Não se pode distanciar do povo. É preciso fugir da elitização nas hostes espíritas.

Devemos esquadrinhar a prática espírita pela simplicidade

doutrinária e evitar tudo aquilo que lembre castas, discriminações, evidências individuais, privilégios injustificáveis, imunidades e prioridades. É necessário que os líderes espíritas compreendam e sintam que o Espiritismo veio para o povo; por isso mesmo é importante estudar a Doutrina Espírita junto com as massas. Ou será que nossas casas espíritas só devem explicar o Evangelho aos intelectuais, endinheirados e famosos?

Referências bibliográficas:

(1) A Casa do Caminho era o nome do lugar onde os apóstolos de Jesus, liderados por Pedro, cuidavam de diversos necessitados. O livro Paulo e Estevão, de Emmanuel/Chico Xavier, faz várias referências a esta Casa. Foi o primeiro e melhor modelo para conduzirmos nossas Instituições Espíritas hoje.

(2) Visite o portal do Hospital
http://www.casacaminho.com.br/index.htm

(3) As palestras na Casa de Oração são frequentadas por caravanas de todo Brasil

(4) Os desenhos poderão ser encontrados nos livros “Cidade no Além” e “Imagens do Além”, todos de autoria de Heigorina Cunha.



O abortamento numa expectativa de tétrica cronologia na pátria do evangelho.

Evidenciaremos algumas históricas táticas (arapucas abortistas) arquitetadas sob macabra cronologia (anos após anos) na Pátria do Evangelho. Não será difícil identificarmos as ofensivas das fundações abortistas internacionais, da manipulada ONU, dos mal-intencionados governo brasileiro e das ONGs (criadas no Brasil como estratégias abortistas, patrocinadas por instituições estrangeiras), mirando, desde 1988, a implementação de uma agenda externa e financiamento milionário, no intuito de simplificar o "assassinato de bebês" no útero materno.

Na "Pátria do Evangelho e Coração do Mundo", o trabalho sistemático para hasteamento da flâmula abortista iniciou-se no final dos anos 80, como disse acima, sempre patrocinado por capital estrangeiro para criação de redes de ONGs pró-aborto no Brasil. Uma das aberturas para a prática do extermínio de bebês no útero foi levada a cabo há mais de 20 anos, na implantação do primeiro serviço de abortos (em casos de estupro) em São Paulo.

Em 1990, através da abjeta Fundação MacArthur, dos (EUA), assessorada por incautos professores da UNICAMP (alguns, membros do Population Council, das organizações Rockefeller), iniciou-se o cronograma de trabalho alvitrando a exclusão do Código Penal de todos os dispositivos que penalizam o abortamento no Brasil.

Na década de 1990, a Fundação Ford instituiu o emblemático conceito de "direitos sexuais e reprodutivos", e passou a organizar várias ONGs feministas e promotoras do

ideário do assassinato de bebês no ventre materno, inclusive infligindo a nova ideologia da morte na Organização das Nações Unidas, que por sua vez deliberou reconhecer, na Conferencia do Cairo, os "direitos sexuais e reprodutivos", e em 1995 aceitou, na Conferência de Pequim, os conceitos fundamentais da "ideologia de gênero", passando a pressionar todos os países (que ainda não haviam legalizado o aborto) a liberalizar a pena do morte do bebê no ventre materno, denunciando-os de violarem o direito das mulheres sobre seus corpos.

Em 1998, o governo brasileiro sancionou a norma técnica sobre os serviços de assassinato de bebês no útero. O regulamento, em vez de ser denominado Norma técnica sobre procedimentos de aborto em casos de estupro, recebeu o "romântico" epíteto de Norma técnica sobre o tratamento dos agravos à violência contra a mulher. A nova regra permitiu e estendeu a prática do aborto (em casos de estupro) do terceiro até o quinto mês da gravidez. A famigerada norma estabeleceu que para a realização do homicídio do indefeso bebê no útero basta a apresentação de um "B.O." (boletim de ocorrência policial) da suposta vítima de "estupro".

Na ocasião, com o apoio financeiro da execranda Fundação MacArthur, foram inaugurados os "Fóruns anuais interprofissionais para implementação do atendimento ao aborto previsto na norma técnica", congregando todos os profissionais envolvidos nos serviços de assassinatos de bebês no ventre (em casos de abuso sexual).

Em 2005, o governo encaminhou projeto que propunha matar o neném na barriga materna, por qualquer motivo, durante todos os nove meses da gravidez. Contudo o abominável projeto foi reprovado em 2008, considerado inconstitucional pela Comissão de Constitucionalidade da Câmara dos Deputados.

Em 2012, o Supremo Tribunal Federal (STF) decidiu pela legalização da interrupção da gravidez nos casos de fetos

anencefálicos. Obviamente os magistrados da suprema corte desconhecem que um feto, ainda que "anencéfalo", não pode perder a dignidade nem o direito de (re)nascer. Os causídicos abortistas do "anencéfalo" alegam que nele não há um ser humano. Porém, esse juízo jamais poderia ser aplicado ao "anencéfalo", "que se compõe em um organismo humano vivo, e por isso a única atitude ajustada com o Direito à vida é a da compaixão, da indulgência, para com o feto de má formação encefálica.

Ainda que o feto seja portador de outras lesões graves e irreversíveis, físicas ou mentais, o corpo é o instrumento de que o Espírito necessita para sua evolução, pois que somente na experiência reencarnatória terá condições de reorganizar a sua estrutura, desequilibrada por ações que praticou em desacordo com a Lei Divina. Dá-se, também, que ele se programe em um lar cujos pais, na grande maioria das vezes, estão comprometidos com o drama e precisam igualmente passar por essa experiência reeducativa.

Em março de 2013, o governo apresentou, para votação urgente e imediata, como uma "homenagem" ao Dia Internacional da Mulher, um projeto de lei sobre o "Tratamento dos agravos à violência contra a mulher". No dia 1º de agosto de 2013, o governo sancionou a Lei 12.845/2013, conhecida como "Lei Cavalo de Tróia", tornando a prática do aborto obrigatória, em todos os hospitais da rede do SUS. Retomando a discussão sobre a legitimidade ou não do aborto, quando a gravidez é consequente a um ato de violência sexual, compreendemos que quando a mulher não se sinta com estrutura psicológica para gestar e criar o filho, a lei deveria facilitar e estimular a adoção da criança após nascida, em vez de promover covardemente o seu extermínio no útero.

O Espiritismo, considerando o lado transcendente das situações humanas, estimula a mãe a levar adiante a gravidez e até mesmo a criação daquele filho, superando o trauma do

estupro, porque aquele Espírito reencarnante terá possivelmente um compromisso passado com a genitora. Seria de boa lembrança o governo ter departamentos especializados de amparo material e psicológico a todas as gestantes, em especial àquelas que ostentam a sobrecarregada prova do estupro. Portanto, é perfeitamente lógico que o aborto em decorrência de estupro não deva ser autorizado, porque o bebê não pode ser punido por fatos não almejados que determinaram sua gênese.

Outra questão defendida pelos homicidas de bebês é o aborto "terapêutico". Se o aborto, em tempos remotos, era cometido a pretexto de "terapia", obviamente devia-se à ignorância médica. O aborto, ainda que supostamente "terapêutico", é crime. Ademais, por que obstruir o método reparador que as Leis do Criador infligem ao espírito que se reencarna com deficiência? Será lícito tolher-lhe a caminhada evolutiva em razão da insensatez dos exterminadores de bebês no útero?

O que expõe o Espiritismo sobre as consequências para o Espírito abortado? Explicam-nos os Benfeitores do além, que é uma existência nulificada, e que ele (o abortado) terá que recomeçar o processo reencarnatório. Destarte, a provocação do aborto, em qualquer período da gestação, é delito gravíssimo, é uma transgressão à lei de Deus.

Uma mãe, ou quem quer que seja, cometerá crime sempre que tirar a vida a uma criança antes do seu nascimento, porque que impede uma alma de passar pelas provas a que serviria de instrumento o corpo que se estava formando. A exclusiva e peculiar ressalva seria quando a gravidez pusesse em risco a vida da mãe; nesse caso não haverá dolo em sacrificar-se o bebê para salvar a mãe, pois preferível é se sacrifique o ser que ainda não existe a sacrificar-se o que já existe.(1) Não nos enganemos, se no Brasil for legalizada a prática do aborto, a "Pátria do Evangelho" sofrerá os ressaibos amargosos

ante a Lei de Ação e Reação, e todas as demais consequências funestas sobrevindas de tal flagelo moral.

Referência bibliográfica:

(1) Kardec, Allan. O Livro dos Espíritos, questões 357 , 358 e 359, RJ: Ed. FEB, 2001



Talismãs, fitinhas do "Senhor do Bonfim" e outros amuletos num conciso comentário espírita

Para o enredo místico os "talismãs são objetos de proteção, imantados de força magnética, aos quais se atribui um poder sobrenatural de realização dos desejos do usuário. Os amuletos são os objetos consagrados através da magia que devem ser usados junto ao corpo (anéis, correntes, medalhas). Segundo creem, um objeto sagrado tem uma função (proteger, vincular, aproximar) determinada pela sua forma no plano material (gravura, anel, estátua, medalha, porta-incenso). Por outro lado, a natureza da energia que pode ser canalizada pelo objeto varia de acordo com o símbolo ou divindade que este objeto represente." (1)

Acatamos fraternalmente o nível moral de quem usa e crê na eficácia dos talismãs e amuletos; entretanto, quem utiliza cristaliza a fé, razão pela qual não recomendamos o uso de implementos místicos, até porque são inúteis e completamente dispensáveis. Na compreensão espírita, "a virtude dos [talismãs e amuletos] de qualquer natureza que seja, não existe senão na imaginação das pessoas crédulas [ingênuas] em sua eficácia." (2)

O Espiritismo e o magnetismo elucidam uma vastidão de fenômenos sobre os quais a ignorância teceu um sem-número de fantasias mitológicas, em que os eventos se oferecem excedidos pela imaginação. "O conhecimento lúcido dessas duas ciências [Espiritismo e magnetismo] constitui o melhor preservativo contra as ideias supersticiosas, porque revela o que é possível e o que é impossível, o que está nas leis da Natureza e o que não passa de ridícula crendice." (3)

Os Espíritos Superiores esclarecem que os crédulos na força do talismã podem atrair seres espirituais de qualquer natureza, posto ser o pensamento a energia induzidora, enquanto o apetrecho é tão somente uma referência que conduz o pensamento. A rigor, "a virtude dos talismãs, de qualquer natureza que sejam, jamais existiu, senão na imaginação das pessoas crédulas.". (4) Deste modo, não há nenhuma palavra sacramental, nenhum sinal cabalístico, nenhum talismã que tenha qualquer ação sobre os Espíritos, porque eles são atraídos somente pelo pensamento e não pelas coisas materiais.

A realidade é que "a natureza do Espírito atraído terá afinidade com a pureza da intenção e da elevação dos sentimentos; porém, obviamente, quem assenta fé na virtude de um talismã tem um intento mais material do que moral; isso denota em muitos casos uma inferioridade e fraqueza de ideias que o expõem aos Espíritos imperfeitos e zombeteiros.". (5) Os Instrutores espirituais, em todos os tempos, esclareceram sobre o equívoco do emprego de sinais e das formas cabalísticas. Portanto, todo aquele [encarnado ou desencarnado] que lhes atribui uma virtude qualquer ou pretenda valorizar talismãs que tangem para a magia, revela com isso sua inferioridade, esteja agindo de boa fé ou por ignorância.

Não negamos a relativa influência oculta de certos objetos de uso pessoal (jóias, por exemplo) que parecem funestos magneticamente. Emmanuel explana que os objetos, principalmente de uso pessoal, "têm a sua história viva, e por vezes podem constituir o ponto de atenção das entidades perturbadas, de seus antigos possuidores no mundo; razão porque parecem tocados, por vezes, de singulares influências ocultas, porém, nosso esforço deve ser o da libertação espiritual, sendo indispensável lutarmos contra os fetiches, para considerar tão somente os valores morais do homem na sua jornada para o Perfeito.". (6)

Os Espíritos que aconselham sinais, palavras extravagantes ou receitam determinadas fórmulas secretas são seres primários que caçoam e brincam com a ingênua credulidade dos incautos. Há pessoas que atribuem poderes às defumações domésticas a fim de afastar os "maus" espíritos do lar. Será isso eficaz? Obviamente, não! Quando muito, a fumaça poluirá a atmosfera e, quem sabe, espante algumas muriçocas e carapanãs! Mas quanto aos obsessores, não haverá qualquer efeito. A fuligem defumatória tão somente sinalizará aos espíritos zombeteiros que em tal moradia residem crendices e superstições, que se traduz em ambiente fértil e facilmente influenciável por eles. Portanto, não exercendo qualquer controle sobre os Espíritos [bons ou maus], a defumação é completamente ineficaz para suposta proteção da influência dos Espíritos.

Kardec adverte que "não há [qualquer força sobrenatural], para alcançar esse [ou aquele] objetivo, nem palavras sacramentais, nem fórmulas, nem talismãs, nem quaisquer sinais materiais [riscados, cantados, defumados, fitas do Senhor do Bonfim etc.]. Os maus Espíritos disso se riem e se alegram frequentemente em indicarem [tais apetrechos]. [Tais seres zombeteiros] sempre têm o cuidado de se dizer infalíveis, para melhor captar a confiança daqueles que querem enganar, porque então esses confiantes na virtude do procedimento, se entregam sem medo.". (7)

Por razões lógicas, o Espiritismo não adota e nem usa em suas reuniões e em suas práticas: altares, imagens, andores, velas, procissões, sacramentos, concessões de indulgência, paramentos, bebidas alcoólicas ou alucinógenas, incenso, fumo, talismãs, amuletos, horóscopos, cartomancia, pirâmides, cristais, búzios ou quaisquer outros objetos, rituais ou formas de culto exterior. Até porque os Espíritos são atraídos somente pelo pensamento. Portanto, nenhum talismã, amuleto, palavra sacramental, sinal cabalístico ou qualquer tipo de fórmula

exterior poderá exercer qualquer influência sobre eles. Respeitamos os que creem na influência dos talismãs da felicidade pessoal, porém somos convidados a informar que o talismã para a felicidade pessoal, definitiva, se constitui de um bom coração sempre afeito à harmonia, à humildade e ao amor; no integral cumprimento dos desígnios de Deus.

Referência bibliográfica:

(1) Disponível em http://mistico.com/p/talisma/ acesso em 23/08/13

(2) Kardec, Allan. O Livro dos Médiuns, 2ª parte, cap. XXV, item 282-17ª, Rio de Janeiro: Ed FEB, 1991

(3) Kardec, Allan. O Livro dos Espíritos, perg. 555, Rio de Janeiro: Ed. FEB, 1994

(4) Kardec, Allan. O Livro dos Médiuns, 2ª parte, cap. XXV, item 282-17ª, Rio de Janeiro: Ed FEB, 1991

(5) Kardec, Allan. O Livro dos Espíritos, perg. 553 e 554, Rio de Janeiro: Ed. FEB, 1994

(6) Xavier, Francisco Cândido. O Consolador, ditado pelo Espírito Emmanuel, perg. 143, Rio de janeiro: Ed. FEB, 1997

(7) Kardec, Allan. Revista Espírita, dezembro de 1862, Brasília: Ed. Edicel, 2002



Pena de morte, algumas palavras espíritas

Em 399 a.C., o filósofo Sócrates, acusado de "desrespeitar os deuses da cidade" e de "corromper a juventude", foi condenado pelos atenienses a beber cicuta. O Código de Hamurabi, na Babilônia, estabelecia que o arquiteto que construísse uma casa sem solidez e viesse a desabar, provocando a morte do proprietário, deveria morrer. Na Roma antiga, pré-Julio César, além de outros suplícios, a pena capital era executada por decapitação ou enforcamento. Os Hebreus preferiam a decapitação – para eles, na cabeça estava a culpa de delito.

A partir de 1231, a Inquisição vaticanista começa a disseminar terrível sistema repressivo de condenação. O "Santo Ofício" foi instituído para assegurar a integridade dos dogmas da Igreja Católica e para vigorar em seu interior. Sua base de influência foi ampliada e espalhou-se pelos reinos europeus. No caso de heresia, o réu era condenado à morte pela Igreja e executado pelo Aparelho do Estado. Dessa forma, a Igreja não "sujava as mãos" de sangue e as autoridades do Governo cumpriam um dever religioso.

Em um mundo convulsionado pela violência urbana e de atos terroristas cada vez mais cruéis e impiedosos, o debate sobre a pena de morte acaba sempre surgindo. Esse debate remete à questão de saber se é moral e/ou juridicamente lícito, por parte do Estado, matar para punir nas formas de um processo legal.

O primeiro pensador a escrever contra a ideia da pena de morte foi o jurista italiano Cesare Bonesana, marquês de Beccaria (1738-94). Seus precursores só questionavam os

excessos, não a legitimidade da penalidade. Essa foi a grande inovação de seu pequeno livro intitulado "Dos delitos e das Penas", que sistematizou as críticas aos antigos regimes de punição, estabelecendo premissas que serviriam de base para a edição dos códigos da época moderna.

A maioria dos legisladores, antes do movimento Iluminista, seguia a linha de Drácon, que preconizava: "a pena de morte era justa para os pequenos ladrões e para os outros crimes mais graves, ainda não encontrara, infelizmente, uma pena maior".

A pena de morte – ou assassinato legalizado - é uma das possíveis penalidades de que o Estado dispõe como detentor do monopólio da força e das várias maneiras do exercício da lei. Porém, o Estado dispõe de penas alternativas e, portanto, não é obrigado a matar para aplicar a lei. Analisar se a pena de morte deve ser imposta, porque é mais intimidatória do que outro corretivo, é falácia, basta constatarmos os altos índices de crimes nos Estados norte-americanos que adotam essa prática. A debilidade desse argumento reside no fato de que não foi obtida nenhuma comprovação segura da força dissuasória da pena capital. Pensar que a pena de morte irá inibir o criminoso é ledo engano. O criminoso não cogita sobre seu insucesso! Por isso mesmo, sem seus enlouquecidos planos, nunca são consideradas as consequências jurídicas para seus atos. Na verdade, o delinquente nunca admite o seu possível fracasso! O êxito, segundo pensa, será dele e nunca da lei!...

Reflitamos que a execução da pena de morte torna irremediável o erro judiciário. Não há tratado sobre a pena capital que não cite casos exemplares da prova da inocência do suposto culpado, descoberta após a execução do réu. Por isso, muitos afirmam que é melhor que se salve um criminoso do que deixar morrer um inocente. Nos EUA, já foram registradas centenas de condenações errôneas e várias pessoas foram

executadas e outras apodreceram na prisão. Em 1989, um Tribunal de Tóquio declarou a inocência de Masao Akabori, condenado à morte pelo assassinato de uma criança e preso desde 1954. A confissão, que sustentou a sentença, foi obtida em face das torturas sofridas nas mãos dos policiais. Depois de 12.600 dias (34 anos), à espera do enforcamento, Masao foi solto, com a expectativa de receber uma indenização, de quase 1 milhão de dólares, do governo japonês.

Por precauções éticas, no Ocidente, debate-se para que a pena máxima seja cada vez mais rápida, higiênica e indolor. Comparemos os métodos: a guilhotina é de 1792, a cadeira elétrica (1889), a Câmara de gás (1923) e, mais recente, a injeção letal é de 1977; nesse sentido, pode-se afirmar que, em matéria de execuções "suaves", entramos na "era da injeção letal", hoje adotada por diversos estados americanos. A Revista Isto É, de 03 de março de 1999, registra que, no Texas-EUA, em fevereiro de 1999, um júri condenou o racista John William King à pena de morte por injeção letal. King foi condenado por ter matado, com requintes de extrema perversidade, o negro James Byrd Jr., arrastando-o pelo asfalto, preso à sua camionete.

Da constatação de que "violência gera violência", é inaceitável qualquer arrazoado mais forte a favor da pena máxima, ainda mesmo diante de crimes horrendos. Hoje, mais do que nunca, a paz social também se atrela à interrupção desse sistema. A abolição da pena máxima é, apenas, um pequeno começo. Mas, é grande o abalo que ela produzirá na prática e na própria concepção dos códigos de justiça do poder (de vida e morte) do Estado.

Lembremos que Deus sempre reserva um lugar para a misericórdia; não tem lógica matarmos um ser humano, mediante pena máxima a ele atribuída, se estaremos agindo, exatamente, conforme fizeram para merecer extrema condenação.

Segundo o Relatório da Anistia Internacional, das mais de 5.000 execuções realizadas em 1996, entre os 94 países que adotam a pena capital, 93% das punições ocorreram em, apenas, 4 países: China, Ucrânia, Rússia e Irã. A China é, de longe, a recordista. Mandou executar, por fuzilamento, 4.400 pessoas (85% do total mundial).

Em fevereiro de 1993, o Instituto de Pesquisa Datafolha verificou, em 122 municípios brasileiros, que 55 % da população era favorável à pena extrema e 38% contra. Porém, essa pesquisa estava sob o impacto de dois crimes de grande repercussão: o assassinato da atriz Daniela Perez, no Rio de Janeiro e o da menina Míriam Brandão, em Belo Horizonte. Os dois crimes espremeram o País para uma situação-limite, até porque, o levantamento de 17 meses antes, realizado pelo mesmo instituto de pesquisa, o número era outro: 46% a favor e 43% contra a pena capital. A Constituição protege o cidadão da vontade da maioria, muitas vezes marcada pela irracionalidade passional. Isso porque, quando ocorrem esses crimes mais violentos, os arsenais da mídia são acionados na polemização do tema. No contexto dessas circunstâncias, a pena de morte aparece, sempre, como solução miraculosa.

Pinta-se essa tese com cores tão fortes a ponto de se levar parte da população a acreditar na validade desse flagelo moral, que, a rigor, deveria ter ficado nos tempos dos hominídios. Destarte, devemos ponderar que propor a extinção do crime marginalizado pelo crime legalizado é demonstrar uma profunda irracionalidade, poder-se-ia implantar no Brasil uma segregação mais longa (Quem sabe, a prisão perpétua para determinados crimes?). Lamentavelmente, dos 58 Estados norte-americanos, 38 praticam a pena máxima e cerca de 70% dos americanos se declaram favoráveis à pena de morte.

Os Benfeitores afirmam, em O Livro dos Espíritos, na questão 760, que "a pena de morte desaparecerá e sua supressão assinalará um progresso da humanidade. Quando os

homens estiverem mais esclarecidos, a pena de morte será completamente abolida na Terra. Não mais precisarão os homens de ter que ser julgados pelos homens. Refiro-me a uma época ainda muito distante de vós".

O Universo é movido pelo Amor de Deus e, na Sua Criação, o Pai Celeste estabeleceu Leis que nos regem os destinos. Para nós, o modelo de vida é Jesus Cristo! Ele nos ensinou o Perdão e o Amor ao próximo, como roteiros de paz e justiça para todos os homens.

Referências bibliográficas:

Revista "Isto É" Número 1535, edição de 03/03/1999

Jornal Correio Braziliense, Edição de 12/08/1998

Jornal de Brasília, Edição de 23/09/1998

Jornal Folha de São Paulo, Edição de 26/05/1998

Revista O ESPÍRITA/DF Edição de jul/set de 1997

Kardec Allan. O Livro dos Espíritos, RJ: Ed. Feb 1997, questão 760

Carvalho Filho Luiz Francisco. O que é a Pena de Morte, São Paulo: Ed Brasiliense, 1995



O que pensar dos dizem que "Jesus é somente o emergir de um arquétipo plasmado no inconsciente coletivo"?

Stephen Sawyer, desenhista que vive em Kentucky, EUA, autor das imagens do Cristo com peitoral tatuado, braços musculosos, recentemente publicadas na capa do jornal The New York Times, inventou o projeto Art4God para tentar aproximar os jovens do "cristianismo". Sawyer acredita-se um legítimo pregador (!?...) do Messias de Nazaré. Através de livros, revistas e blogs, Stephen tem viajado os Estados Unidos divulgando a sua bizarra ideologia, retratando a figura máscula de Jesus igualando-O a um super-herói.

Embora os desenhos sejam absolutamente grotescos e chocantes, é muito difícil em uma sociedade aberta, democrática e plural como a nossa, evitar expressões como essas, ou opiniões e teses, tenham elas ou não caráter histórico, científico, religioso ou moral, público ou privado. Todavia, o Espiritismo preconiza e defende a liberdade de expressão responsável, ou seja, quando exercida de forma justa e respeitosa, de modo que não venha a agredir ou desmerecer o direito de crença do seu semelhante.

A partir do momento que Deus dotou de razão o homem e lhe conferiu o livre-arbítrio, permitiu dessa forma que o mesmo abrace o caminho que espera ser o mais acertado para ele, tornando-o responsável pelas suas preferências. Quem somos nós para impor a quem quer que seja a nossa vontade, ou aquilo que acreditamos ser o melhor? Todavia, quando lemos a matéria relativa à veiculação da imagem de Jesus, igualando-O aos chamados homens "sarados", ficamos extremamente indignados, pois guardamos a certeza de que a memória e

imagem do Mestre devem ser respeitadas e veneradas no alcance máximo da liberdade humana.

É bem verdade que os espíritas não idolatram nenhum mensageiro em pinturas, fotos, esculturas, etc., Mas, esse comportamento de Sawyer cremos ser uma violentação gratuita e inteiramente desnecessária como tantos outros desrespeitos já praticados sob a "proteção" da vilipendiada liberdade de expressão, que culmina atingindo o sentimento de todos aqueles que têm Jesus como exemplo de moral, caráter, bondade, amor, humildade.

No que tange à aparência de Jesus, sabe-se que atualmente não existe uma unanimidade de como ele era realmente. Mas, Públio Lentulos dizia que "Ele era belo de figura e atraia os olhares. Seu rosto inspirava amor e temor ao mesmo tempo. Seus cabelos eram compridos e louros, lisos até as orelhas, e das orelhas para baixo cresciam crespos anelados. Dividia-os ao meio uma risca e chegavam-lhes aos ombros segundo o costume da gente de Nazareth. As faces cobriam de leve rubor. O nariz era bem contornado, e a barba crescia, um pouco mais escura do que os cabelos, dividida em duas pontas. Seu olhar revelava sabedoria e candura. Tinha olhos azuis com reflexos de várias cores. Este homem amável ao conversar, tornava-se terrível ao fazer qualquer repreensão. Mas mesmo assim sentia-se Nele um sentimento de segurança e serenidade. Ninguém nunca o via rir." (1)

"Muitos, no entanto, O tinham visto chorar. Era de estatura normal, corpo ereto, mãos e braços tão belos que era um prazer contemplá-los. Sua Voz era grave. Falava pouco. Era modesto. Era belo quanto um homem podia ser belo." (2) Como se observa há dois mil anos havia um Homem incomum, entre os milhões de habitantes terrestres... E Esse Homem singular veio tornar-se o centro da história da humanidade. Muito mais do que isso: Ele se tornou um marco para a história da humanidade, de tal modo que até o tempo histórico é

contado tendo-O como referência.

Como se não bastasse, em meio à crescente proliferação de ideias esdrúxulas sobre o Cristo, há infelizmente no seio do movimento espírita os que desejam ver Jesus banido das hostes doutrinárias. São arautos caolhos que têm deturpado a legítima concepção espírita sobre o Meigo Rabi da Galiléia. São bonifrates das trevas que espalham as extravagantes ideias do tipo: "Jesus é somente o emergir de um arquétipo plasmado no inconsciente coletivo".

Nos seus devaneios, tais títeres atestam que, de "tudo quanto a civilização cristã reteve de Jesus, nesses dois milênios, muito mais há de mito." Enxovalham nossas mentes com afirmativa: -"Nosso Jesus não é o mítico Governador do Planeta, aquele que vive, entre Anjos e Tronos, na bela ficção literária de Humberto de Campos" e, ainda, regurgitam outras pérolas frasais como: -"Nosso Jesus, inteiramente homem, não evoluiu em linha reta" e, mais ainda, vociferam: -"Jesus não criou nenhuma nova moral. Apenas interpretou, adequadamente, aquela que sempre esteve no coração do homem por todos os tempos e lugares."! Que talento! Tratam, o mais supremo dos seres da criação como um "João ninguém".

Na Terra, onde se multiplicam as conquistas da inteligência (algumas resvalam e se enterram nas valas profundas das retóricas vazias) e fazem-se mais complexos os quadros do sentimento amarfanhado no materialismo, saibamos que Ele (Jesus) no campo da Humanidade [foi o único] orientador completo, irrepreensível e inquestionável, que renunciou à companhia dos anjos para viver e conviver com os homens.

Nos tempos áureos do Evangelho o apóstolo Pedro, mediunizado, definiu a transcendência de Jesus, revelando que Ele era "o Cristo, o Filho de Deus vivo" (3). No século XIX o Espírito de Verdade atesta ser Ele "o Condutor e Modelo do Homem" (4). Para o célebre pedagogo e gênio de Lyon, o Cristo foi "Espírito superior da ordem mais elevada, Messias,

Espírito Puro, Enviado de Deus e, finalmente, Médium de Deus."(5) Não há dúvidas que Jesus foi o Doutrinador Divino (6) e por excelência o "Médico Divino", segundo André Luiz. (7) Por sua vez, Emmanuel o denomina de "Diretor angélico do orbe e Síntese do amor divino". (8)

Para a maioria dos teólogos, Jesus é objeto de estudo, nas letras do Velho e do Novo Testamento, imprimindo novo rumo às interpretações de fé. Para os filósofos, Ele é o centro de polêmicas e cogitações infindáveis. Para nós espíritas, Jesus foi, é e será sempre a síntese da Ciência, da Filosofia e da Religião. "Tudo tem passado nestes dois mil anos, na Terra- mas a [Sua] Palavra brilha como um Sol sem ocaso, guiando as ovelhas tresmalhadas, os cordeiros perdidos do Rebanho de Israel à porta do aprisco, para restituí-los ao Bom Pastor". (9)

O Espiritismo vem colocar a Mensagem do Cristo na linguagem da razão, com explicações racionais, filosóficas e científicas, mas, vejamos bem, sem abandonar, sem deixar de lado o aspecto emocional que é colocado na sua expressão mais alta, tal como o pretendeu Jesus, ou seja o sentimento sublimado, demonstrando assim que o sentimento e a razão podem e devem caminhar pela mesma via, pois constituem as duas asas de libertação definitiva do ser humano.

Inobstante não ser a experiência humana uma estação de prazer, por isso, continuemos trabalhando no ministério do Cristo, recordando que, por servir aos outros, com humildade, sem violências e presunções, Ele foi tido por imprudente e rebelde, transgressor da lei e inimigo da população, sendo escolhido por essa mesma multidão para receber com a cruz a gloriosa coroa de espinhos, mas sob o influxo do bom ânimo Ele venceu o mundo!

O Cristo é o modelo de virtudes para todos os homens . E mais ainda. Jesus Cristo é incomparável em face da dedicação e a santidade que Ele dispensa à Humanidade. Nós, que ainda estamos mergulhados nos pântanos das questiúnculas

teológicas, não temos parâmetros para avaliar a Sua magna importância para o Espiritismo, isto porque a Sua excelsitude se perde na escura bruma indevassável dos milênios. Dizemos mais: O Espiritismo sem Jesus pode alcançar as brilhantes expressões acadêmicas, mas não passará de atividade fadada a modificar-se ou desintegrar-se, como todas as conquistas superficiais da Terra. E o espírita cristão, que não cogitou da sua iluminação com o Evangelho do Mestre, pode ser virtuose da inteligência, Phd de qualquer coisa e filósofo, com as mais subidas aquisições científicas, mas estará sem bússola e sem norte no momento do "furacão" inevitável da dor moral.

Temos dito!

Jorge Hessen

Referências bibliográficas:

(1) Descrição tradicional feita pelo pró-consul Públios Lentulos

(2) idem

(3) Mt 13, 16-17.

(4) Kardec, Allan. O Livro dos Espíritos, RJ: Ed. FEB, 2001, pergunta 625

(5) Kardec, Allan. A Gênese, RJ: Ed. FEB, 1998, XV, item 2

(6) Xavier, Francisco Cândido. (Os Mensageiros, Ditado pelo Espírito André Luiz, RJ: Ed FEB, 2000, cap. 27)

(7) Xavier, Francisco Cândido. Missionário da Luz, Ditado pelo Espírito André Luiz, RJ: Ed FEB 2003, cap. 18

(8) Xavier, Francisco Cândido. O Consolador, Ditado pelo Espírito Emmanuel, RJ: Ed FEB 2001, 283 e 327.

(9) SCHUTEL, Cairbar. Parábolas e ensinos de Jesus, SP: ed. O Clarim-Matão, 1993, p. s/n



O suicídio é a negação absoluta da lei do amor

Em Taiwan, a fabricante de eletrônicos Foxconn "anunciou que vai contratar dois mil profissionais de saúde mental para tentar conter uma onda de suicídios em suas fábricas na China"(1). A empresa conta com 700 mil funcionários - cerca de 300 mil deles na China -, fabrica vários produtos para multinacionais, como o celular iPhone, da Apple, os consoles de games PlayStation, da Sony, Wii, da Nintendo, e Xbox, da Microsoft, e o leitor eletrônico Kindle, da Amazon.

Na França, como se não bastasse o preocupante "Dia nacional de prevenção ao suicídio", a Justiça francesa está investigando a onda de suicídios na operadora de telefonia France Telecom. Nos últimos dois anos, 46 funcionários da companhia se mataram - 11 deles apenas em 2010, segundo dados da direção da empresa e dos sindicatos.

Nos EUA a Universidade de Cornell, no estado americano de Nova York, lançou recentemente uma campanha de prevenção ao suicídio. A Universidade já carrega há muito tempo a fama negativa de ser uma escola marcada por suicídios. Entre 2000 e 2005, houve 10 casos de suicídio confirmados na Cornell.

O número de suicídios na Terra estarrece, senão vejamos: há dez anos foram "815.000 pessoas que cometeram suicídio. Países do Leste Europeu são os recordistas em média de suicídio por 100.000 habitantes. A Lituânia (41,9), Estônia (40,1), Rússia (37,6) (a taxa de suicídio na Rússia é a segunda no mundo, abaixo somente da Lituânia e leste europeu), Letônia (33,9) e Hungria (32,9). Guatemala, Filipinas, e Albânia estão no lado oposto, com a menor taxa, variando entre 0,5 e 2. Os demais estão na faixa de 10 a 16. Em números absolutos,

porém, a República Popular da China lidera as estatísticas. Foram 195 mil suicídios no ano de 2000, seguido pela Índia com 87 mil, os Estados Unidos com 31 mil, o Japão com 20 mil (em 2008 o suicídio entre jovens bateu novo recorde no Japão)e a Alemanha com 12,5 mil” (2).

O suicídio é um ato exclusivamente humano e está presente em todas as culturas. Suas matrizes causais são numerosas e complexas. Alguns veem o suicídio como um assunto legítimo de escolha pessoal e um direito humano (absurdamente conhecido como o "direito de morrer"), e alegam que ninguém deveria ser obrigado a sofrer contra a sua vontade, sobretudo de condições como doenças incuráveis, doenças mentais e idade avançada que não têm nenhuma possibilidade de melhoria.

Nenhuma religião admite o suicídio. Essa unanimidade evidencia tratar-se de algo contrário às leis divinas. Mas, algumas seitas paranóicas fazem cultos ao suicídio, como a Ordem do Templo Solar, a Heaven’s gate, a Peoples Temples e outras. Entre os adeptos “notáveis” dessa escola de pensamento estão incluídos o filósofo pessimista Arthur Schopenhauer, Friedrich Nietzsche, e o empirista escocês David Hume.

Sob o ponto de vista sociológico, o suicídio é um ato que se produz no marco de situações anômicas(3), em que os indivíduos se veem forçados a tirar a própria vida para evitar conflitos ou tensões inter-humanas, para eles insuportáveis. Em verdade para os espíritas o "suicídio é o ato sumamente covarde de quem opta por fugir, despertando em realidade mais vigorosa, sem outra alternativa de escapar"(4).

O suicida não quer matar a si próprio, mas alguma coisa que carrega dentro de si e que, sinteticamente, pode ser nominado de sentimento de culpa e vontade de querer matar alguém com quem se identifica. Como as restrições morais o impedem, ele acaba se autodestruindo. Assim, o suicida mata

uma outra pessoa que vive dentro dele e que o incomoda, profundamente. O pensador Émile Durkheim teoriza que a "causa do suicídio, quase sempre, é de raiz social, ou seja, o ser individual é abatido pelo ser social. Absorvido pelos valores [sem valor], como o consumismo, a busca do prazer imediato, a competitividade, a necessidade de não ser um perdedor, de ser o melhor, de não falhar, a pessoa se afasta de si mesmo e de sua natureza. Sobrevive de 'aparências', para representar um 'papel social' como protagonista do meio. Nessa vivência neurotizante, ele deixa de desenvolver suas potencialidades, não se abre, nem expõe suas emoções e se esmaga na sua intimidade solitária"(5).

Curiosamente, há casos e casos. Em incêndios de edifícios, algumas pessoas presas em andares superiores, têm pulado para a morte, ante a proximidade das chamas. Não podemos considerar essa situação como um ato suicida. Há apenas um gesto instintivo de fuga. O calor, nessa situação, é tão intenso que, literalmente, pode levar a pessoa ao estado de absoluta inconsciência.

Situação grave que merece ser analisada é a obsessão que pode ser definida como um constrangimento que um indivíduo, suicida em potencial ou não, sente, pela presença perturbadora de um obsessor (encarnado ou desencarnado). Há suicídios que se afiguram como verdadeiros assassinatos, cometidos por perseguidores desencarnados (e encarnados também). Esses seres envolvem de tal forma a vítima que a induzem a matar-se. Obviamente que o suicida nesse caso não estará isento de responsabilidade. Até porque um obsessor não obriga ninguém ao suicídio. Ele sugere telepaticamente ao ato, porém a decisão será sempre do autocida.

A simples ideia, repetida várias vezes, leva o indivíduo à fascinação, à subjugação, e, por fim, ao suicídio. Emmanuel adverte que o suicídio é como alguém que "pula no escuro sobre um precipício de brasas. Após o ato, sobrevêm ao infeliz

a sede, a fome, o frio, o cansaço, a insônia, os irresistíveis desejos carnais, a promiscuidade e as tempestades com constantes inundações de lamas fétidas”(6). Em verdade, "de todos os desvios da vida humana o suicídio é, talvez, o maior deles pela sua característica de falso heroísmo, de negação absoluta da lei do amor e de suprema rebeldia à vontade de Deus, cuja justiça nunca se fez sentir, junto dos homens, sem a luz da misericórdia"(7)

Refletindo sobre a questão 945 de "O Livro dos Espíritos", que pensar do suicídio que tem por causa o desgosto da vida? Os Espíritos responderam: "Insensatos! Por que não trabalhavam? A existência não lhes seria uma carga!"(8) O suicídio é a mais desastrada maneira de fugir das provas ou expiações pelas quais devemos passar. É uma porta falsa em que o indivíduo, julgando libertar-se de seus males, precipita-se em situação muito pior. Arrojado violentamente para o além-túmulo, em plena vitalidade física, revive, intermitentemente, por muito tempo, as chicotadas de consciência e sensações dos derradeiros instantes, além de ficar submerso em regiões de penumbras, onde seus tormentos serão importantes para o sacrossanto aprendizado, flexibilizando-o e credenciando-o a respeitar a vida com mais empenho.

Na literatura espírita encontramos livros que comentam o assunto. Temos como exemplo: "O Martírio dos Suicidas", de Almerindo Martins de Castro, e "Memórias de um Suicida", ditado pelo Espírito Camilo e psicografado por Yvonne A. Pereira. O mestre de Lyon, em o livro "O Céu e o Inferno" deixa enorme contribuição em exame comparado das doutrinas sobre a passagem da vida corporal à vida espiritual e, especificamente, no capítulo V, da Segunda parte, onde aborda a questão dos suicidas.

Quando um indivíduo perde a capacidade de se amar, quando a autoestima está debilitada, passa a ter dificuldade de manter a saúde física, psíquica e somática. André Luiz explica

que "os estados da mente são projetados sobre o corpo através dos bióforos que são unidades de força psicossomáticas, que se localizam nas mitocôndrias. A mente transmite seus estados felizes ou infelizes a todas as células do nosso organismo, através dos bióforos. Ela funciona ora como um sol irradiando calor e luz, equilibrando e harmonizando todas as células do nosso organismo, e ora como tempestades, gerando raios e faíscas destruidoras que desequilibram o ser, principalmente em atingindo as células nervosas"(9).

O mais grave é que o suicida acarreta danos ao seu perispírito. Quando reencarnar, além de enfrentar os velhos problemas ainda não solucionados, verá acrescida a necessidade de reajustar a sua lesão perispiritual. Portanto, adiar dívida significa reencontrá-la mais tarde, com juros cuidadosamente calculados e cobrados, sem moratória. A questão 920, de O Livro dos Espíritos, registra que a vida na Terra foi dada como prova e expiação, e depende do próprio homem lutar, com todas as forças, para ser feliz o quanto puder, amenizando as suas dores(10).

Ante o impositivo da Lei da fraternidade, devemos orar pelos nossos irmãos que deram fim às suas vidas, compadecendo-nos de suas angústias, sem condená-los. Até porque, todos os suicidas, sem exceção, lamentam o ato praticado e são acordes na informação de que somente a oração em seu favor alivia as atrozes dores conscienciais em que se encontram e que lhes parecem eternas.

Referências bibliográficas:

(1) Cf. informa a edição online do jornal de Hong Kong South China Morning Post.

(2) Disponível em http://pt.wikipedia.org/wiki/Suic%C3%ADdio.

(3) Anomia é um estado de falta de objetivos e perda de

identidade, provocado pelas intensas transformações ocorrentes no mundo social moderno.

(4) Franco, Divaldo, Momentos de Iluminação, Ditado pelo Espírito Joanna de Angelis, RJ: ed. FEB.

(5) Durkheim, Emile. Título: El SUICÍDIO. P.imprenta: Tlahuapan, Puebla. Premiá. 1987. 343 p. Edición; 2a ed. Descriptores: SUICÍDIO. Sociología. Aspectos psicológicos.

(6) Xavier, Francisco Cândido e Vieira, Waldo. Leis Do Amor, ditado pelo espírito Emmanuel, Ed. FEESP, 1970.

(7) Xavier, Francisco Cândido, O Consolador, Ditado pelo Espírito Emmanuel RJ: Ed. FEB - 13ª edição pergunta 154.

(8) Kardec, Allan, O Livro dos Espíritos, RJ: Ed FEB, 2001, perg. 945.

(9) Xavier, Francisco Cândido, Missionário da Luz, Ditado pelo Espírito André Luiz, RJ: Ed. FEB 2003.

(10) Kardec, Allan. O Livro dos Espíritos, RJ: Ed FEB, 2002, pergunta 920.



No reino de momo a carne nada vale

Sem querer ditar regras de falsos purismos e cansativos sermões encharcados de ladainhas, não nos furtamos de comentar sobre mais um período momesco que se aproxima. Tradicionalmente, são três dias que antecedem à Quaresma [período de quarenta dias, que vai da Quarta-Feira de "Cinzas" até o Domingo de Páscoa, consoante preceito catolicista] que instalou-se com vigor descomunal em todo o País. Muitos creem que as "cinzas" são o que sobra do "enterro da tristeza", em face dos três dias de "alegria", ou, ainda, tudo que sobrou do tal espetáculo. Em verdade, a única cinza que o cristão deveria encontrar seria aquela que representa a cremação do seu passado de erros, pulverizado por um presente de acertos e esforços no sentido do progresso real.

Carnaval é um termo oriundo de uma festa romana e egípcia em homenagem ao Deus Saturno, quando carros alegóricos (a cavalo) desfilavam com homens e mulheres. Eram os carrum navalis, daí a origem da palavra "carnaval". Há quem interprete a palavra conforme as primeiras sílabas das palavras da frase: carne nada vale. Como festa popular, poderia ser um acontecimento cultural plausível, não fossem os excessos cometidos em nome da alegria. Quando se pretende alcançar essa alegria, através do prazer desregrado e dos excessos de toda ordem, o resultado é a insatisfação íntima, o vazio interior provocado pelo desequilíbrio moral e espiritual. Portanto, não fossem os exageros, o Carnaval, como festa de integração sócio-racial, poderia tornar um acontecimento relativamente aceitável, até porque, não admitir isso é incorrer em erro de intolerância. Porém, merece reflexão a advertência de André

Luiz: "Afastar-se de festas lamentáveis, como aquelas que assinalam a passagem do CARNAVAL, inclusive as que se destaquem pelos excessos de gula, desregramento ou manifestações exteriores espetaculares. A verdadeira alegria não foge da temperança." (1) (destacamos)

É o momento em que o espírito humano pode exteriorizar o que há de mais profundo, de mais primitivo em si mesmo. A ebulição momesca é evento que carrega, em si, a carga da barbárie e do primitivismo que ainda reina entre nós, os encarnados, marcados pelas paixões do prazer violento. Costuma ser chamado de folia que vem do francês folle que significa loucura ou extravagância.

Já "foi um dia a comemoração dos povos guerreiros, festejando vitórias; foi reverência coletiva ao deus Dionísio, na Grécia clássica, quando a festa se chamava bacanalia; na velha Roma dos césares, fortemente marcada pelo aspecto pagão, chamou-se saturnalia e, nessas ocasiões, imolava-se uma vítima humana." (2) Nos dias conturbados de hoje, sabe-se que "(...) de cada dez casais que caem juntos na folia, sete terminam a noite brigados (cenas de ciúme, etc.); que, desses mesmos dez casais, posteriormente, seis se transformam em adultério, cabendo uma média de três para os homens e três para as mulheres (por exemplo); que, de cada dez pessoas (homens e mulheres, no caso) no carnaval, pelo menos sete se submetem espontaneamente a coisas que normalmente abominam no seu dia a dia, como álcool, entorpecente, etc. Dizem, ainda, que tudo isso decorre do êxtase atingido na Grande Festa, quando o símbolo da liberdade, da igualdade, mas, também, da orgia e depravação, somadas ao abuso do álcool, levam as pessoas a se comportarem fora do seu normal (...)" (3) O Espírito Emmanuel adverte: "Ao lado dos mascarados da pseudo-alegria, passam os leprosos, os cegos, as crianças abandonadas, as mães aflitas e sofredoras. (...) Enquanto há miseráveis que estendem as mãos súplices, cheios

de necessidades e de fome, sobram as fartas contribuições para que os salões se enfeitem."(4)

Quando nos damos aos exageros de toda sorte, as influências perniciosas se intensificam e, muitas vezes, deixamo-nos dominar por espíritos maléficos, ocasionando os infelizes fatos de todos os tipos de violências. Nesse cenário, os obsessores "influenciam, durante o Carnaval, os incautos que se deixam arrastar pelas paixões de Momo, impelindo-os a excessos lamentáveis, comuns por essa época do ano, e através dos quais eles próprios, os Espíritos, se locupletam de todos os gozas e desmandos materiais, valendo-se, para tanto, das vibrações viciadas e contaminadas de impurezas dos mesmos adeptos de Momo, aos quais se agarram." (5)

Portanto, além da companhia de encarnados, vincula-se a nós uma inumerável legião de seres invisíveis, recebendo deles boas e más influências a depender da faixa de sintonia em que nos encontremos. As tendências ao transtorno comportamental de cada um, e a correspondente impotência ou apatia em vencê-las, são qual imã que atrai os espíritos desequilibrados e fomentadores do descaso à dignidade humana, que, em suma, não existiriam se vivêssemos no firme propósito de educar as paixões instintivas que nos animalizam. Diante disso, Emmanuel ratifica a admoestação: "É lamentável que na época atual, quando os conhecimentos novos felicitam a mentalidade humana, fornecendo-lhes a chave maravilhosa dos seus elevados destinos, descerrando-lhes as belezas e os objetivos sagrados da Vida, se verifiquem excessos dessa natureza [CARNAVAL] entre as sociedades que se pavoneiam com os títulos da civilização." (6) (destaque nosso)

Será válido fechar as portas dos centros espíritas nos dias de Carnaval, ou mudar o procedimento das reuniões? Existem alguns centros que fecham suas portas nos feriados do carnaval por vários motivos não razoáveis. Repensemos: uma pessoa com necessidades imediatas de atendimento fraterno, ou dos

recursos espirituais urgentes em caso de obsessão, seria fraterno fazê-la esperar para ser atendida após as "cinzas", uma vez ocorrendo essa infelicidade em dia de feriado momesco? Convém lembrar que Jesus curava aos sábados, mesmo que o costume da época não permitisse. Por isso mesmo, Ele disse: "Por que não posso curar aos sábados se meu Pai trabalha sempre?". (7)

Os foliões inveterados alegam que o carnaval é um extravasador de tensões, liberando as energias... Todavia, no período carnavalesco, não encontramos diminuídas as taxas de agressividade e as neuroses. O que se vê é um verdadeiro somatório da violência urbana e de infelicidade familiar. As estatísticas registram como consequências do "reinado de Momo", por exemplo, gravidezes indesejadas e a consequente proliferação de abortos provocados, acidentes automobilísticos, aumento da criminalidade, estupros, suicídios, incremento do uso de diversas substâncias estupefacientes e de alcoólicos, assim como o surgimento de novos viciados, disseminação das doenças sexualmente transmissíveis (inclusive a AIDS) e as ulcerações morais, marcando, profundamente, certas almas desavisadas e imprevidentes.

Os três dias de folia, assim, poderão se transformar em três séculos de penosas reparações. É bom pensarmos um pouco nisto: o que o carnaval traz ao nosso Espírito? Alegria? Divertimento? Cultura? Será que o apelo de Momo faz de nós homens ou mulheres melhores? Edifica o nosso Espírito? Muitos espíritas, ingenuamente, julgam que a participação nas festas de Carnaval, tão do agrado dos brasileiros, nenhum mal acarreta à nossa integridade fisiopsicoespiritual. No entanto, por detrás da aparente alegria e transitória felicidade, revela-se o verdadeiro atraso espiritual em que ainda vivemos, pela explosão de animalidade que ainda impera em nosso ser. É importante lembrá-los de que há muitas outras formas de diversão, recreação ou entretenimento disponíveis ao homem

contemporâneo, alguns verdadeiros meios de alegria salutar e aprimoramento (individual e coletivo), para nossa escolha.

Não vemos, por fim, outro caminho que não seja o da "abstinência sincera dos folguedos", do controle das sensações e dos instintos, da canalização das energias, empregando o tempo de feriado do carnaval para a descoberta de si mesmo, o entrosamento com os familiares, o aprendizado através de livros e filmes instrutivos ou pela frequência a reuniões espíritas, eventos educacionais, culturais ou mesmo o descanso, já que o ritmo frenético do dia a dia exige, cada vez mais, preparo e estrutura físico-psicológica para os embates pela sobrevivência.

Em síntese, se o Carnaval é uma ameaça ao bem-estar social, nós espíritas temos muito a ver com ele, porque uma das tarefas primordiais de nossa Doutrina é a de lutar por dispositivos de preservação dos valores mais dignos da Sociedade, sem que se violente, obviamente, o direito soberano do livre-arbítrio de cada um, mas não nos esquecendo que no carnaval sempre ocorre obsessão (espiritual) como resultado da invigilância e dos desvios morais. Somente poderemos garantir a vitória do Espírito sobre a matéria, se fortalecermos a nossa fé, renovando-nos mentalmente, praticando o bem nos moldes dos códigos evangélicos, propostos por Jesus Cristo, e não esquecendo os divinos conselhos do Mestre: "Vigiai e orai, para que não entreis em tentação; o espírito na verdade está pronto, mas a carne é fraca''(8)

Referências bibliográficas:

(1) Vieira, Waldo. Conduta Espírita, ditado pelo Espírito André Luiz, Rio de Janeiro: Ed FEB, 2001, cap.37 "Perante As Fórmulas Sociais"

(2) Artigo publicado na Revista Visão Espírita - Março de 2000

(3) São José Carlos Augusto. Carnaval: Grande Festa... De enganos!, Artigo publicado na Revista Reformador/FEB-Fev 1983

(4) Xavier, Francisco Cândido. Sobre o Carnaval, mensagem ditada pelo Espírito Emmanuel, fonte: Revista Reformador, Publicação da FEB fevereiro/1987

(5) Pereira, Ivone. Devassando o Invisível, Rio de Janeiro: cap. V, edição da FEB, 1998

(6) idem

(7) João 5:17

(8) Mt 26:41



Sob o império de momo a “carnis” cobiça "valles" - é carnaval!

A cada ano pessoas mergulham numa falsa felicidade de 3 dias de “folia” (1) seguida de 362 dias de novas e reconstruídas aflições. Será lícito confundir “diversão” passageira com alegria real? O carnaval é um desses delírios coletivos que costumam ser classificados como “extravasadores de energias reprimidas” – será mesmo? Em verdade o entrudo (2) representa o momento em que pessoas projetam o que há de mais irracional e de mais incivilizado em si mesmas.

Há quem afirme ser o período do carnaval marcado pelo "adeus à carne", ou do latim "carne vale", dando origem à palavra. Embora não haja unanimidade entre os estudiosos, a terminologia pode estar associada à ideia de encanto dos prazeres do corpo (carnal) marcado pela expressão "carnis valles", sendo que "carnis" em latim significa carne e "valles" significa prazeres.

Já foi no passado a comemoração dos povos guerreiros, festejando vitórias; foi reverência coletiva ao deus Dionísio, na Grécia clássica (bacanália); na velha Roma imolava-se nessas ocasiões uma vítima humana (saturnália); na Idade Média era uma comemoração adotada pela Igreja romana, no século VI. Isso nos remete ao início do período da quaresma, uma pausa de 40 dias nos excessos cometidos durante o ano (mormente alimentação). (3) Assim, em sua origem não era apenas um período de reflexão espiritual, como também uma época de privação de certos alimentos como a carne.

Em Roma, em homenagem ao Deus Saturno, carros alegóricos (a cavalo) desfilavam com homens e mulheres. Eram

os carrum navalis. O termo carnaval pode derivar das iniciais da frase: “carne nada vale”. Outra interpretação para a etimologia da palavra é a de que esta derive de currus navalis, expressão anterior ao Cristianismo e que significa carro naval. (4)

Há muitos séculos o carnaval era marcado por grandes festas, em que se comia, bebia e participava de frenéticas celebrações e busca incessante dos prazeres. (5) Prolongava-se por sete dias (de dezembro) nas ruas, praças e casas da antiga Roma. Todas as atividades e negócios eram suspensos nesse período; os escravos ganhavam liberdade temporária para fazer o que quisessem e as restrições morais eram relaxadas. Um rei era eleito por brincadeira e comandava o cortejo pelas ruas (saturnalicius princeps).

O carnaval atual é modelado na sociedade da corte (vitoriana) do século XIX. A cidade de Paris foi o principal modelo exportador da homenagem a Momo para o mundo. Cidades como Nice, Nova Orleans, Toronto e Rio de Janeiro se inspirariam no carnaval parisiense para implantar suas novas festas carnavalescas.

Um fato é incontestável: a cultura do carnaval estabelece tudo o que aguça o primarismo humano, volúpia, sensualidade e prazer. Não propomos quaisquer normas proibitivas ou restrição de anseios pessoais. Até porque temos o livre arbítrio, e viver na Terra é fazer as escolhas pessoais. Sem medo de correr o risco de ser taxado de moralista, lembro que a Lei de Causa e Efeito preconiza a obrigatoriedade da colheita em tudo o que foi semeado livremente.

Para todas as situações da vida, lembremos sempre da recomendação de Paulo de Tarso: “Todas as coisas me são lícitas”. (6) Há os que julgam que a participação nas festas de Momo nenhum mal acarreta à integridade fisiopsicoespiritual. Divergimos desse ponto de vista.

A Doutrina Espírita nada proíbe, nem nada obriga, nem

censura o carnaval; mas igualmente, não endossa sua realização. Sabe-se que durante a folia de Momo são perpetrados abusos de todos os tipos e, mormente, desregramentos da carga erótica de adolescentes, jovens, adultos e até velhos (mal resolvidos); há consumo exagerado de álcool e outras drogas, instalação da bestialidade generalizada, excessos esses que atraem espíritos vinculados ao deletério parasitismo magnético, semelhantes às hienas diante de carcaças deterioradas (carniças).

É verdade! A Doutrina Espírita nem apoia nem condena o carnaval; todavia clarifica muitos aspectos ligados ao evento. Inobstante não dite regras coercitivas, cremos que o espírita deve ter completa ciência das implicações infelizes advindas desses festejos alucinantes. Logicamente não precisa se condenar o carnaval, nem temer por acreditá-lo uma festa "diabólica"; não precisa evadir-se por receio de atração dos seus "encantos", porém vigiar à distância da agitação. Se se aprecia o folguedo de Momo, deve-se ser um observador atento e equilibrado.

Não fossem os exageros, o carnaval, como festa de integração sociocultural, poderia se tornar um acontecimento compreensível, até porque não admitir isso é incorrer em erro de intolerância. Há muita gente que busca fazer do carnaval um momento de esperança, oportunizando empregos, abrigando menores, e isso é muito valioso. Entretanto, o grande saldo da festa se resume em três palavras: violência, ilusão e sensualidade.

Particularmente, não vejo outro caminho que não seja o da "abstinência sincera das folias". O ideal seria o emprego do feriadão para a descoberta de si mesmo, entrosamento com os familiares, leitura de livros instrutivos, frequência a reuniões espíritas, participação em eventos educacionais, culturais ou mesmo o descanso, já que o ritmo frenético do dia a dia exige, cada vez mais, preparo e estrutura físico-psicológica para os

embates pela sobrevivência.

Não há como “tapar o sol com a peneira” e ignorar que nesses períodos os foliões fascinados surgem de todos os antros para busca da perversão. A efervescência momesca é episódio que satura em si a carga da barbárie e do primitivismo. Há os que aniquilam as finanças familiares para experimentar o momento efêmero de “desfrutar” dias de total paranóia. Adolescentes, adultos e decrépitos se abandonam nas arapucas pegajosas das estéreis fanfarras. Não percebem que bandos de malfeitores do além (obsessores) igualmente colonizam as “avenidas e ruas” num lúgubre show de bizarrices. Malfeitores das penumbras espirituais se acoplam aos histriões fantasiados pelos fios invisíveis do pensamento por causa dos entulhos lascivos que trazem na intimidade.

Todos estamos sob influências das entidades do além-túmulo. Muitas fantasias de expressões ridículas são inspiradas pelos espíritos que vivem em regiões penumbrosas do além. Os espíritos excitam “nossos pensamentos e ações e essa influência é maior do que imaginamos porque, frequentemente, são eles [os espíritos] que nos conduzem”. (7) Pode parecer assustador tal afirmativa, ainda mais que se tem tais espíritos à conta de “demônios”.

Os três dias de Momo, portanto, poderão se transformar em três séculos de penosas reparações. Será que vale a pena pagar preço tão elevado? Os foliões incuráveis declaram que o carnaval é um extravasador de tensões, “liberando as energias”... Entretanto, no carnaval não são abrandadas as taxas de agressividade e nem as neuroses. O que se observa é um somatório da bestialidade urbana e de desventura doméstica. Após os festejos surgem as gravidezes indesejadas e a consequente proliferação de abortos, incidem graves acidentes de trânsito, acréscimo da criminalidade, estupros, suicídios, ampliação do consumo de várias substâncias estupefacientes, alcoólicos, assim como o surgimento de novos

drogados, disseminação das enfermidades sexualmente transmissíveis (inclusive a AIDS).

Existem muitas outras formas de diversão, recreação ou entretenimento disponíveis ao homem contemporâneo, algumas verdadeiros meios de alegria salutar e aprimoramento (individual e coletivo), para nossa escolha. Para os espíritas, merece reflexão a advertência de André Luiz: "Afastar-se de festas lamentáveis, como aquelas que assinalam a passagem do CARNAVAL, inclusive as que se destaquem pelos excessos de gula, desregramento ou manifestações exteriores espetaculares. A verdadeira alegria não foge da temperança.". (8) [grifamos]

Existem alguns centros espíritas que fecham suas portas nos feriados do carnaval por diversos pretextos inaceitáveis. Repensemos o seguinte: uma pessoa com necessidades imediatas de atendimento fraterno ou dos recursos espirituais urgentes em caso de obsessão – seria lógico fazê-la esperar para ser atendida após as "cinzas", uma vez ocorrendo essa infelicidade em dia de feriado momesco?

Como nosso imperativo maior é a Lei de Evolução, um dia tudo isso, todas essas manifestações ruidosas que marcam nosso estágio de inferioridade desaparecerão da Terra. Em seu lugar então predominarão a alegria pura, a jovialidade, a satisfação, o júbilo real, com o homem despertando para a beleza e a arte, sem agressão nem promiscuidade.

Referências bibliográficas:

(1) Do francês folle, que significa loucura ou extravagância sem que tenha existido perda da razão

(2) O entrudo chegou ao Brasil por volta do século XVII e foi influenciado pelas festas carnavalescas que aconteciam na Europa. Em países como Itália e França, o carnaval ocorria em formas de desfiles urbanos, onde os carnavalescos usavam

máscaras e fantasias.

(3) Excessos esses que incluem, segundo a crença da igreja romana, a alimentação

(4) Esta interpretação baseia-se nas diversões próprias do começo da Primavera, com cortejos marítimos ou carros alegóricos em forma de barco, tanto na Grécia como em Roma e, posteriormente, entre os teutões (povos germânicos que viveram no centro e norte da Europa).

(5) A Festa do deus Líber em Roma; a Festa dos Asnos que acontecia na igreja de Ruan no dia de Natal e na cidade de Beauvais no dia 14 de janeiro, entre outras inúmeras festas populares em todo o mundo e em todos tempos, têm esta mesma função.

(6) I Coríntios 10:23

(7) Kardec, Allan. O Livro dos Espíritos, questão 460, RJ: Ed FEB, 1990

(8) Xavier, Francisco Cândido e Vieira Waldo. Conduta Espírita, ditado pelo espírito André Luiz, RJ: Ed. FEB, 1999